

FACULDADE PEDRO II
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
TRABALHO CONCLUSÃO DE CURSO

**ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E DESIGUALDADES SOCIO ESPACIAIS: UM
ESTUDO DE CASO DO BAIRRO NOVA CONTAGEM REGIONAL VARGEM DAS
FLORES, MUNICÍPIO DE CONTAGEM/MG.**

HERON DE SOUZA RODRIGUES
PHILIP DE ALMEIDA SANTANA

BELO HORIZONTE – MG

2018

HERON DE SOUZA RODRIGUES
PHILIP DE ALMEIDA SANTANA

**ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E DESIGUALDADES SOCIO ESPACIAIS: UM
ESTUDO DE CASO DO BAIRRO NOVA CONTAGEM REGIONAL VARGEM DAS
FLORES, MUNICÍPIO DE CONTAGEM/MG.**

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado na Faculdade Pedro II como requisito básico para a conclusão do curso de graduação de licenciatura em Geografia.

Orientador: Altamiro Evangelista Braga

BELO HORIZONTE – MG

2018

Heron de Souza Rodrigues

Philip de Almeida Santana

**ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E DESIGUALDADES SOCIO ESPACIAIS: UM
ESTUDO DE CASO DO BAIRRO NOVA CONTAGEM REGIONAL VARGEM DAS
FLORES, MUNICÍPIO DE CONTAGEM/MG.**

Monografia a ser apresentada no Curso de
Licenciatura em Geografia da Faculdade Pedro
II como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Geografia

Prof. Me. Altamiro Evangelista Braga (Orientador)

Belo Horizonte, 11 de julho de 2018

AGRADECIMENTOS

É com grande satisfação que eu, Heron de Souza Rodrigues realizei este trabalho juntamente com meu amigo Philip de Almeida Santana, com esforços, dedicação e comprometimento na construção deste trabalho acadêmico que nos mateve em harmônia com nossos objetivos étnicos, profissionais, responsabilidades e o comprometimento com a importância desse trabalho científico, social e acadêmico.

Para a realização desse trabalho não seria possível sem a Faculdade Pedro II, e aos docentes a quem esteve sempre apoiando na construção da formação crítica, humana e construtiva para com seus educandos e a dedicada colaboração e apoio do Mestre e amigo Altamiro Braga nosso orientador a quem esteve disponível e atento as nossas dúvidas e questionamentos.

Agradeço aos amigos de graduação e em especial a Thaís Pereira Lima e Maykon Douglas de Moraes, amigos e companheiros de estudos com quem colaborou na elaboração dos mapas e contribuições construtivas para o desenvolvimento cartográfico deste trabalho.

E em especial aos meus irmãos e familiares a quem compreende a importância dos estudos para o desenvolvimento pessoal, social e profissional para a vida. E com satisfação para as minhas sobrinhas, Sara Teles Dias Cabral e Gabrielli Oliveira Rodrigues, que quando cresçam possam ler e vêem nesse trabalho motivos para buscarem e realizarem seus sonhos e objetivos. E que contribua e brinde aos leitores uma leitura ativa e construtiva na percepção social urbana.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por permitir que eu chegasse até aqui, mesmo em meio as dificuldades e outros fatores que indicavam que eu Philip de Almeida Santana, não poderia sair de onde sai e hoje está realizando um sonho que não era só meu, in memória da minha avó sra. Benta Mercês Santana e dos meus pais que nesse plano não se encontram mais encarnados, agradeço aos que torceram por mim e aos que foram como anjos pra me ajudar como a professora Lucia Arcebispo Do Espirito Santo que foi a pessoa que me ajudou quando tudo parecia ser o fim no que se referia a minha permanência na continuação do curso.

Agradeço também por ter conhecido pessoas que foram fundamentais para meu crescimento acadêmico e pessoal, hoje em especial o Heron De Souza, meu parceiro na elaboração desse trabalho de conclusão de curso e ao nosso professor e orientador Altamiro Evangelista Braga aos nossos professores, Everton Sena e Maria das Graças Martins Bibiano que nos repassaram o conhecimento e fizeram que hoje o meu conhecimento sobre a ciência geográfica crescesse, me ajudando não só a me tornar um professor mas melhorando-me como cidadão para o mundo.

RESUMO

O presente trabalho aborda as desigualdades socioespaciais na região sede Vargem das Flores no bairro de Nova Contagem. Com o objetivo de evidenciar a qualidade de vida, os serviços prestados pelos mecanismos públicos e privados e a desigualdade gerada pela especulação imobiliária que promove e provoca disparidades sociais no acesso à moradia. Desta maneira utilizou-se na pesquisa material bibliográfico de cunho exploratório, como escritos, eletrônicos e documentos específicos, assim como pesquisa de campo qualitativa e quantitativa, para analisar e interpretar os dados coletados. Portanto, aplicaram-se questionário aos moradores da localidade, pertinentes aos serviços básicos de infraestrutura fornecidos pelo governo e pela iniciativa privada. O resultado desta pesquisa aponta que a especulação imobiliária influencia na promoção da localidade para investimentos imobiliários e empresariais. Sendo assim, a região recebe o mínimo de serviços públicos e privados para o funcionamento básico. De modo que, esta região periférica da cidade de Contagem torna-se segregada devido à centralização das atividades econômicas de maior relevância.

PALAVRAS CHAVES:

ABSTRACT

This article deals with social and spatial inequalities in the region of Vargem das Flores, in the neighborhood of Nova Contagem. With the objective of showing the quality of life, the services provided by public and private mechanisms and the inequality generated by real estate speculation that promotes and causes social disparities in access to housing. In this way, bibliographic materials of exploratory nature, such as written, electronic and specific documents, as well as qualitative field research, were used to analyze and interpret the data collected. Therefore, a questionnaire was applied to local residents, relevant to the basic infrastructure services provided by the government and private initiative. The result of this research indicates that real estate speculation influences the promotion of the locality for real estate and business investments, so that the region receives the minimum of public and private services for the basic. That this peripheral region aContagem city is segregated due to the centralization of the economic activities of greater relevance.

KEYWORDS:

LISTA DE IMAGEM E FOTOS

FOTO 1 – Unid. de Pronto Atendimento (UPA).....	65
FOTO 2 – Rede de comércio	66
FOTO 3 – R. Via Principal 2 – VP2	67
FOTO 4 – R. Via Principal 2 – VP2	67
FOTO 5 – Praça de Lazer	68
FOTO 6 – Praça de Lazer	68
FOTO 7 – Nova Contagem.....	69
FOTO 8 – Nova Contagem.....	70
FOTO 9 – Penitenciária Nelson Hungria	71
IMAGEM 1 – Penitenciária Nelson Hungria	71

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Tem quanto tempo de residência (em anos) no bairro de Nova Contagem?.....	103
GRÁFICO 2 – Qual é a sua renda familiar, em salários mínimos?	104
GRÁFICO 3 – Qual é a sua percepção em relação ao custo de vida atual no país?	105
GRÁFICO 4 – Você usa o transporte público como meio de transporte principal? .	106
GRÁFICO 5 – Se sim, quantas passagens você utiliza por dia?	107
GRÁFICO 6 – Em relação à qualidade do transporte público qual é o seu nível de satisfação?	108
GRÁFICO 7 – Forma de aquisição do imóvel?	109
GRÁFICO 8 – Os serviços básicos como saúde, educação e segurança pública são prestados para a comunidade?	110
GRÁFICO 9 – Se sim, qual serviço apresenta a maior insatisfação?	111
GRÁFICO 10 – Serviços como água, saneamento básico, energia elétrica, internet, telefonia residencial e serviços bancários são prestados na região?	112
GRÁFICO 11 – Quais são os serviços que faltam?	113
GRÁFICO 12 – O fato de existir um presídio na região atrapalha na promoção da mesma para investimentos empresariais ou empreendimentos imobiliários?	114

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Localização do bairro Nova Contagem no município de Contagem no Estado de Minas Gerais – Brasil	73
MAPA 2 – Município de Contagem	86
MAPA 3 – Vargem das Flores.....	88
MAPA 4 – Município de Contagem: limites municipais	90
MAPA 5 – Município de Contagem: rede hidrográfica	92
MAPA 6 – Município de Contagem: Vargem das Flores – hidrografia	94
MAPA 7 – Municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte	96
MAPA 8 – Município de Contagem: relevo	97

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA UMA ANÁLISE PRELIMINAR	14
2.1 Especulações imobiliárias e os efeitos no espaço geográfico.....	19
2.2 O processo de urbanização e as transformações no ambiente “natural”	23
2.3 Infraestruras e fluxos de capitais.....	27
2.4 Impactos ambientais no contexto da urbanização.....	31
3 A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E AS DESIGUALDADES SOCIAIS	36
3.1 As formas e transformações socioespaciais no espaço urbano.....	40
3.2 Consequências do crescimento “desordenado” do espaço urbano.....	43
3.3 Relações capitais públicas e privadas.....	48
3.4 Reordenamento e reprodução espacial	52
4 METODOLOGIA	56
4.1 Revisão Teórica	59
4.2 Técnicas de pesquisa: análises das paisagens, questionários, entrevistas, fotografias, análise de imagens de satélites.....	61
4.3 Métodos de interpretação da paisagem	74
4.4 Métodos de interpretação de questionários e entrevistas	77
5 ÁREA DE ESTUDO	80
5.1 Caracterização geral	84
5.2 Sítio de estudo e pesquisa e área de estudo	93
5.3 Entrevistas.....	99
5.4 Tratamento dos dados.....	102
6 CONSIDERAÇÕES	115
REFERÊNCIAS	117

1 INTRODUÇÃO

O Trabalho realizado apresenta as diversas características, formas, estratégias e métodos que no uso do espaço geográfico apropriado para o funcionamento das atividades de produção e reprodução capitalistas, apresentam como mecanismos de segregação, articulação, dominação e fragmentação. A especulação imobiliária seja do capital privado nacional ou transnacional é um dos fatores com maior relevância no processo da segregação socioespacial, partindo de interesses que objetivam lucros e a melhor apresentação estética paisagística para maior rentabilidade financeira de acordo com a promoção de determinado centro urbano.

O Trabalho de Conclusão de Curso foi realizado na região e bairro de Nova Contagem, município de Contagem, pertencente à Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), Estado de Minas Gerais, Brasil. O local do estudo de caso é acessível e viabilizou o estudo em campo, com isso, pôde-se realizar entrevistas através de questionário aplicado aos moradores de cunho qualitativo e quantitativo, aproximando o trabalho com a real objetividade que até então indagara os autores da pesquisa com a realidade do cotidiano da comunidade escolhida como o objeto de estudo.

Portanto, a motivação para realização do estudo de caso no bairro de Nova Contagem, apresenta essas causas e efeitos envolvendo toda a engenharia da segregação social, promovida pelo poder público e privado em detrimento de interesses coletivos e particulares o que é evidenciado na ausência de equipamentos e serviços urbanos, para um bairro criado no final do século XX.

Dentro dessa perspectiva ideológica contemporânea onde a promoção de redes que distribuem e organizam a cidade com bairros destinados ao propósito do mercado(imobiliário, industrial, residencial e comercial) de acordo com a condição social e econômica de determinadas classes sociais.

O objetivo é demonstrar nesse trabalho os efeitos marcantes da atuação e utilização do espaço urbano pelo sistema capitalista que deixa claras as aspirações para o condicionamento social urbano, criando hierarquias sociais e econômicas para que se reproduza todo um sentimento imaterial de liberdade guiado pelo progresso idealizador da modernização sócio-espacial. Com isso, os

objetivos foram apresentados com a existência de motivações e ações promovidas por setores hegemônicos econômicos e políticos na distribuição e ordenamento social que envolvem estratégias para o condicionamento e normalização das consequências geradas e promovidas pelas desigualdades sócio-espaciais urbana que é evidente na área de estudo.

A localização torna-se inerente à distribuição gerando a reciprocidade dessas relações, constituindo uma posição geográfica no espaço e em seu interior uma distribuição. Desse modo nascem no espaço relações mútuas e correspondentes às organizações e distribuições, onde por sua vez criam e recriam o ordenamento territorial (SOARES, 2009).

2 A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA UMA ANÁLISE PRELIMINAR

Nesse capítulo são realizadas abordagens tratando de uma forma historiográfica da especulação imobiliária, sua construção ao longo do processo tempo e espaço que se apresentou na conjuntura da urbanização-industrialização¹, que reciprocamente, alterou completamente o habitat do ser humano a partir de sua fixação e expansão geográfica.

Há também os seus efeitos negativos no espaço urbano, provocado através de seus agentes², que vem promovendo concomitantemente as desigualdades socioespaciais. A desigualdade gerada no espaço urbano se dá conforme as necessidades da aplicação e ampliação em gerenciar os locais de distribuição capitalista, desigual em si, (locais de consumo, bairros, parques urbanos, área industrial e área central).

Com a crescente urbanização-industrial e o crescimento demográfico as cidades passam a registrar problemas ambientais, o meio ambiente como um todo, que têm o ser humano como o protagonista dessa dinâmica irracional no convívio com a natureza, que é a problemática causada pelos agentes citados anteriormente no mesmo parágrafo, sendo a indústria³ como um desses, fato esse que é ligado à dinâmica capitalista onde a produção efêmera de seus produtos ocasionando o consumo degradante.

As relações sociais apresentam-se na construção do espaço, que devido as suas evoluções nesse processo que está representado em todas as suas formas e dinâmicas nas alterações geográficas do nosso habitat, entre as existências de disputas e classes sociais, deste modo agindo e condicionando o território para a manutenção e expansão do capital especulativo, evidenciado no local e no global, assim, propiciando o campo para a especulação imobiliária (CAMPOS FILHO, 2001).

As ações do capital estão legitimadas no processo de evolução e reprodução do espaço-capital, á medida que ocorre o desenvolvimento do capital financeiro e tecnológico os espaços longínquos vão tornando se mais imediatos e

¹ CAMPOS FILHO, Cândido Malta. Cidades brasileiras; seu controle ou o caos, 2001.

² CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano, 1989.

³ SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Capitalismo e Urbanização, 2012.

próximos aos centros e decisões de poderes, com isso, as mudanças culturais sobre o espaço também tornam-se imediatas (HARVEY, 2001).

O progresso do pensamento geográfico propiciou o conhecimento e o avanço sobre os espaços desconhecidos em articulação com o desenvolvimento tecnológico as necessidades humanas foram se ampliando, como o domínio da natureza e sobre outros povos em decorrência da manutenção de poderes acumulados gerando as desigualdades, em acordo com a citação abaixo.

De acordo com David Harvey:

A acumulação do capital sempre foi uma ocorrência profundamente geográfica. Sem as possibilidades inerentes da expansão geográfica, da reorganização espacial e do desenvolvimento geográfico desigual, o capitalismo, há muito tempo, teria deixado de funcionar como sistema político e econômico (HARVEY, 2001, p. 193).

Com a apropriação de regiões urbanas em escalas menores pelos agentes imobiliários apoderaram-se desses espaços e o articulando com vieses econômicos e públicos alvos, orientando em suas publicidades como lugares seguros e modernos, conforme o padrão social econômico.

A especulação imobiliária urbana de modo geral no campo capitalista, uma forma pela qual os proprietários de terras recebem uma renda devido à transferência dos outros setores produtivos da economia, essencialmente através dos investimentos públicos na infraestrutura e serviços urbanos, que é o meio de produção, reprodução e consumo coletivo do espaço urbano (CAMPOS FILHO, 2001).

A classe dominante ou dirigente atua segregando os outros grupos sociais na medida em que controla o mercado de terras, a incorporação imobiliária e a construção, direcionando seletivamente a localização dos demais grupos sociais no espaço urbano. Atuando indiretamente através do Estado (CORRÊA, 1989).

Portanto, há tanta necessidade em deter e manter o controle do espaço habitado e aqueles futuros espaços em expansão urbana, assimorquestrando ideologicamente o preparo e uso social do espaço-mercadoria.

A utilização do solo urbano, conforme Campos Filho:

No quadro do capitalismo, a distribuição da população e das atividades econômicas no solo urbano segue a regra básica pela qual quem pode mais, em termos de poder aquisitivo, melhor se localiza nas estruturas das

idades em relação ao emprego, à oferta de serviços urbanos, ao comércio e serviços em geral, especialmente os de cultura e lazer (CAMPOS FILHO, 2001, p.46).

A prática dessa especulação tem por finalidade adquirir grandes áreas em regiões não necessariamente urbanas, mas sim, próximas a elas, pois os grandes centros urbanos passam por revitalizações, ou seja, Gentrificação⁴, pois, são áreas centrais e em seu entorno, que antes bairros operários, invadidos e ocupados por classes altas e médias, provocando o aumento dos valores do consumo naquele espaço (VASCONCELOS, 2013).

A compra dessas áreas por empresas ou grupos corporativos não significa que será utilizado imediatamente, pelo contrário, aumentará os valores das habitações próximas e o consumo naquela região, ocorrerá também uma demanda para as construções de imóveis e infraestruturas nesse local.

Essas distintas realidades que fazem com que o capital especulativo imobiliário tenha seu fluxo de capital acumulativo e o excedente para a sua realização no espaço urbano, adquirindo via apropriação especulativa as áreas circundantes a serem exploradas.

A aquisição de áreas circundantes aos centros urbanos ou no interior de cada cidade torna-se muito lucrativo para grupos imobiliários em possuí-las, pois, os valores dos imóveis e das terras circundantes já se alteram com a sondagem, assim com a apropriação consolidada a especulação torna-se evidente em países como o Brasil, assim, aproximando-se da citação abaixo.

De acordo com Campos Filho:

Esse fator é a mencionada especulação imobiliária tanto com a terra rural nas vizinhanças das cidades na expectativa de que se tornem urbanas como a especulação imobiliária com as terras urbanas no interior das cidades, que se apresenta com grande intensidade nos países de capitalismo periférico (CAMPOS FILHO, 2001, p. 46).

Com a consolidação da compra das terras por meio de grupos imobiliários ocorre a demanda por serviços públicos que em consonância atraem novos empreendimentos privados sobre a nova região que se incorpora no circuito de produção e reprodução social.

⁴ VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A cidade contemporânea: segregação espacial, 2013.

Essas regiões aguardam por serviços públicos, como, escolas, creches, hospitais, cartórios, etce também os de infraestruturas, água, esgoto, energia, ruas asfaltadas, etc, estas associações entre o poder público e privado, melhoram o acesso á esta região por abertura de vias, pavimentação e transporte que geram a mobilidade no seu acesso a localidade, que passa a gerar as demandas por fluxo comercial e para reprodução do capital financeiro imobiliário.

Essas melhorias acabam aumentando o valor para a posse da habitação, ou seja, da residência própria, portanto, mudando as características físicas e estéticas da localidade muda imediatamente os valores dos imóveis, elevando os valores de consumo e o padrão de vida de toda comunidade e região.

Através do discurso oficial, certas empresas são apresentadas como salvadoras dos lugares e são apontadas como credoras de reconhecimento pelos seus aportes de modernidade e emprego. Onde surge a crença de sua indispensabilidade, fator da presente guerra dos lugares e, em muitos casos, de sua atitude de chantagem distante do poder público, ameaçando retirar se quando seus reclamos não são atendidos (SANTOS, 2012).

As alterações realizadas na paisagem natural para a paisagem cultural no entorno ou no interior das cidades transformadas pelos grupos imobiliários não modificam apenas o lugar, mas toda a dinâmica das relações sociais e econômicas, que ganham prestígios perante o público alvo, isso torna os grupos empreendedores atuantes nas políticas de obras públicas e na organização urbana.

Milton Santos complementa que:

As mudanças são quantitativas, mas também qualitativas. Se até mesmo nos inícios dos tempos modernos as cidades ainda contavam com jardins, isso vai se tornando mais raro: o meio urbano é cada vez mais um meio artificial, fabricado com restos da natureza primitiva, crescentemente encobertos pelas obras dos homens. A paisagem cultural substitui a paisagem natural e os artefatos tomam, sobre a superfície da terra, um lugar cada vez mais amplo (SANTOS, 2014, p. 46).

Com toda a transformação que é realizada sobre a região escolhida pelos grupos imobiliários os tornam grupos políticos, exercendo com o poder de instigar e dissuadir nas pressões sobre o espaço urbano, na escolha do empreendimento, organização e distribuição na cidade.

Esses avanços especulativos imobiliários sobre as áreas urbanas criam-se uma idealização de moradias e localidades, o lugar dos melhores e piores

bairros, portanto, estigmatizando determinados bairros, simplesmente por estarem distantes das áreas centrais das grandes ou médias cidades. Mas quando e qualquer alteração de acesso e infraestrutural ou de serviços ocorrerá o aumento imediato no preço das residências desses bairros, ou seja, o grupo empreendedor ganha quase sempre um valor exorbitante ao final da venda do imóvel.

Em decorrência da marcante desigualdade social que reflete visivelmente sobre os bairros e moradias, ocasionando disputas que geram conflitos, onde bairros sejam privilegiados, contendo maiores acessos aos serviços públicos que outros bairros apartados que apresentam habitações de maior precariedade, expondo o pensamento citado abaixo.

Conforme Milton Santos:

O exame do que significa, em nossos dias, o espaço habitado deixa entrever claramente que atingimos uma situação-limite, além da qual o processo destrutivo da espécie humana pode tornar-se irreversível (...). Agora o fenômeno se agrava, na medida em que o uso do solo se torna especulativo e a determinação do seu valor vem de uma luta sem trégua entre os diversos tipos de capital que ocupam a cidade e o campo (SANTOS, 2014, p. 48).

Essas disputas e conflitos são devido aos baixos investimentos no acesso a moradias e infraestruturas básicas, que não ocorre de forma homogênea, pois partem antes da estrutura da construção desigual de sociedade, que herdada pelo modelo colonial urbano.

O espaço urbano capitalista é complexo devido à ação dos agentes sociais que elevam a constante reorganização espacial que se faz na incorporação de novas áreas ao espaço urbano, e estendendo-se demograficamente o uso do solo, deteriorando certas áreas, recriando estruturas para essas novas áreas, seja de forma coercitiva ou não, para o conteúdo social e econômico para determinadas áreas da cidade (CORRÊA, 1989).

Como a utilização do espaço urbano é de orientação para a produção e reprodução capitalista ele demanda por reformulações, formações e concentração das atividades que exercem sobre o espaço urbano, que demanda continuamente de novos meios tecnológicos como fonte de articulação, seguindo a próxima citação.

Neste sentido DavidHarvey expõe que:

A racionalização geográfica do processo produtivo depende, em parte, da estrutura mutável dos recursos de transporte, das matérias primas, e das demandas do mercado em relação à indústria, e da tendência inerente a aglomeração e à concentração da parte do próprio capital. No entanto, essa tendência exige, para sustentá-la, a inovação tecnológica (HARVEY, 2001, p. 52).

O espaço urbano está em constante transformação em decorrência das transformações capitalistas e tecnológicas que inserem um ritmo acelerado de transformação sobre o espaço, que por sua vez condicionada às relações dos indivíduos com o meio urbano, tais como o econômico, cultural e artístico.

2.1 Especulações imobiliárias e os efeitos no espaço geográfico

As cidades ocidentais, originalmente chamadas de Burgos, tornaram-se os centros atrativos para a classe burguesa que queria se libertar do trabalho servil no campo. Assim as cidades tornaram-se o centro político, econômico, social e cultural, dando ao ser humano a oportunidade de ter o trabalho em seu próprio proveito, e com isso, promovendo fortíssimas alterações geográficas em seu novo habitat, conforme as suas necessidades. O trabalho do ser humano por si só muda e altera a natureza, pois, seu esforço é o prolongamento da conservação de sua vida e do seu grupo (SANTOS, 2014).

Portanto, com a crescente especialização coletiva dos novos centros urbanos foram se agrupando com os novos contingentes humanos que buscam as suas liberdades laborais, individuais e políticas como novas fontes de aspirações, entretando, jamais deixariam de ser governados por corporações e pelas confrarias.

Os novos centros urbanos após a idade média atraíram as pessoas pelas possibilidades de serem livres, exercerem seu próprio destino através de suas habilidades laborais, que há princípio foi um novo paradigma social, como relata a citação.

Milton Santos esclarece que:

A cidade reúne um considerável número das chamadas profissões cultas, possibilitando o intercâmbio entre elas, sendo que a criação e a transmissão do conhecimento têm nela lugar privilegiado. Dessa forma, a cidade é um elemento impulsionador do desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas (...). Alguns autores, entre os quais o próprio Marx, afirmam que, em seus primórdios, o capitalismo é revolucionário na história da humanidade, pois, entre outras coisas, aumentou o número de pessoas que

habitam as cidades, que têm então o caráter transformador, e fez crescer o trabalho livre (SANTOS 2014, p. 60).

As cidades passaram por grandes mudanças, sociais, políticas, culturais, econômicas, artísticas e tecnológicas que se tornaramo mesmo tempo o desenvolvimento mutuamente com um capitalismo nascente, que passou a ser o novo modelo de produção social, alterando todas as estruturas de relações políticas e sociais anteriormente.

A partir daí os centros urbanos foram se ampliando populacionalmente e expandindo-se comercialmente, havendo a necessidade de se terem novos espaços, tornando se assim o novo sistema adotado pela nascente sociedade capitalista e permitindo a conectividade entre essas novas áreas urbanas.

O conhecimento geográfico é caracterizado como fator primordial para a classe burguesa no seu conhecimento prévio, pois, o empreendedorismo do capitalista tem a necessidade cada vez maior sobre o domínio e controle do espaço geográfico.

As estruturas de integração entre essas novas áreas urbanas para a sua expansão e movimentações de mercadorias e pessoas. Devido ao trabalho humano e a crescente industrialização, ou seja, a ampliação capitalista sobre os horizontes geográficos alterou-se completamente as paisagens territoriais.

Essas mudanças históricas sobre a paisagem natural executada pela ação do ser humano impactam em toda a dinâmica em seu entorno, tornandoa paisagem artificial, que é um sistema relacionado como o modelo de exploração do sistema vigente, como relata na citação seguinte.

De acordo com Milton Santos:

A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem; já, grosseiramente, podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente já não existe. Se um lugar não é fisicamente tocado pela força do homem, ele é, todavia objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas (SANTOS, 2014, p.71).

As terras, todavia, inexploradas sofrem assédio para a sua exploração e controle pelo modelo capitalista de produção, pois, essas áreas tornam se a base da expansão política e econômica dos detentores do capital que tem como princípio o lucro.

A especulação imobiliária tornou-se umas das novas técnicas de se fazer com que o capital excedente ocioso seja inserido na produção e (re)organização da cidade. Esses novos métodos e técnicas do capitalismo iniciaram-se na França, especificamente na cidade de Paris, em meados do século XIX, não somente a França, mas outros Estados da Europa passavam por crises financeiras e altas taxas de desempregados (HARVEY, 2012).

A cidade de Paris tornou-se “a cidade das luzes”, não somente o status de modelo urbano mundial, mas o que também mudou completamente todo o sentido da vida urbana parisiense. Com um sistema de distribuição de energia, pode-se ampliar a cidade integrando a área suburbana, construir grandes centros de consumo, turismo, novos edifícios públicos e privados, rede de hotéis, bairros remodelados, corredores, avenidas, praças, parques urbanos, estações de trens ferroviários urbanas, boulevards e vias (HARVEY, 2012).

A paisagem está em sintonia e em conflitos com as mudanças realizadas sobre ela, com isso, há a troca constante sobre a paisagem, pois, como fonte de produção e realização para o ser humano, que se apropria em benefício comum e particular como fonte continuada da distribuição e reprodução capitalista, conforme a citação a seguir.

Segundo Milton Santos:

A relação entre paisagem e produção está em cada forma produtiva necessita de um tipo de instrumento de trabalho. Se os instrumentos de trabalho estão ligados ao processo direto da produção, isto é, à produção propriamente dita, também o estão à circulação, distribuição e ao consumo (...). Por essa razão a paisagem urbana é mais heterogênea, já que a cidade abarca diversos tipos e níveis de produção (SANTOS, 2014, p. 72).

Ao modificar as paisagens o ser humano imprime um novo compasso com novas técnicas e tecnologias para manutenção do sistema capitalista que se utiliza de meios físicos e publicitários para atuar, em detrimento dessas relações econômicas e sociais torna os centros urbanos como centro irradiador, atraente do consumo e realizações.

Os efeitos nas alterações do espaço geográfico são gerados pelo trabalho e do esforço humano em promover na natureza quase que sempre em benefício para sua sobrevivência e domínio sobre seu habitat, o que se torna uma relação

simbiótica nas alterações e mudanças entre homem e natureza, porque ao alterar seu habitat, muda suas realizações e idealizações nesse espaço (SPOSITO, 2012).

As atuais cidades destacam-se por se consolidarem como o modelo e estilo de vida que a torna centralizadora dos poderes dominantes em termos culturais e financeiros, já que sua construção realizou-se concomitantemente com o início da revolução industrial, atraindo cada vez maior o número de pessoas, e assim, libertando-se de poderes centralizadores, tais como o religioso e do senhor feudal, como destaca a seguinte citação.

De acordo com Maria Encarnação Beltrão Spósito:

É notória a expressividade do fato urbano pré-capitalista. São bons exemplos disto, tanto as cidades antigas localizadas na bacia do mediterrâneo, quanto às orientais, todas essencialmente políticas. Podemos destacar inclusive o papel das “cidades” feudais, pois ainda que fossem pequenas e tivessem muitas vezes um caráter urbano discutível, pelo seu papel pouco político e muito mais religioso, estavam inseridas na economia feudal, e ao mesmo tempo em luta contra ela (SPOSITO, 2012, p. 30).

É da natureza humana em conviver coletivamente, em comunidades, grupos, ou seja, para sua sobrevivência e existência. Para isso, deram-se muitos conflitos e armistícios, na busca de localizações privilegiadas geograficamente e desenvolvimento técnico-científico da humanidade.

A cidade capitalista constitui-se em suas áreas destinadas às organizações em conjuntos conflituosos, porém unidas, em seu uso da terra urbana, como a propriedade privada, propriedade pública ou corporativista. Tais usos definem as localidades conforme são empregados às necessidades de uso, entretanto, essas funções desempenham-se em regiões comerciais, residenciais, industriais, locais de lazeres e a área central, há áreas a serem exploradas futuramente, aguardando a expansão urbana, pois, assim dando-se a especulação imobiliária, seja dos agentes públicos, privado ou corporativista nesse espaço (CORRÊA, 1989).

Contudo, essa violência estrutural que apresenta-se na presença das manifestações conjuntas e compartilhadas da atual globalização, o dinheiro em estado puro e único, da competitividade desleal da potência em estado puro, cuja associação conduz à emergência de novos totalitarismos e espoliação o que permite

pensar no que vivemos nessa época de globalitarismo⁵ muito mais que globalização (SANTOS, 2012).

Com isso forma-se o espaço urbano, que conduzem todas as relações de convívios e conflitos mutualmente, formando a organização e a desorganização espacial urbana, que se caracteriza nas relações humanas, espaço e natureza nem sempre harmoniosas.

Nas cidades contemporâneas são, por esse motivo, os estágios de campos de lutas em que os poderes globais e os significados e identidades teimosamente locais encontram-se, e chocam-se, confrontam-se e buscam um acordo satisfatório, ou apenas tolerável, modo de convivência que, imagina-se, para uma paz duradoura, mas o que demonstra apenas um armistício, breve intervalo para arrumar defesas rompidas e redistribuir unidades para a batalha. E este confronto, é nada isolado, que propõem movimento e orienta a dinâmica da cidade “líquido⁶-moderna” (BAUMAN, 2007, p.87).

As alterações realizadas pelo ser humano no espaço geográfico são criações que vão sendo desenvolvidas, acumuladas e aprimoradas sobre as construções históricas no seu ambiente natural, surgindo novas formas que quase sempre em sua realização de modo de vida, convívio, conflito, ideologia⁷ de vida em suas totalidades ancoradas no espaço geográfico. Com isso as mudanças não são apenas estruturais na modificação da natureza, mas sobre tudo nas intenções de poder, partindo sempre do princípio da classe hegemônica em curso.

2.2 O processo de urbanização e as transformações no ambiente “natural”

As cidades, não é o que sempre foi, portanto, a urbanização se deu conforme as ações, eventos e fatos socioespaciais durante toda a presença do ser humano sobre a face da Terra, alterando o Espaço⁸. Dessa forma no tempo-espaço

⁵ SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal, 2012. Nessa obra o autor descreve as distintas atuações e dos efeitos da globalização, o mundo como fábula, como perversidade e como possibilidade.

⁶ BAUMAN, Zygmunt. Tempos líquidos, 2007. Essa obra o autor faz reflexões sobre o cotidiano nos grandes centros urbanos, como insegurança, ansiedades, desigualdade e a globalização.

⁷ CHAUÍ, Marilena. O que é Ideologia, 2008. A autora descreve a origem do termo Ideologia como a gênese das Ideias, onde os primeiros ideólogos eram contra as políticas absolutistas e o sistema religioso de educação e posteriormente o termo sendo apropriado pela classe política.

⁸ SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado, 2014. Nesta obra o autor descreve os principais conceitos da geografia dentre eles o Espaço.

foram se constituindo em relações basicamente para a sobrevivência da espécie humana, mediante tanta complexidade que seu espaço pode oferecer. Contudo, o conhecimento acumulado e o vivenciado sobre o espaço habitado, fez com que os seres humanos aprimorassem-se os saberes sobre o controle e entendimento dos fenômenos da natureza, tais como; onde se proteger, onde caçar, plantar e fixar-se, pois, não seria possível sua existência sem o desenvolvimento cultural (SPOSITO, 2012).

As relações que foram e as que são produzidas pelo ser humano em articulação com o espaço se dá desde seu surgimento sobre o Planeta Terra, como a busca de alimentos e a proteção o que aumentava seu maior tempo de sobrevivência no seu habitat, explicitado na seguinte citação.

Maria Encarnação Beltrão Sposito identifica que:

O período paleolítico é marcado pela não fixação do homem, pelo nomadismo enfim. Contudo, as suas primeiras manifestações de interesse em se relacionar com algum lugar são deste período, e podemos reconhecê-las por dois fatos. Primeiro, pela respeitosa atenção que o homem paleolítico dispensava a seus mortos, preocupando-se com que eles tivessem um lugar, uma "moradia", apesar do caráter itinerante e inquieto dos vivos (SPOSITO, 2012, p. 12).

Com os motivos de melhor defender e cuidar de seus familiares e entes que vinham a falecer propiciou o sedentarismo do homem, sua fixação o condicionou a tomar a posse de um determinado espaço privilegiado e o transformado em lugar de desenvolvimento, lutas e realizações.

Assim, a situação tempo-espaço vai orientando as evoluções na história do ser humano, a partir dos fatos, foi se criando condições para a fixação, após o relativo domínio sobre o seu habitat, plantando, colhendo e domesticando animais. Até chegar a esse processo passaram-se milhares de anos, que se denominou como o mesolítico. Isto ocorreu aproximadamente há cerca de 15 mil anos e todo esse processo deu-se a passos lentos, pois, somente entre três a quatro mil anos depois, que se sistematizaram, através do plantio, domesticação de outras espécies de plantas e criação de animais em rebanhos (SPOSITO, 2012).

Embora o homem tenha conseguido domesticar a natureza, também foi domesticado por ela, a si mesmo, e devido ao conhecimento cultural adquirido, e a reprodução da própria espécie foi o que lhe tornou sedentário, o transformou em um novo ser, o ser humano neolítico. O ser humano foi aglomerando-se em locais

propício a sua sobrevivência, surgiram às aldeias, mas por realizarem apenas atividades primárias que eram divididas apenas pela força física, sexo e idade, não se estruturava como uma cidade, com a divisão de trabalho, ou seja, uma organização mais complexa (SPOSITO, 2012).

A aldeia passou a produzir e desenvolver melhor sua técnica de plantio o que criou o excedente alimentar. Isso tornou alguns homens livres para outras atividades que pudessem exercer o que possibilitou o início da divisão social do trabalho, pois, embora não a única foi originando a cidade. Surgiram grupos que antes eram caçadores dedicados a proteger os aldeões e que passaram a governá-los no decorrer do tempo (SPOSITO, 2012).

Segundo Maria Encarnação Beltrão Sposito:

A relação de dominação criada entre aldeões e caçador-chefe político-rei, criou condições para uma relação de exploração. Os atributos tão característicos da vida urbana provavelmente originaram-se no respeito ao “caçador” traduzidos nas oferendas ao rei. As oferendas, e depois o pagamento sistematizado de tributos, nada mais eram do que a realização concreta da transferência do excedente agrícola, do mais-produto, revelando a referida participação diferenciada dos homens no processo de produção, distribuição e apropriação da riqueza. Aí se originou a sociedade de classes, e se concretizou a última condição necessária e indispensável à própria origem da cidade (SPOSITO, 2012, p. 16).

As cidades passaram por um longo período de desenvolvimento histórico-geográfico com base no poder político-centralizado, econômico, social e cultural, com a enorme contribuição das atividades humanas no trabalho sobre o espaço habitado. Entretanto tiveram períodos onde a urbanização esteve em processo de estagnação, ou seja, tornaram-se áreas exclusivamente agrícolas, de produção feudal, relação entre senhor e servo, isso ocorreu durante a idade média século V ao XV (SPOSITO, 2012).

No sentido mais amplo a expressão indústria traduz o conjunto de atividades humanas, ou seja, o trabalho que tem por objeto a produção de mercadorias, através da transformação dos produtos da natureza. Portanto, a própria produções artesanais doméstica a corporativa e a manufatureira representam formas de produção industrial, um primeiro passo no sentido de transformar a cidade efetivamente num espaço de produção (SPOSITO, 2012).

O ambiente antes natural ao ser modificado pelo humano que passa a viver, vivenciar e ao final apropriando se da natureza, o faz grandes transformações

nesse habitat, pois, será transformado conforme suas necessidades, pessoais, político, artístico, econômico e cultural o que é determinado por cada período de tempo, exemplificado na seguinte citação.

De acordo com Milton Santos:

O homem também vai impondo á natureza suas próprias formas, a que podemos chamar formas ou objetos culturais, artificiais, históricos. Essas formas históricas não são as mesmas através dos tempos; aqueles acréscimos dos tempos primitivos são diferentes dos atuais. Hoje, as formas impostas à natureza são muito mais complexo resultado também de série de heranças (SANTOS, 2014, p. 97).

As modificações que o ser humano produz na natureza em determinado tempo e espaço são resultados de sua criação e existência naquele período, com o continuo desenvolvimento técnico-científico as formas impostas tornam-se mais complexas o que demonstra os sentidos e motivos da herença presente na paisagem.

O ambiente natural o deixa de ser natural, logo após as alterações e modificações em que o ser humano atua sobre ele, tornando-o proprietário desse meio e o conduzindo de acordo com suas necessidades imediatas e futuras. O ambiente passa a se tornar o espaço geográfico, em que acontecem nas relações entre o ser humano e seu meio, entretanto, o meio alterado pelo homem o torna também pertencente a esse meio, pois, sua identificação cultural o faz ser parte viva, atuante e modificador do seu habitat.

Com a apropriação de um espaço o ser humano desenvolve seus meios técnicos e científicos mediante a cultura herdada e aprimorada de seus antepassados, o trabalho exercido sobre o espaço o torna dono de seu destino, criando fazeres diferente e inovando e configurando seu território, apresentado na citação a seguir.

Portanto, para Milton Santos:

Em cada momento histórico os modos de fazer são diferentes, o trabalho humano vai se tornando cada vez mais complexo, exigindo mudanças correspondentes às inovações. Por meio das novas técnicas, vemos a substituição de uma forma de trabalho por outra, de uma configuração territorial por outra. Por isso o entendimento do fato geográfico depende tanto do conhecimento dos sistemas técnicos (SANTOS, 2014, p. 74).

A consolidação e domínio sobre o espaço geográfico demandam a sua manutenção que é a renovação e inovação de meios técnicos e científicos, ou seja,

a constante aprimoração nas relações de trabalho que inside sobre o ser humano e seu meio.

O espaço seria um conjunto de relações e objetos que realizam se sobre os objetos em si, não especificamente entre eles, mas para os quais são intermediários. Esses objetos atuam para concretizarem-se numa série de relações. E o espaço é o resultado dessas ações dos homens sobre o próprio espaço, que relacionam se intermediados sobre os objetos, naturais e artificiais (SANTOS, 2014).

2.3 Infraestruras e fluxos de capitais

O processo de decadência do feudalismo a partir do século XIV na Europa,propiciou uma “tranquilidade social” junto com o crescimento populacional, tornou-se inevitável a necessidade de expansão econômica, com a reabertura do Mar do Mediterrâneo o comércio ganhou impulso, as cidades cresceram e nessa evolução originou-se o inicio de uma nova forma de execução do comércio, fase essa chamada Mercantilismo entre os séculos XV e XVIII que variava de país para país, onde o objeto comum era fortalecimento do Estado e a burguesia fazendo a transição do feudalismo para o capitalismo.

A cidade ganha corpo fisico, demográfico, tecnológico e poder econômico a partir de sua expansão infra-estrutural, ou seja, área urbana de linhas e redes de comunicação com o local e o global, de maneiras reciprocamente políticas entre trocas, perdas e ganhos. A propriedade no período feudal comporta uma relação entre terra e os seres humanos, o senhor usa a terra em nome dele e da terra, com ele, se personifica. Com isso, é necessário que se rompa essa relação para que se crie um novo sistema ideológico, político e econômico (LEFEBVRE, 2001).

A ruptura com senhor de terras alterou as estruturas do feudalismo, onde o servo gradualmente foi rompendo os laços senhoriais existentes, a busca por melhores condições e abandonando a vassalagem, assim, sendo o dono do próprio destino, exemplificado na seguinte citação.

De acordo com Henri Lefebvre:

O servo é o acessório da terra, mas o herdeiro (o filho mais velho do senhor) pertence também a terra, pátria local, singurlamente limitada, que contém a família senhorial, a casa senhorial, a linhagem e a vassalagem e sua história. (...) Nada de intermediário obscuro, como o dinheiro. A situação política tem então um lado sentimental. (...) É necessário “que a

propriedade fundiária, raiz da propriedade privada, seja arrastada toda inteira no movimento desta, e torne-se uma mercadoria” (LEFEBVRE, 2001, p. 32).

A dependência do vassalo ao senhor da terra termina-se, porém a propriedade fundiária segue em poder do senhor feudal, e o uso e a posse da terra se tornarão mercadoria.

A cidade mantém uma série de relações com o mundo exterior a ela, ligações que envolvem fluxos de capitais, mercadorias, pessoas e idéias. Por isso ela é um foco de transportes inter-regionais. Este é um lugar comum a respeito da cidade, mesmo na fase pré-capitalista ou na fase mercantilista do capitalismo (CORRÊA, 1989).

O desenvolvimento comercial, industrial, financeiro e tecnológico está intrinsecamente ligado no desenvolvimento do espaço geográfico, social e urbano, ou seja, nas relações homem e seu habitat, que nos tempos atuais, apresentando-se nas cidades, bairros e habitações em constantes movimento de pessoas e mercadorias. “O começo da história do homem, os instrumentos de trabalhos eram separados, hoje cada vez, mas indivisíveis, como uma estrada de ferro, autopista etc. E o caminho histórico dos instrumentos de trabalho vai, cada vez mais, da divisibilidade à indivisibilidade e do dado isolado ao sistema. O que ocorre com a energia elétrica, água, o telefone etc” (SANTOS, 2014, p.73).

As relações de trabalho na cidade são divididos e estruturadas por meios técnicos-científicos e instrumentos de construção, distribuição e consumo que possibilita as diversas partes da cidade em se comunicarem. Descrito na seguinte citação.

Conforme Milton Santos:

O espaço é, também e sempre, formado de fixos e fluxos. Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto, é o espaço. Os fixos nos dão o processo imediato do trabalho. Os fixos são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens (...). Os fluxos são o movimento, a circulação e assim eles nos dão também a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo (SANTOS, 2014, p. 85).

Através desses fenômenos que integram a cidade culturalmente, economicamente e socialmente, contém nos meios técnicos e científicos como o interlocutor e guia do sentido e padronização dos fluxos das cidades.

A circulação de capital deve ser completa em uma determinada extensão de tempo. HARVEY, 2005, p. 145, o denominou de “tempo de rotação socialmente necessário”, isto é, o tempo médio para girar certa quantidade de capital em relação à taxa média de lucro para as condições normais de produção e circulação. Para os capitalistas individuais que giram seu capital mais rápido do que a média social obtém lucros excedentes no mercado.

As engenharias de meios técnicos e científicos produzem racionalidades que favorecem as articulações dos mercados e consumo, com isso, há necessidades das infra-estruturas físicas de uma cidade, que pode se beneficiar ou tardar esse desenvolvimento, expressado na seguinte citação.

De acordo com David Harvey:

A produção de ciência e tecnologia, e o provimento de infra-estruturas sociais de educação, saúde, serviços sociais, justiça, administração pública, execução da lei e defesa militar, definem áreas em que o tempo de gestação dos projetos é longo, e o retorno dos benefícios (se houver) demora muitos anos. Os investimentos desse tipo dependem da criação prévia de excedentes tanto de capital como de força de trabalho em relação às necessidades correntes de consumo (HARVEY, 2005, p. 136-137).

A importância do Estado no papel de gestor social em trabalho conjunto com o setor privado direciona a forma de utilização do espaço, que beneficie ambos, hora na locação residencial, e em outros momentos na criação centros industriais e comerciais.

A cidade ganha formas que são direcionadas, o valor⁹ no espaço e o valor do espaço, tornando se mercadorias, e tendo, através das infra-estruturas o condicionante responsável pelo gerenciamento de toda lógica-capital da área urbana. Com isso e verídica à relação de fluxos de capitais com as infra-estruturas, pois, é o que determina o sentido mercadológico do espaço urbano (MORAIS, 1987).

Portanto, é necessária a livre circulação de capitais e pessoas para a construção e expansão da área urbana. Do ponto de vista do processo de desenvolvimento capitalista no amplo sentido, parecem condições necessárias à livre mobilidade geográfica da força de trabalho e sua fácil adaptação à inconstante circulação do capital no espaço (HARVEY, 2005).

⁹ MORAES, Antônio Carlos Robert. A valorização do espaço, 1987.

As cidades atuais, a industrialização-urbanização nos países capitalistas desenvolvidos deu-se de forma tão heterogênea e conflituosa como o que vem ocorrendo nos países ditos subdesenvolvidos, ou em desenvolvimento, entre os quais se inclui o Brasil (CAMPOS FILHO, 2001).

Nas cidades que contam com alto padrão tecnológico em sua grande parte em países do hemisfério norte, os seus habitantes apresentam um grau elevado de escolaridade o que torna na produção e domínio técnico-científico, o que os beneficia em sua maior independência econômica e social, integrados na economia tecnológica e de mercado, o que distingue dos habitantes das cidades do hemisfério sul, exemplificado na citação abaixo.

Como declara Campos Filho:

Nos países desenvolvidos, o conjunto da população está, via de regra, integrado na economia de mercado, enquanto nos subdesenvolvidos boa parte da população ainda se encontra em uma economia cuja organização produtiva lhe provê apenas a subsistência imediata, (...) (CAMPOS FILHO, 2001, p. 29).

Os grandes centros urbanos de países em via de desenvolvimento há uma maior fragmentação econômica decorrente das desigualdades herdadas do seu processo de construção social, o que prejudicou a incorporação do trabalhador ao mercado de trabalho fragilizado.

O processo de urbanização, o fenômeno campo-cidade nesses países, dá-se por pressões positivas, através de melhores condições de trabalho e negativas ou expulsados do campo, tanto pelo crescimento vegetativo dessas populações como por mudanças tecnológicas na produção agrícola e formas de produtos liberadores de mão-de-obra, como o gado, a soja e o arroz, hoje no Brasil (CAMPOS FILHO, 2001).

O exôdo rural em meados do século XX no Brasil projetou o atual cenário urbano, com a chegada de maquinários e tecnologias que descartavam o homem da produção agrícola, implicando a saída dos mesmos para os grandes centros urbanos, apontado na citação a seguir.

Segundo Campos Filho:

No caso de países como o Brasil, que apresenta amplas reservas de terras inexploradas ou pouco exploradas, os expulsos do campo, em tese, poderiam para aí se dirigir em vez de migrar para as cidades. No entanto,

dependendo da forma como tais são abertas à produção agrícola, podem absorver muita ou pouca mão-de-obra. A regra geral tem sido tal que a absorção da mão-de-obra excedentes pelas regiões da fronteira agrícola não tem sido suficiente. Isso faz com que as cidades, também incapazes de gerar emprego suficiente, devido, por sua vez, às políticas governamentais que não se preocupam com o pleno emprego urbano não consigam completar essas absorção. Tal tem sido e continua a ser o caso do desenvolvimento brasileiro (CAMPOS FILHO, 2001, p. 30).

O Estado em suas respectivas instâncias não se preparou para receber e acomodar esse contingente nas cidades escolhidas para se estabelecerem com estruturas dignas de moradias e trabalho, com isso, ocasionando problemas sociais e estruturais devido à pouca importância com as políticas urbanas partidas das administrações governamentais.

Com a expansão urbana é possível observar as contradições existentes na conjuntura das cidades atuais, sobre tudo nos bairros populares, que sofrem com a péssima qualidade em suas poucas infraestruturas, que por muitas vezes seus habitantes agem de desconhecimento e de maneira conflituosa para se obter o acesso a terra e até o trabalho, que é gerado pelo desenvolvimento desigual no espaço urbano.

2.4 Impactos ambientais no contexto da urbanização

Uma das problemáticas causadas pela expansão urbana é a degradação¹⁰ da natureza como um todo, e esse todo, reflete se nas grandes e médias cidades contemporâneas. O consumo excessivo, ideologicamente difundido, sem a conscientização da retirada e devolução dessas mercadorias que foram subtraídas e devolvida à natureza sem o devido tratamento de reposição. É o que o ser humano vem produzindo e reproduzindo para o seu próprio consumo é o que realiza consumindo a natureza, com isso promove ativamente a degradação do meio natural como um todo, e isso se reflete por processos que alteram o seu habitat, o espaço urbano.

Nas grandes cidades ha os relevantes papéis publicitários em conduzir e homogeneizar a sociedade urbana através da relação de felicidade com o consumo, algo que é inatingível socialmente. Na seguinte citação trata-se:

¹⁰ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*, 2012. No contexto do capítulo; mudança para pior no meio ambiente, devido à ação humana.

Neste sentido Henri Lefebvre elucida que:

Através das diversas tendências esboça-se uma estratégia global (isto é, um sistema unitário e um urbanismo já total). Uns farão entrar para a prática e concretizarão em ato a sociedade de consumo dirigida. Construirão não apenas centros comerciais como também centros de consumo privilegiados: a cidade renovada. Imporão, tornando-a “legível”, uma ideologia da felicidade através do consumo, a alegria através do urbanismo adaptado à sua nova missão (LEFEBVRE, 2001, p. 32).

As estratégias arquitetônicasurbanísticas indutivas ao consumo quesão evidentes nos espaços urbanos, usando a premissa que a realização é concebida através da compra da felicidade invertendo os valores, onde o ser é ter.

Os problemas ambientais parecem, à primeira vista, induzidos apenas as relações homem-natureza e não a relação entre homens em si. É preciso, assim, ter o cuidado de não ocultar as contradições e existências de classes sociais para melhor se compreender o real problema ambiental (RODRIGUES, 1998).

De acordo com Luiz Renato Vallejo¹¹:

No século XIX, as premissas capitalistas centradas nos significados da produção (terra, trabalho e capital) foram se consolidando, e a economia clássica, ao tratar os recursos da Terra como mercadoria, considerava irrelevante a degradação ambiental. Tais idéias aliadas ao incremento industrial promoveram grande avanço da degradação dos recursos naturais e, concomitantemente, redução dos espaços nativos (VALLEJO, 2009, p. 159).

As cidades contemporâneas disputam entre si e seus membros a imposição de políticas econômicas em que o ambiente natural das cidades, ou seja, às áreas verdes vão reduzindo se cada vez mais, perante a constante degradação via consumo do espaço como reserva e poupança para atender quase que sempre fins privados e corporativos deixando em última instância o bem comum.

Ao lado da incorporação dos espaços ampliados ao processo produtivo é cada vez maior em escala mundial, essa realidade urbano-industrial impõe-se fortemente como o novo espaço social em construção (MORAES, 1987).

Para o geógrafo Antônio Carlos Robert Moraes:

Síntese concreta dessa inexorável tendência à concentração [renda per capita], as cidades capitalistas e, em particular, o seu posterior

¹¹ VALLEJO, Luiz Renato. Ordenamento territorial. Cap. 5. Os Parques e Reservas como Instrumentos do Ordenamneto Territorial.

desenvolvimento metropolitano, restabelecem, sob forma qualitativamente diferente, os espaços de produção e vivência. (...). A urbanização sob o capitalismo representa, antes de tudo, transformações profundas ao nível das relações sociais como um todo (MORAES, 1987, p. 90).

Como a natureza é um recurso, um bem aproveitável, quando se cogita seu esgotamento, cria-se a preocupação com estes “recursos” que estão sendo paulatinamente espoliados. Até recentemente preocupava-se com os recursos minerais, rochas, gás, tipos de solo, espécies vegetais, tidos como não renováveis (RODRIGUES, 1998).

Segundo Arlete Moysés Rodrigues:

Constatado que tempos geológicos e o dos tempos ecossistemas são diferentes dos tempos sociais, atribui-se a possibilidade de superação dos diferentes tempos pela aceleração do “tempo social”, pela produção de mais no mesmo espaço. Embora os processos da natureza não se acelerem naturalmente, é possível sua aceleração pela aplicação de tecnologias. Ciência e técnica são, também, consideradas como importantes elementos de descobertas de novas alternativas de recursos naturais (RODRIGUES, 1998, p. 15).

A intensificação da produção destrutiva está no que convencionou chamar de problemática ambiental na criação de novas necessidades que não satisfazem as necessidades humanas fundamentais, mas apenas correspondem aos modos de vida das sociedades do descartável. E, é na sociedade do descartável, o tempo e o espaço são tratados como separados, produzem-se cada vez mais e mercadorias e que duram cada vez menos e utiliza o espaço de forma intensiva para produzir mais (RODRIGUES, 1998).

A utilização racional da natureza para sua formação social na perspectiva de um desenvolvimento sustentável deve ser congruente com os processos de reprodução de seus recursos (LEFF, 2009).

A sustentabilidade é uma necessidade e requerida no atual sistema de produção, distribuição e consumo, pois, não é uma moda, e sim uma tendência a ser seguida e adequada conforme a demanda do mercado hoje, mas, para se perpetuar ao máximo possível garantindo o uso e consumo para as futuras gerações. Na citação a seguir:

De acordo com Henrique Leff:

São as próprias condições da reprodução do capital neste momento que requerem um equilíbrio ecológico, a reciclagem dos recursos não

renováveis e a reprodução dos recursos renováveis. Daí surge à necessidade de conservar a produtividade primária de seus ecossistemas, de valorizar a biodiversidade e os serviços ecológicos do planeta, assim como de diversificar os estilos tecnológicos e de respeitar as práticas tradicionais dos povos (LEFF, 2009, p, 206).

A importância da reciclagem e reutilização auxiliadas por meios tecnológicos para a sociedade é promover o equilíbrio ambiental, preservando ecolocando o ser humano em sintonia com a natureza, para que ambos prolonguem o tempo de vida.

Para entender as relações adjuntas, é preciso compreender a dinâmica das relações com a natureza, não separar o tempo do espaço que é socialmente produzido. Não separar a natureza da sociedade o que significa compreender a diversidade social e suas formas pelas quais a sociedade se apropria e transforma esta natureza e produz o espaço social (RODRIGUES, 1998).

Neste sentido, Henrique Leff esclarece que:

A questão da qualidade de vida surge num momento em que convergem a massificação do consumo e a concentração da abundância com a deterioração do ambiente e a degradação do valor de uso das mercadorias, o empobrecimento crítico das maiorias, assim como com as limitações do Estado para prover os serviços básicos a uma crescente população marginalizada dos circuitos de produção e consumo. Ao mesmo tempo, a produção massiva de bens uniformizados que o mercado oferece aos consumidores tornou-se “disfuncional” perante as diferentes condições ambientais e culturais em que estes bens são produzidos e consumidos (LEFF, 2009, p. 291-292).

A sociedade compreende como deve se tratar a natureza, como um todo, promover políticas que ultrapassem o apenas reciclar, mas um dos cerne do problema que é o consumo exacerbado ou deixar com que se suceda a passos rápidos a degradação da natureza, simplesmente via do progresso capitalista com o discurso do modelo político democrático é necessário agir mutuamente como responsáveis, participantes e atuantes para a melhora na qualidade de vida não apenas pelo consumo exagerado e na preservação da natureza.

Não se explica como pode atender os presentes necessidades e futuras no “mercado”, portanto, todas as propostas, apesar de considerarem o “bem comum”, são remetidas a uma resolução de mercado. Pois, até o presente momento o mercado não atendeu a essas necessidades das massas de famintos e empobrecidos no processo de expansão do circuito de produção, contudo, dilapidou

o meio ambiente na medida em que o tornou mercadoria com valor de uso e troca (RODRIGUES, 1998).

De acordo com Moraes:

Assim, a relação sociedade-espço, é desde logo, uma relação valor-espço, pois substantivada pelo trabalho humano. Por isso, a apropriação dos recursos próprios do espço, a construção de formas humanizadas sobre o espço, a perenização (conservação) desses construtos, as modificações, quer do substrato natural, quer das obras humanas, tudo isso representa criação de valor (MORAES, 1987, p. 123).

3 A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E AS DESIGUALDADES SOCIAIS

Neste capítulo são abordadas as questões que se referem e fundamentam-se as desigualdades sociais vinculadas à especulação imobiliária, envolvendo conceitos relevantes como Metropolização¹² e a Periferização¹³ com o intuito de esclarecer como estes são necessários para a compreensão de fatores que levam as desigualdades sociais o vínculo entre o capital público e privado e o reordenamento para a reprodução espacial.

O modelo capitalista, o qual nossa sociedade está inserida desenvolve a lógica da acumulação de riquezas como fator de sucesso e realização, isto também se reflete amplamente no uso dos espaços, no amplo sentido, de quem possui o maior número de propriedades detém o maior poder econômico, político e social (CARLOS, 2013).

O espaço urbano apresenta várias faces na sua composição, com o intuito de promover um cenário que possa ser vendido de acordo com as camadas sociais de interesse dos agentes modeladores e nesse contexto, a segregação socioespacial se torna explícita devido ao fato de que certas camadas sociais são acumuladoras de capital, enquanto outras contam apenas com a força de trabalho como o seu capital.

Segundo Ana Fani Alessandri Carlos:

Seu pressuposto é a compreensão da produção do espaço urbano como condição, meio e produto da reprodução social, portanto um produto histórico e de conteúdo social. Submetida à lógica da acumulação, essa produção realiza a acumulação capitalista cujos objetivos se elevam e se impõem à vida e aos modos de uso do espaço. Deste modo o espaço urbano produzido sob a égide do valor de troca se impõe ao uso social da cidade (CARLOS, 2013, p. 95).

Nessa composição a cidade utiliza de meios condicionantes para a circulação, distribuição e centros de consumo que impõe um padrão social induzido e direcionado, com a finalidade de reproduzir as ações econômicas, culturais e políticas como o único meio para o convívio social.

¹² GOMES, Iara Rafaela. Breve reflexão sobre o processo de metropolização no Brasil e hierarquias urbanas, 2010.

¹³ VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A cidade contemporânea: segregação espacial, 2013.

Neste contexto é preciso compreender que a produção do espaço urbano situa-se, assim, na contradição entre a produção social na cidade e de sua apropriação privada. A existência da propriedade privada da riqueza apoiada na efetivação da sociedade de classes e a constituição do espaço como valor de troca que geram as lutas entre as classes (CARLOS¹⁴, 2013).

A especulação imobiliária passa por diversos agentes geradores¹⁵ de desigualdades sociais no perímetro urbano, esses propulsores que organizam o espaço urbano atuam de forma em conjunto e também conflituosamente, esses grupos corporativistas¹⁶ se fazem valer de pressões sobre a utilização do espaço urbano, realizando-se apoiados dentro dos parâmetros jurídicos de todos os níveis, seja o municipal ao estatal.

No contexto urbano as cidades apresentam distintos grupos corporativistas que a orientam e a conduzem conformes seus anseios particulares, que organizam para uma produção e reprodução de relações econômicas e sociais, pois, essa dinâmica não se dá amistosamente e sim de lutas e conflitos. Na citação abaixo.

Conforme Roberto Lobato Corrêa:

O espaço urbano capitalista fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem o espaço (...). A ação destes agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de produção das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem (CORRÊA, 1989, p. 11).

No espaço urbano os símbolos estão presentes em diversas formas que diferenciam os distintos lugares de uma cidade, que ao mesmo tempo e espaço a mantém articulada para a sua manutenção e reprodução de interesses comuns e privados, o espaço urbano por ser categorizado socialmente gera desigualdades o qual leva aos conflitos urbanos.

Portanto, os agentes sociais especuladores que fazem e refazem a cidade, são os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes

¹⁴ CARLOS, Ana Fani Alessandri Carlos. A Cidade contemporânea: segregação espacial, 2013.

¹⁵ CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano, 1989.

¹⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*, 2012. Defesa dos interesses ou privilégios de um setor organizado da sociedade, em detrimento do interesse público.

industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado; e os grupos sociais excluídos (CORRÊA, 1989, p.12).

As ações dos agentes modeladores urbanos atuam com interesses em comum, a continuidade e obtenção do lucro em detrimento da utilização e produção do espaço urbano com o aporte jurídico. Seguindo as perspectivas sobre os agentes sociais Roberto Lobato Corrêa analisa que:

Em primeiro lugar, a ação destes agentes se faz dentro de um marco jurídico que regula a atuação deles. Este marco não é neutro, refletindo o interesse dominante de um dos agentes, e constituindo-se, em muitos casos, em uma retórica ambígua, que permite que haja transgressões de acordo com os interesses do agente dominante (CORRÊA, 1989, p. 12).

Os interesses das classes dominantes estão em diversas faces do cenário urbano, atuam em articulação com distintos agentes e com o aval jurídico que utilizam-se das leis que em casos distintos podem até alterá-las em benefício comum ou particular.

As grandes cidades onde a atividade fabril é atuante e expressiva a atuação espacial dos proprietários industriais leva a criação de amplas áreas fabris em setores distintos das áreas residenciais nobres onde mora a classe dominante, porém próximas às áreas proletárias. Deste modo a ação deles modela a cidade, produzindo seu próprio espaço e interferindo decisivamente na localização de outros usos da terra (CORRÊA, 1989).

As desigualdades sociais presentes no cotidiano da população, seja na forma de moradia, poder aquisitivo ou social, são fatores que contribuem para a segregação e o distanciamento dos cidadãos das áreas centrais da metrópole (CARLOS, 2016).

A questão fundiária também como parte deste processo, uma vez que a periferização das grandes cidades pode ocorrer devido ao êxodo rural e a necessidade da população de morar próximo ao local de trabalho. Tais questões existentes desde o período colonial brasileiro, com a escassez da cana-de-açúcar foi necessária a utilização de mão de obra escrava e grande migração portuguesa em decorrência da exploração do ouro. Observam-se neste contexto as diferenças sociais, exploratórias e popularização de espaços do território nacional pouco explorado (FURTADO, 2000).

Com a expansão urbana as terras ao seu redor ganham valores especulativos, uma forma na qual o seu uso passa a valer menos do que o valor de troca, o que a terra produz não condiz mais com o seu valor de venda, principalmente essas próximas aos centros urbanos. Neste contexto Corrêa compreende que:

Os proprietários de terras atuam no sentido de obterem a maior renda fundiária de suas propriedades, interessando se em que essas tenham o uso que seja o mais remunerado possível, especialmente uso comerciais ou residenciais de status. Estão particularmente interessados na conversão da terra rural em terra urbana, ou seja, têm interesse na expansão do espaço da cidade na medida em que a terra urbana é mais valorizada que a rural. Isto significa que estão fundamentalmente interessados no valor de troca da terra e não no seu valor de uso (CORRÊA, 1989, p. 16).

As pressões exercidas pela expansão urbana fazem com que as terras rurais em torno das cidades sofram assédio especulativo imobiliário, o interesse em torná-las terras urbanas, as transformando em loteamentos e em condomínios privados. A propriedade fundiária que está presente na periferia urbana, sobretudo aquela na grande cidade, constitui-se no alvo de atenção dos proprietários de terras. Isto se deve ao fato de estar ela diretamente submetida ao processo de transformação do espaço rural em urbano (CORRÊA, 1989).

Sob o capitalismo, a produção do espaço realiza-se na contradição fundante do próprio ato de produzir, que nesta dimensão, revela-se como momento de criação e realização social. Conforme estas produções sociais acontecem, as alterações no cenário da metrópole também vão ocorrendo seja de forma gradativa ou acelerada dentro do processo de urbanização e organização das cidades (CARLOS, 2013).

A sociedade é governada de acordo com a vitória da burguesia na economia o que implica uma ruptura com as antigas formas de produção e ordem estatal. Evidencia-se assim a detenção de poderes por uma classe e a exploração de outra para o crescimento do capital (DEBORD, 2013).

O homem livre moderno é dividido em dois tipos: os de grande poder aquisitivo e detentor assim do poder das propriedades e condição de trabalho, mas obrigado a se submeter ao primeiro tipo onde há a exploração de trabalho para o acúmulo de capital. E este segundo homem, o cidadão que acorda cedo para sair das áreas periféricas enfrentando um transporte público precário sendo muitas vezes alvos de assaltantes dentro dos próprios coletivos é que está liberto da

escravidão, mas de certa forma escravizado pelo capital e pelos meios de produção (CHAUÍ, 2008).

Compreender a lógica das desigualdades sociais, passando pela especulação imobiliária, propõe analisar minuciosamente a sociedade e o modelo econômico que se está inserido. Vive-se numa sociedade governada por uma minoria elitizada, onde trabalhar, produzir e sobreviver não permite observar este universo da construção do espaço humano.

3.1 As formas e transformações socioespaciais no espaço urbano

O espaço urbano se caracteriza pela composição de várias áreas distintas entre si, isto ocorre para qualquer tipo de sociedade, quando se trata da sua dinâmica, conteúdo econômico ou social. Tais áreas são vivenciadas de formas diferentes por grupos sociais distintos, de acordo com suas necessidades e capital (CORRÊA, 2013).

A Metropolização caracteriza-se pelo processo de crescimento urbano de um município que passa a se compor como centralidade de uma região metropolitana, ou seja, um espaço composto por várias cidades que reúnem mesma dinâmica espaço-territorial e que tem grande importância naquele meio em que se está inserida (PENA, 2017).

A partir de sua expansão infraestrutural a cidade agrega tecnologia e capital para apoiar o seu crescimento demográfico, estrutural, econômico e social, buscando seu crescimento. A cidade, lugar de ebulição permanente onde há uma interação e troca constante de conhecimento (SANTOS, 2008).

Historicamente, entende-se que a metropolização ocorre a partir da industrialização, que insere a necessidade da urbanização que tende, com o tempo que a população daquela cidade se eleve, assim como o número de residências e o crescimento horizontal de seu espaço geográfico urbano. Com este olhar histórico têm-se no auge das revoluções industriais grandes cidades europeias com populações exorbitantes (PENA, 2017).

Países como o Brasil, após o fim da Segunda Guerra Mundial buscava o desenvolvimento industrial, vendo países de alto desempenho como modelo, sendo assim, o desenvolvimento industrial e urbano foi o foco a qualquer custo.

De acordo com Clóvis Ultramari e Fábio Duarte:

Com o movimento de globalização, o crescimento das metrópoles passou a ser ainda maior no que se diz a respeito de tempo e espaço. Nesse contexto o novo paradigma da mundialização nos coloca diante da mundialidade do espaço, bem como do processo de constituição da sociedade urbana que tem na metrópole seu ponto de maior expressão (ULTRAMARI; DUARTE, 2011, p. 22).

Pressupor que o século XX se organizou a partir do modelo fordista o que acarretou no processo de urbanização e o crescimento das metrópoles. No final desse século, ocorreu uma alteração no modo capitalista de produção para um regime de acumulação mais flexível. Conseqüentemente tais mudanças acarretaram um processo de transformações nas redes e sistemas urbanos. Como por exemplo, o crescimento e avanços científicos, tecnológicos e nos meios de comunicação que apoiaram o crescimento das cidades (GOMES, 2010).

Evidencia-se que essas transformações afetam o processo de metropolização que existe interligado as dinâmicas sócias econômicas do país. Com o avanço das tecnologias e meios de comunicação as grandes empresas/indústrias controlam cada vez mais o poder sobre territórios e mercados o que acarreta na reconfiguração regional do trabalho contribuindo para o processo de metropolização.

A industrialização como um processo de transformação da sociedade seja de questões urbanas ou de infraestrutura. Para o autor o processo de industrialização é o indutor de problemas relativo ao crescimento e urbanização da cidade. Entende-se que quem detém o capital tem o poder nas transações imobiliárias e de espaços territoriais utiliza-os de acordo com seus interesses que nem sempre vão com de encontro com o interesse da população (LEFEBVRE, 2001).

Este crescimento exacerbado da metrópole faz com que as áreas periféricas¹⁷ sejam necessárias e importantes para seu processo de produção, valorização e crescimento econômico que objetiva se destacar entre grandes metrópoles do país.

De acordo com Ana Fani Alessandri Carlos:

Na realidade, atualmente a cidade inteira está submetida ao valor de troca, como consequência da generalização do mundo da mercadoria que transformou o próprio espaço em mercadoria, o que significa que os modos possíveis de apropriação devem realizar-se nos limites e interstícios da propriedade privada do solo urbano, que delimita o acesso dos cidadãos à

¹⁷ VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A cidade contemporânea; segregação espacial, 2013. O autor refere se que a periferização é confundida com a exclusão ou como sinônimo de pobreza.

moradia (definido e submetido ao mercado fundiário), ao mesmo tempo em que determina e orienta outras formas de uso (o momento definido enquanto lazer, por exemplo, desvela o fato de que estes acessos se realizam através do consumo do espaço através do mercado) (CARLOS, 2007, p. 93).

Neste fluxo de crescimento urbano surgem os desafios e problemas sociais do contorno das cidades. Com um crescimento demográfico elevado levando há uma urbanização descomedida, e conseqüentemente trazendo à tona e falta de infraestrutura dos municípios.

A valorização dos espaços urbanos torna-se um atrativo para grandes empresas que muitas vezes recebem incentivos do próprio governo para se fixar em determinada região. Por muito tempo se trabalhou com a vocação econômica do município ou da região, valorizando-se os potenciais locais e também regionais, visto que, muitas vezes, os municípios articulam-se em forma de associações ou de consórcios com seus vizinhos (Ultramari e Duarte, 2011).

A expansão urbana faz-se necessária pela necessidade de moradia e trabalho da população, a metropolização ocorre por diversos motivos sejam econômicos ou sociais. Entende-se que no cenário capitalista que a sociedade se encontrada inserida, a urbanização e a metropolização fazem-se necessária para o homem.

Nas cidades a múltiplos movimentos e transformações cotidianamente, ou seja, movimentos das rotinas e práticas sociais e das paisagens em constantes mudanças, com isso a representações de símbolos imateriais existentes em cada interior habitado, na seguinte citação.

Segundo Ana Fani Alessandri Carlos:

O mundo humano é objetivo e povoado de objetos que ganham sentido à medida que a vida se desenvolve como modos de uso da casa, da rua, da cidade, formando, por intermédio desta ação, um conjunto múltiplo de significados. Estes, por sua vez, constituem o mundo da percepção sensível carregada de significados afetivos, ou representações que superam o instante, e, nesta condição, são capazes de traduzir significados profundos sobre o modo como estas se construíram ao longo do tempo. Estes são os conteúdos, possíveis, dos lugares da metrópole. É assim que o ato de “habitar” está na base da construção do sentido da vida, revelado nos modos de apropriação dos lugares da cidade, a partir da casa (CARLOS, 2007, p. 94).

Os centros urbanos abarcam todo um propósito coletivo e particular de ser e conter suas diversas formas de representar as ações dos indivíduos, o ser

urbano, essas relações o faz apropriar-se não meramente de sua casa como lugar, mas toda a sua comunidade, uma forma de habitar na cidade.

Há uma estrutura de integração entre as áreas urbanas recentes, indispensáveis para o acesso e circulação de mercadorias e pessoas na cidade. As paisagens naturais, conseqüentemente se alteram devido ao trabalho humano e a expansão da industrialização.

A vida urbana possui um centro ou área central, o qual a população utiliza de diversas formas. Com o crescimento das metrópoles podem existir mais de uma área central que oferece ao cidadão atividades comerciais e de serviços diversos criando a constituição das centralidades. Estas centralidades devem ser constituídas de transporte urbanos além de serviços como educação, saúde, lazer, saneamento básico, serviços necessários para urbanização destes (VASCONCELOS, 2013).

3.2 Conseqüências do crescimento “desordenado” do espaço urbano

A periferização¹⁸ nos grandes centros ocorre como um processo necessário de esvaziamento destes seja pela falta de espaço territorial para todos, pelas questões de capital ou elevação de valores de habitações. Tais acontecimentos levam o trabalhador de baixo poder financeiro, a buscar áreas periféricas e de valores mais acessíveis ao redor do centro. Entende-se também que a periferização pode ocorrer por outros motivos como a busca de espaços de moradia mais confortáveis e localizações menos infladas (VASCONCELOS, 2013).

Porém neste trabalho atemos o foco às questões das desigualdades sociais que leva a periferização dos espaços urbanos. A classe dominante atua no mercado imobiliário afastando as classes menos favorecidas dos grandes centros por meios financeiros que inviabiliza o acesso e pela falta de poder econômico das classes trabalhadoras torna se impossível para ali viverem. Esta segregação ocorre de forma histórica e contínua.

Conforme relata Marcelo Lopes de Souza:

Segregação é um conceito denso de historicidade, como são, de um jeito ou de outro, todos os conceitos das ciências da sociedade. É bem verdade que se pode seguramente dizer, sem medo de errar, que em toda sociedade

¹⁸ VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A cidade contemporânea; segregação espacial, 2013. Nessa obra o autor descreve a complexidade das cidades em relação à utilização do termo periferização.

heterônoma haverá, em algum grau, e de algum modo, segregação residencial como uma expressão espacial da desigualdade e da assimetria sociais (SOUZA, 2016, p. 130).

As desigualdades socioespaciais contribuem para a periferização das grandes metrópoles é importante salientar que as áreas de periferização podem muitas vezes não possuir a infraestrutura necessária para moradia, como questões básicas de saneamento básico, água encanada, energia elétrica e centros de saúde próximos para a população que busca estas áreas. Verifica-se assim que existe consequências negativas neste processo de segregação, promovendo ainda mais as desigualdades socioespaciais. Compreender a lógica das mudanças que ocorrem nas metrópoles faz-se necessário e para compreender o processo de periferização existente e o que ocorre nas atuais cidades (CARLOS, 2007).

O processo da urbanização brasileira se acentua na segunda metade do século XX, com a crescente vinda de pessoas do campo e de regiões do interior do país, as cidades atrativas não se prepararam para as mudanças demográficas, sociais e serviços públicos de atendimento, ressaltando que essas desigualdades sociais não se dão de forma homogênea, na citação abaixo.

De acordo com Sposito:

O que quero ressaltar com a indissociabilidade entre objetividade e subjetividade na constituição e existência da segregação é que não sendo natural, mas, sim, social, ela revela os campos de ações e lutas que movem a sociedade, sendo esta a mais perversa entre suas faces (SPÓSITO, 2016, p. 67).

As complexidades das grandes cidades brasileiras estão associadas ao processo histórico e geográfico que as insere em contextos de violência material e imaterial, onde uma parte da sociedade sofre com as desigualdades existentes, como a segregação econômica e geográfica, gerando ações e campos de conflitos, devido à falta da equidade social.

As desigualdades sociais apresentam-se na periferização do espaço, que devido às relações do capital e pouco poder aquisitivo, determine que uma parte da população busque regiões mais afastadas do centro para sua habitação, procurando regiões com moradias de acordo com seu poder aquisitivo. Evidencia-se assim o processo de periferização das metrópoles e também o processo de desmetropolização, pois à medida que uma área periférica cresce, ela pode ter tanto

potencial como uma metrópole e passa a ser um atrativo para empresas e indústrias. Deste modo, o território condicionado para a manutenção e expansão do capital especulativo é favorável ao mercado de especulação imobiliária (VASCONCELOS, 2013).

Nos centros urbanos é onde se localiza os poderes de decisões, tais, como políticos, culturais, econômicos e sociais, já em regiões afastadas e a margem ocorre a periferização, ou seja, áreas inseridas fora dos cinturões econômicos e políticos, conforme a seguinte citação.

Para Pedro Almeida Vasconcelos:

A noção de periferização no Brasil está substituindo a de marginalização espacial. Esta noção é muito próxima da de marginalização, mas com um componente espacial mais forte. Ela também parte da dualidade “centro-periferia”, o que não reflete a complexidade das cidades [...]. Deve ser lembrado que a população da periferia não está segregada, mas ocupa o espaço em que o Estado tolera (ou permite) as implantações fora das normas oficiais ou mesmo irregulares em áreas que não interessam ao mercado imobiliário (VASCONCELOS, 2013, p. 31).

Nas periferias e regiões marginais há uma desvalorização do Estado em atuar com políticas públicas, de fato as populações que vivem afastadas não estão segregadas, mas os faltam serviços básicos sociais, o contrário dos condomínios fechados que se encontram fora dos centros urbanos, mas inseridos culturalmente, financeiramente e politicamente.

As populações de todos os países compõem suas distintas dinâmicas entre si, pois, a composição histórico/cultural de evolução é conforme as mudanças de produção capitalista, que se dão geograficamente diferentes em benefício da manutenção desse sistema, condicionando a produção e reprodução do capital e ordenando esse meio através dos pólos atrativos que geram ações desiguais impactando demograficamente em diversos países. Na seguinte definição abaixo.

Conforme Milton Santos:

A evolução global da população mundial só pode ser completamente entendida se consideramos ao menos três dados essenciais. Primeiro, a distribuição da população nas diversas áreas do Globo, e dentro de cada país, evolui de maneira desigual. Depois, como isso não é apenas o resultado do excesso de nascimento sobre o de mortes, temos de levar em conta as migrações internas e internacionais, cada vez mais frequentes. Mas também as porções de territórios ocupadas pelo homem vão mudando desigualmente de natureza e de composição, exigindo uma nova definição (SANTOS, 2008, p. 43).

Por meio desta hierarquização dos espaços urbanos, entende-se que ocorrem alterações nos cenários das metrópoles nos mais diversos sentidos, seja social, econômico, político, cultural, dentre outros, necessários segundo a lógica capitalista mundial, produção e reprodução, isto é, na busca por espaços geográficos potencialmente lucrativos.

Conforme Ultramari e Duarte:

Ao nos referimos das grandes regiões brasileiras devemos ter em mente o papel exercido pelo processo de urbanização das últimas décadas, sobre tudo a partir de 1970, quando importantes mudanças começaram a ser observadas: ampliação das chamadas *áreas de urbanização integradas à dinâmica nacional*; crescimento das cidades médias; formação de extensas periferias próximas as grandes cidades; crescimento de grandes agrupamentos urbanos que ignoram os limites políticos-administrativos dos municípios que os compõem, caracterizando aglomerações ou mesmo regiões metropolitanas (Grifo do autor) (ULTRAMARI; DUARTE, 2011, p. 62).

Na lógica da periferização a segregação¹⁹ aparece como um elemento de uma urbanização organizada, ou não, mas que se faz necessária na lógica da organização capitalista, na qual se dá no espaço da cidade o urbano, com isso, tem-se o sistema ideológico de modernidade.

No interior abstrato das cidades ocorrem as disputas e conflitos devido à existência de camadas sociais que diferenciam os grupos entre si, conforme suas classes sociais, que é reforçada pelo sistema de concorrência aludido como modernidade, onde a propriedade privada torna-se o eixo da diferenciação, na seguinte citação.

De acordo com Ana Fani Alessandri Carlos:

A segregação como produto A reprodução da metrópole se realiza enquanto explosão da cidade, como extensão do tecido urbano pela generalização da urbanização revelada enquanto prática na vida cotidiana. A segregação se apoia na existência da propriedade privada (que, em suas várias formas, é fundamento da riqueza) do solo urbano, que diferencia o acesso do cidadão à moradia, e na fragmentação dos elementos da prática sócio espacial urbano – na metrópole se acham separados os lugares da vida como elementos autônomos. Nesta condição a segregação é a negação do urbano e da vida urbana e assume, no entanto, várias facetas indicando processos diferenciados, apesar de justapostos. A prática espacial revela, por sua vez, que a segregação ocorre ligada a vários elementos (CARLOS, 2007, p. 95).

¹⁹ VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A cidade contemporânea; segregação espacial, 2013. O autor realiza diversas distinções sobre o conceito de segregação.

Como a diferenciação dos espaços urbanos é produzida intencionalmente a hierarquização social acaba por se tornar um fato socialmente aceito e com isso as faces das desigualdades são incorporadas de forma que fossem naturais ao crescimento urbano, assim vigora e se reiventam o sistema capitalista.

A justaposição corresponde ao caso da proximidade espacial com uma enorme distância social. Seria uma forma semelhante à de desigualdade socioespacial na escala de um bairro ou de uma rua que corresponda a essa situação explícita na contemporaneidade (CHAMBOREDON e LAMAIRE, 1992, apud VASCONCELOS, 2013, p. 19).

Conforme Ana Fani Alessandri Carlos:

A segregação vivida na dimensão do cotidiano (onde se manifesta concretamente a concentração da riqueza, do poder e da propriedade) apresenta-se, inicialmente, como diferença, tanto nas formas de acesso à moradia (como a expressão mais evidente da mercantilização do espaço urbano), quanto em relação ao transporte urbano como limitação de acesso às atividades urbanas (como expressão da separação do cidadão da centralidade) bem como através da deterioração/cercamento/diminuição dos espaços públicos (como expressão do estreitamento da esfera pública). (CARLOS, 2013, p. 96).

A segregação residencial se torna mais evidente no capitalismo, à proporção que se expande a continuação de estruturação e divisão das classes sociais. Por meio dos responsáveis pela organização urbana como: proprietários fundiários, incorporadores imobiliários, industriais, articulados em maior ou menor grau aos bancos, e o Estado, a segregação surge a partir de novos modelos espaciais (CORRÊA, 2000).

Para Roberto Lobato Corrêa:

São criadas, assim, periferias de autoconstrução, favelas em áreas alagadiças ou de morros, cortiços, bairros dos diferentes segmentos da classe média e as habitações suntuosas e seletivas dos capitalistas e executivos do capital: os condomínios exclusivos, cercados e sob vigilância de uma polícia particular, são a expressão acabada de uma elite que se impõe (CORRÊA, 2000, p. 40).

Outro fator que apoia a periferização é o desenvolvimento dos transportes públicos, assim como a acessibilidade e a facilidade na aquisição de automóveis e os preços acessíveis dos combustíveis. Esses fatores ofertam para uma boa parte da população as possibilidades de escolhas de moradias, bens e serviços, uma vez

que a acessibilidade e a facilidade de ir e vir torna áreas periféricas mais atrativas (SANTOS, 2008).

Entende-se que o processo de periferização advém de vários fatores, dentre eles o econômico, que possui grande responsabilidade neste, pois ele apoia a parte da população que pode residir nas áreas periféricas tendo a opção da mobilidade podendo transitar das áreas periféricas para os centros e vice e versa com maior fluidez. Já aqueles que não possuem a acessibilidade financeira para tal mobilidade, utilizam-se do transporte público que lhe oferece, de certa forma, a mesma possibilidade de transitar.

3.3 Relações capitais públicos e privadas

O território²⁰ a cada momento foi se organizando de maneira diversa, muitas reorganizações do espaço deram-se e continuam acontecendo, atendendo as reclamações da produção da qual é arcabouço. Merece destaque especial as transformações ocorridas a partir de meados do século XX, que representaram muito mais do que simples mudança. Assim como por ocasião das Grandes Navegações, no século XVI, e a Revolução Industrial, no século XVIII (SANTOS, 2014).

Com esses grandes acontecimentos factíveis e que continuam a se realizarem no mundo é necessário que se compreenda o entorno, vivenciado na cidade, suas relações e realizações com mundo, é o fato que ganhou forças na percepção de relacionar o regional com as interações inerentes aos acontecimentos mundiais.

Com a seguinte explicação de Santos, “acontecem-se as trocas, as diferentes relações nas áreas do planeta, tornam-se mais intensas e assumem diferentes formas, não só os políticos, culturais, econômicos. Mas quaisquer partes do mundo ganham novas formações, tornando-se mais abertas, mais vulneráveis às influências externas. As contundentes relações em áreas cada vez mais distantes substituem as próprias fantasias. Já não se é possível, considerar alguma região autônoma” (SANTOS, 2014, p. 52).

Segundo Milton Santos:

²⁰ SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado, 2014. O autor define em sua obra o Território como um dos principais conceitos dos estudos geográficos.

É nesse contexto que o estudo regional assume importante papel nos dias atuais, com a finalidade de compreender as diferentes maneiras de um mesmo modo de produção reproduzir-se em distintas regiões do globo, dadas as suas especificidades. A região torna-se uma importante categoria de análise, importante para que se possa captar a maneira como uma mesma forma de produzir se realiza em partes específicas do planeta ou dentro de um país, associando a nova dinâmica às condições preexistentes (SANTOS, 2014, p. 53).

Para compreender uma região passa pelo princípio de entender como funciona a economia em nível mundial e rebatê-la no território de um dado país, com a intermediação do Estado, das demais instituições e do conjunto de agentes da economia, e a começar pelos seus atores hegemônicos. Estudar uma região significa adentrar num oceano de relações, formas, estruturas, organizações etc, com seus mais distintos escalões de interações, realizações e contradições (SANTOS, 2014).

De acordo com Milton Santos:

A maneira pela qual se realiza a intervenção do Estado vai ser determinada pela configuração espacial, para a geografização das diversas variáveis componentes de uma situação. Mesmo se o Estado limita sua intervenção ao econômico, o resultado é que os outros níveis da vida social como saúde, educação lazer e outros são organizados pela lei do mercado, uma de suas armas sendo a especulação (SANTOS, 2014, p. 110).

Temos mais um par de uma relação dialética dos muitos que nos dão a configuração de um lugar. Ambos são mediadores entre o externo e o interno, entre o novo e o velho. Essa relação é um enlace muito delicado, nem sempre os grupos corporativos desejam a intervenção do Estado, isto é, nos seus interesses de assuntos sobre ganhos e vantagens, porém grandes empresas e industriais desejam receber benefícios concedidos por este mesmo Estado para se instalarem em seus municípios, sejam mediante contratos que os favoreçam por prolongados anos ou mesmo a via de chantagens especulativas, como políticas econômicas e estruturais.

Como relata Luís Henrique Ramos de Camargo:

O ordenamento da sociedade, hoje mais do que nunca, passa pela interferência direta na organização espacial, onde as formas geográficas são reestruturadas de acordo com o interesse do planejador a partir da inserção do território específico na ordem mundial. Assim, o planejamento/gestão deixa de ser uma concepção de análise puramente econômica, tornando-se ideológica, pois se remete à manipulação das formas da paisagem geográfica, usando-as para o controle da reprodução do capital (CAMARGO, 2009, p. 26).

Nas cidades a diferentes níveis de interesses, partindo do lugar que será beneficiado, envolvendo ali seus moradores em articulação com outros setores econômicos e distintos lugares, o que também não implica que outros serão beneficiados, isso pode ocorrer nas diversas esferas e níveis de Estado. Descrevendo na seguinte citação.

Nas palavras de Milton Santos:

Há diferentes níveis de Estado: a federação, os Estados federados os municípios. Muitas vezes, o interesse de um desses níveis não é o interesse dos demais, e os resultados de uma mesma ação não serão os mesmos para os diferentes níveis. Há, em todos os casos, uma relação dialética entre o Estado e o mercado, mas isso não elimina o fato de que o Estado exerça seu auxílio ao mercado (SANTOS, 2014, p. 110).

As relações entre os diferentes níveis de Estados, citados a acima, atuam de forma recíproca, na busca de melhores condições de ganhos para ambos os lados público e privado, que também não implica que os diferentes níveis de Estados auxiliem a iniciativa de mercados imobiliários.

Essas dinâmicas e relações coexistentes entre o corporativismo público e privado fundam-se na utilização do espaço urbano, que expressão a movimentação social que é vista como base da lucratividade, onde o espaço urbano adere aos objetos de produção e reprodução capitalista, citado abaixo.

De acordo com Ana Fani Alessandri Carlos:

Também o poder político do Estado se exerce através do espaço enquanto dominação política e, neste sentido, ele se reproduz interferindo constantemente na reprodução do espaço. É assim que se normatiza o uso do espaço, bem como se produzem planos diretores e que se direciona e hierarquiza o investimento na cidade. Mas também há interesses privados dos diversos setores econômicos da sociedade, que vêm no espaço a condição de realização da reprodução econômica, pois os lugares da cidade aparecem como lugares da infraestrutura necessária ao desenvolvimento de cada atividade de modo a entrever uma equação favorável à realização do lucro (CARLOS, 2007, p. 87).

O Estado e o capital privado vivem uma dinâmica necessária a organização espacial, os grandes proprietários detêm o controle do capital que se acumula ao longo do tempo com a organização espacial obtida pelo trabalho humano. O Estado atua diversificando os seus investimentos o que implica no interesse de grandes empresas e grupos corporativos de acordo com o lucro obtido

e conseqüentemente há uma valorização destes espaços o que se torna um bom investimento para a especulação imobiliária (CORRÊA, 2010).

A ingerência do Estado se dá de maneira planejada, com preocupações não só de curtos e médios prazos. A intervenção do Estado na vida econômica de uma nação é cada vez mais planejada, muito embora se proclame o planejamento como sendo uma prática dos países do leste europeu. Muitos economistas ocidentais ligam a economia planificada ao comunismo, prática desenvolvida após a Revolução Russa, mas não há nada planejado do que a economia capitalista, na qual o Estado tem o papel fundamental. Hoje, planeja-se até mesmo a recessão (SANTOS, 2014).

Para Ana Fani Alessandri Carlos:

O tema da revitalização urbana aponta um modo de pensar praticamente a cidade, isto é, a cidade enquanto prática sócio-espacial, o que coloca desafios. Em primeiro lugar, a intervenção nos “lugares da metrópole”, através de processos de revitalização/requalificação, aponta uma relação complexa entre o Estado e o espaço, na medida em que, não se pode esquecer, o poder político tem possibilidade de intervir, permitir ou coordenar a intervenção no espaço, como é que ocorre no caso das revitalizações (CARLOS, 2007, p. 87).

Ao utilizar o seu poder, o Estado desapropria quando necessário, regulamenta edificações e conjuntos habitacionais, criando novos bairros e por meio de leis e regulamentações que o beneficia juntamente com seu grupo político articulador de seu momento. Assim, os governos locais com apoio de outras esferas do Estado e grupos empresariais promovem novas áreas para urbanizá-las, conforme o que a entendam como viável, estratégica, necessária e articulada para o desenvolvimento e crescimento das cidades.

De acordo com Corrêa:

No entanto, é através da implantação de serviços públicos, como sistema viário, calçamento, água, esgoto, iluminação, parques, coleta de lixo, etc, (...). A elaboração de leis e normas vinculadas ao uso do solo, entre outras as normas do zoneamento e o código de obras, constituem outro atributo do Estado no que se refere ao espaço urbano (CORRÊA, 1989, p. 24).

3.4 Reordenamento e reprodução espacial

A cidade está sempre em mutação devido à ação do homem. A ação que este entende como necessária para sua sobrevivência e para o modo de vida capitalista da sociedade. Anterior ao homem existia no planeta somente a natureza, a presença do homem no planeta causou uma nova realidade que trouxe um novo significado para o mesmo (CARLOS, 2013).

A expressão do capitalismo contemporâneo e passível de se ver e observar nas cidades, onde estão relacionados às formas de exibição e normatização dos efeitos desse modelo de produção que deixa no presente seus efeitos mediante as ações do passado, na seguinte citação.

Para Ana Fani Alessandri Carlos:

A cidade, produto e obra, encontram-se sob as determinações do capitalismo, que tornou a própria cidade uma mercadoria e determinou seu uso pela lógica das relações que envolvem e permitem a criação da mercadoria no movimento do processo de valorização do valor. O espaço urbano tornando mercadoria faz com que seu acesso seja determinado pelo mercado imobiliário; deste primeiro acesso redefinem-se outros, por exemplo, o acesso a bens e serviços urbanos, à centralidade, uma vez que os usos (tanto produtivos quanto improdutivos) submetidos ao valor de troca se articulam a partir do lugar de moradia (CARLOS, 2013, p. 99).

As desigualdades geradas por esse modelo de produção e reprodução capitalista geram ações que devem ser maiores que simplesmente atenuarem os efeitos e consequências desse processo, os efeitos negativos não atingem de forma única e homogênea, mas a cidade e seu entorno como um todo em graus diferentes.

Devido a tais mudanças houve a necessidade de reordenar espaços e organizá-los para que estes sejam locais dignamente habitáveis. Com toda a crescente população de uma determinada área, ocorre num dado momento a necessidade de reorganização socioespacial e urbanização do local, trazendo elementos básicos para os cidadãos como: educação, saúde, saneamento básico, centros culturais e comerciais distribuídos pela cidade atendendo o maior número de regiões possíveis de forma que a população possa ter a mínima dignidade, pertencimento e qualidade de vida.

As grandes cidades demandam políticas públicas de organização de suas áreas urbanas e em seu entorno, as necessidades estão presentes à medida que sua população cresça além, do dever e das obrigações de serviços e aparelhos

públicos que são necessários, além de fundos que viabilizam o acesso, vivência e permanência de seus habitantes através de planos imobiliários para a aquisição de moradias dignas, expresso na seguinte abaixo.

Conforme Alvarez:

De forma inerente, é preciso considerar a realização da vida neste processo e as limitações impostas à sua efetivação, na medida em que, ao mesmo tempo em que o espaço é produzido socialmente, sua apropriação é privada, o uso se subordina à troca, já que a apropriação é medida pela propriedade privada, e para ter acesso a um “pedaço” da cidade é preciso pagar por ele ALVAREZ, 2013, p. 113).

Para efetivar a complexa desigualdade social urbana tenha se em conta a necessidade da melhoria nos serviços e aparelhos públicos e o pleno acesso a casa própria dos habitantes, pois, o espaço urbano é construído socialmente e a consolidação de pertencimento deve ser plena por parte do cidadão urbano.

Sobre o contexto de crescimento contínuo e grandes transformações nas paisagens e nos espaços ocupado pelo ser humano foram se modificando conforme a necessidade humana e o inevitável reordenamento espacial. Essas mudanças sempre apoiadas sobre os preceitos da ordem²¹ administrativa, social, cultural, política e econômica das cidades.

De acordo com Ana Fani Alessandri Carlos:

A cidade vem sendo pensada ora como quadro físico (um simples mapa aberto na prancheta), ora como meio ambiente urbano (e, nesta dimensão, “naturalizada”), e em ambos os casos, ignora-se o conteúdo da prática sócio espacial que lhe dá forma e conteúdo. Também tenho insistido no fato de que a Geografia vem sendo invadida por uma suposta necessidade de aplicação, revelando o discurso do mercado em direção a um pragmatismo que, se não impede a teorização, descarta-a de forma preconceituosa. Tais fatos revelam que vivemos não só uma crise da cidade, como decorrência do aprofundamento das contradições do processo de realização da acumulação em escala ampliada (sinalizada, por sua vez, pelo aprofundamento dos processos de segregação urbana) (CARLOS, 2007, p. 19).

A lógica do reordenamento social traz consigo uma nova forma de segregação espacial que deixa ainda mais evidentes as diferenças socioespaciais de localidades e regiões, pois, elas sofrem por via de desenvolvimento desigual de

²¹ CAMARGO, Luíz Henrique Ramos de. Ordenamento territorial; Coletânea de textos com diferentes abordagens no contexto brasileiro, 2009. O autor traz para o leitor o significado do conceito Ordem para o sentido político de ordenação social, apoiado nas teorias do positivismo de Comte e Durkheim.

produção e reprodução do espaço geográfico e a movimentação mercadológica da terra em especulação imobiliária.

De acordo com Corrêa:

Como materialidade, a organização espacial é uma dimensão da totalidade social construída pelo homem ao fazer a sua própria história. Ela é, no processo de transformação da sociedade, modificada ou congelada e, por sua vez, também modifica e congela. A organização espacial é a própria sociedade espacializada. A organização espacial, enquanto objetivação e materialidade social, só muito recentemente têm merecido uma atenção explícita, a nível teórico, por parte dos geógrafos (CORRÊA, 2007, p. 33).

O reordenamento espacial está diretamente ligado ao sistema capitalista e ao Estado, assim como marca as relações sociais dos indivíduos. Essa reorganização também vai o de encontro com os movimentos sociais urbanos e as necessidades na população e o cabe ao governo categorizar e analisar as necessidades e possíveis intervenções.

Segundo Rodrigues:

Os loteamentos murados e os condomínios fechados representam uma nova forma de segregação socioespacial que tem na propriedade da terra e na apropriação privada de espaços públicos e coletivos sua base fundamental. São difundidos, contraditoriamente, como se criassem um novo valor de uso, um novo modo de habitar. Um novo modo de habitar, pago pelos compradores aos empreendedores imobiliários, com a ilusão de que ele atende à sua necessidade de segurança (RODRIGUES, 2016, p. 160).

O surgimento de uma cidade não se efetiva para um determinado fim, sua formação é dinâmica, evolutiva e é constante e não estática, envolvendo todas as relações mutáveis de continuas transformações, sendo o ser humano como o sujeito dessa realidade que o inclui e o exclui, de acordo com a citação de Milton Santos.

Toda situação é, ponto de vista estático, um resultado, e, do ponto de vista dinâmico, um processo. Numa situação em movimento, os atores não têm o mesmo ritmo, movem-se segundo dos ritmos diversos. Portanto, se tomarmos apenas um momento, perdemos a noção do todo em movimento. Os cortes no tempo nos dão situações em um determinado momento. Não captam o movimento, são apenas uma fotografia. Já o movimento é diacrônico, e sem isso não há história. Não haveria dialética se o movimento dos elementos se desse de maneira sincrônica (SANTOS, 2014, p. 103).

A realidade urbana é transformada cotidianamente, as mudanças paisagísticas, a cultura, a língua, os movimentos e circulações fazem a história em

períodos erítmos, ora acelerados outrora em lentidão, movimentando o espaço urbano mediante as ações doser urbano.

4 METODOLOGIA

O conceito de metodologia²² é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais, que com maior segurança e economia, permite chegar aos objetivos conhecimentos válidos e verdadeiros conduzindo o caminho a ser seguido, detectando os erros e auxiliando as decisões em que o cientista tomará (LAKATOS e MARCONI, 2003).

A partir do princípio de toda ciência ou não necessariamente, utilizam métodos, mas não existe ciência sem o emprego de métodos científicos. O emprego da metodologia científica traz para o pesquisador maiores seguranças e além de orientá-lo nas decisões e na construção do trabalho científico (LAKATOS e MARCONI, 2003). A construção do conhecimento científico passou por longos períodos até chegarmos ao que hoje temos na contemporaneidade de método científico, pois, tivemos grandes períodos na construção de diversas teorias sobre os tipos conhecimentos.

De acordo com Eva Maria Lakatos e Maria de Andrade Marconi:

A preocupação em descobrir e, portanto, explicar a natureza vem desde os primórdios da humanidade, quando as duas principais questões referiam-se às forças da natureza, a cuja mercê viviam os homens, e à morte. O conhecimento mítico voltou-se à explicação desses fenômenos atribuindo-os a entidades de caráter sobrenatural. A verdade era impregnada de noções supra-humanas e a explicação fundamentava-se em motivações humanas atribuídas a "força" e potências sobrenaturais (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 83).

O processo que se teve do desenvolvimento histórico para se chegar aos métodos científicos contemporâneos passou se por questionamentos, dúvidas, observações e reflexões sobre o ambiente natural e as relações que se tem com o meio, ou seja, o espaço geográfico em que o ser humano passou a construir-lo e modificar conforme suas necessidades e anseios em dominar a natureza, com isso se deve a enumeradas formas de relacionar, racionalizar e estruturar o amplo conhecimento humano.

Nas explicações de Cléber Cristiano Prodanov e Ernani César de Freitas.

²² LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Maria de Andrade. Fundamentos de metodologia científica, 2003.

Método científico é o conjunto de processos ou operações mentais que devemos empregar na investigação. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa. Os métodos que fornecem as bases lógicas à investigação são: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico. Vários pensadores do passado manifestaram o desejo de definir um método universal que fosse aplicado a todos os ramos do conhecimento. Hoje, porém, os cientistas e filósofos da ciência preferem falar numa diversidade de métodos, que são determinados pelo tipo de objeto a investigar e pela classe de proposições a descobrir. Assim, podemos afirmar que a Matemática não tem o mesmo método da Física e que esta não tem o mesmo método da Astronomia. E, com relação às ciências sociais, podemos mesmo dizer que dispõem de grande variedade de métodos (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 44).

Com o passar do tempo muitas atribuições aos diversos conhecimentos que ao acumular se vão tornando se padrões na estruturação do pensamento metodológico. Foram se estruturado diversas linhas de conhecimentos, tais como, o popular, filosófico, religioso e científico. Esses conhecimentos são dotados de experiências subjetivas ou coletivas, não que seja depreciada, mas que utilizam se de distintas fundamentações.

Os procedimentos desses métodos esclarecem de forma lógica os caminhos para a realização confiável através do processo de investigação científica dos fatos da sociedade e da natureza. Pois, esses métodos dotados de pensamentos abstratos orientaram o pesquisador a realizar as investigações com regras e explicações que irá validar seu objeto de pesquisa das generalizações (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 26).

Segundo Lakatos e Marconi:

O senso comum, aliado à explicação religiosa e ao conhecimento filosófico, orientou as preocupações do homem com o universo. Somente no século XVI é que se iniciou uma linha de pensamento que propunha encontrar um conhecimento embasado em maiores garantias, na procura do real. Não se buscam mais as causas absolutas ou a natureza íntima das coisas; ao contrário, procura se compreender as relações entre elas, assim como a explicação dos acontecimentos, através da observação científica aliado ao raciocínio (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 84).

O conhecimento popular, que às vezes denominado senso comum não se distingue do conhecimento científico como um todo, nem pela veracidade nem pela natureza do objeto conhecido, o que diferencia é a forma de aplicação, o modo ou método e os instrumentos do conhecer (LAKATOS e MARCONI, 2003).

Com a estruturação e normatização dos métodos científicos ocorre o avanço para o reconhecimento científico padronizado, que viabilizam métodos que

orientam o pesquisador na construção e moldagem do objeto de pesquisa, assim, sendo reconhecido e idealizador de novos trabalhos e até de novos métodos que o levaram as conclusões da pesquisa científica.

A natureza da pesquisa foi de cunho qualitativa, quantitativa e exploratória, pois, por se tratar de uma pesquisa com o objetivo é de investigar e apresentar a existência da desigualdade sócio-espacial promovida e condicionada por setores hegemônicos, tais como, os poderes políticos e econômicos.

A pesquisa a priori realizou-se por buscas bibliográficas, seguindo a pesquisa de campo, entrevistas e por fim o tratamento dos dados coletados. A utilização dos materiais bibliográficos são a base para a iniciação da pesquisa, portanto, para dar a sustentabilidade e o embasamento teórico e prático na construção e desenvolvimento do objeto de pesquisa.

Após o levantamento bibliográfico desenvolvido e construído partiu-se para a exploração em campo, onde os pesquisadores foram frequentes na busca de análises que puderam ser feitas em sintonia com a bibliográfica. Foi possível realizar e comparar a existência das desigualdades sócio-espaciais em campo, tanto estruturais, infraestruturais e as ineficiências de políticas públicas voltadas para a saúde e educação.

Com a constatação visual e perceptível das desigualdades sócio-espaciais no bairro Nova Contagem os pesquisadores iniciaram o quadro de entrevistas e questionários. Foram entrevistados 50 (cinquenta) moradores do bairro onde responderam um questionário totalizando 12 (doze) questões de interesses sociais, políticos e econômicos, ou seja, de relações qualitativas e quantitativas.

Para constatar-se e evidenciar o objeto de pesquisa a existência da desigualdade sócio-espacial foram necessários utilizar por meios metodológicos científicos relacionados acima, portanto, a finalização desde o levantamento bibliográfico até o tratamento de dados.

Os pesquisadores constataram que a relação do espaço urbano está intrinsecamente voltada para a lógica capitalista de produção e reprodução, por meios institucionais e pressões políticas e econômica dos agentes hegemônicos estratificando, repartindo os espaços urbanos, conforme a aplicabilidade de interesses e ganhos econômicos que resultam na manutenção das desigualdades sócio-espaciais.

Portanto, ao analisar um fato, o conhecimento científico não trata apenas de explicá-lo, pois, também busca descrever e explicar as suas relações com outros fatos, assim conhecendo sua realidade, mais que suas aparências (PRODANOV e FREITAS, 2013).

Conforme Lakatos e Marconi:

O senso comum tende a considerar o fato como realidade, isto é, verdadeiro, definitivo, inquestionável e autoevidente. Da mesma forma, imagina teoria como especulação, ou seja, idéias não comprovadas, que uma vez submetidas à verificação, se revelarem verdadeiras, passam a constituir fatos e, até leis. Sob o aspecto científico, entretanto, se fato é considerado uma observação empiricamente verificada, a teoria se refere a relações entre fatos ou, em outras palavras a ordenação significativa desses fatos, consistindo em conceitos, classificações, correlações, generalizações, princípios, leis regras, teoremas, axiomas etc (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 114).

No que se refere ao sistema de conceitos, o fato não é somente a observação prática do acaso, mas também de uma afirmação empírica a ser verificada sobre o fenômeno estudado, desta forma inclui tanto as observações científicas, quanto um quadro referencial teórico conhecido, ao qual se enquadram nas observações (LAKATOS e MARCONI, 2003).

4.1 Revisão Teórica

Os estudos de caso devem se seguir todo um roteiro estratégico metodológico, na qual foram indagadas as diferenças estruturais, sociais, políticas e econômicas, no objeto de estudo, que se relacione entre si, o caso estudado são o bairro de Nova Contagem e região que está no limite municipal entre de Contagem e Esmeraldas, que ambas as cidades encontram se na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), Estado de Minas Gerais.

O estudo de caso²³ é orientado pelos acontecimentos históricos que são evidenciados na contemporaneidade através de relatos, documentos e objetos físicos, que podem ser utilizados e como base comum as entrevistas estruturadas, que irá dar sustentabilidade, confiabilidade nas conclusões dos fatos.

De acordo com Robert K. Yin:

²³ YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos, 2003. Nesta obra o autor descreve clinicamente os métodos e estratégias para a elaboração de uma pesquisa de estudo de caso.

O estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes. O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas (YIN, 2003, p. 27).

Os métodos e as técnicas a serem utilizadas e empregadas na pesquisa científica podem ser escolhidos desde a proposição do problema, da formulação das hipóteses e da delimitação do universo ou da amostra (LAKATOS e MARCONI, 2003).

A presente pesquisa será realizada por meio de estudo empírico, de teor qualitativo e quantitativo, junto ao bairro e região de Nova Contagem e a área do limite municipal entre Contagem e Esmeraldas/MG, cujo propósito é colher informações e dados que buscam atingir os objetivos propostos dessa pesquisa de campo. Portanto, foi realizado o estudo de caso que ocorre nesse bairro e a região entre os dois municípios, fenômenos que estão interligados geograficamente, politicamente e economicamente, que foi de real interesse dos pesquisadores.

O estudo de caso para Yin, citado por Cabral (2006) é uma investigação empírica e passível de observação cuja manifestação é atual, o que está inserido em sua conjuntura e contexto de realidade, quando as fronteiras entre o evento e o contexto não são claramente definidas. No estudo de caso pode se utilizar distintas fontes para se buscar indícios.

Essa metodologia vem sendo utilizada pelos pesquisadores sociais, visto servir a pesquisas com diferentes propósitos definidos como:

“Explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos. Descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação. Explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos” (YIN, 2001, p. 36).

A escolha do trabalho de pesquisa qualitativa e quantitativa no bairro de Nova Contagem e região área dos limites municipais entre as cidades de Contagem e Esmeraldas no Estado de Minas Gerais. O trabalho de pesquisa justifica se pelos conhecimentos adquiridos durante o curso de Licenciatura em Geografia, que durante a graduação foram realizados diversos trabalhos de campos, o que motivou e inspirou os pesquisadores atuarem no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),

entretanto, foi de interesses de ambos os graduandos em realizar uma pesquisa que contribua para a sociedade e o meio acadêmico, para uma melhor percepção e olhar crítico sobre bairros de origens populares que estão geograficamente afastados dos centros políticos, econômicos e financeiros urbanos, mas em constante interação social e cultural com o mundo globalizado.

A pesquisa científica por natureza é uma atividade humana que cujo objetivo é conhecer e explicar os fenômenos, disponibilizar respostas às questões significativas para o entendimento da natureza. Para realizar essa tarefa, o pesquisador utiliza o conhecimento acumulado anteriormente e manipula cuidadosamente o que há de diferentes métodos e técnicas para se buscar o resultado pertinente às suas indagações (PRODANOV e FREITAS, 2013).

O que torna o estudo de caso um método para a construção de uma pesquisa que deve ser estruturada com todas as disposições e rigorosidades para a elaboração do objeto de estudo em pesquisa científica. Portanto, os pesquisadores ao terem o conhecimento prévio sobre seu objeto de estudo a partir daí lançar se para a efetivação do trabalho científico.

Para Cléber Cristiano Prodanov e Ernani César de Freitas:

A Pesquisa Científica visa a conhecer cientificamente um ou mais aspectos de determinado assunto. Para tanto, deve ser sistemática, metódica e crítica. O produto da pesquisa científica deve contribuir para o avanço do conhecimento humano. Na vida acadêmica, a pesquisa é um exercício que permite despertar o espírito de investigação diante dos trabalhos e problemas sugeridos ou propostos pelos professores e orientadores (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 49).

A pesquisa realizada foi de responsabilidade exploratória, com a finalidade de se fazer o levantamento de dados bibliográficos, artigos, entrevistas e um planejamento flexível que possibilita a efetivação do estudo em diversos ângulos e aspectos sociais, históricos e geográficos.

4.2 Técnicas de pesquisa: análises das paisagens, questionários, entrevistas, fotografias, análise de imagens de satélites

As técnicas de pesquisa fornecem diversos meios metodológicos de se obter os resultados da pesquisa, daqueles aos quais antecede o ato de ir ao campo de estudo, ou seja, se preparar, ter ênfase no objeto de estudo e delimitando a área

da pesquisa, assim adquirindo sobre a pesquisa um pensamento reflexivo, crítico e coerente.

Para a realização de uma pesquisa científica deve se orientar por um estudo planejado, com aplicações de métodos que orientam e caracterizam o processo de investigação que viabilizará para a descoberta das perguntas levantadas cientificamente mediante o método científico (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 43).

Segundo Prodanov e Freitas:

A pesquisa sempre parte de um problema, de uma interrogação, uma situação para qual o repertório de conhecimento disponível não gera resposta adequada. Para solucionar esse problema, são levantadas hipóteses que podem ser confirmadas ou refutadas pela pesquisa. Portanto, toda pesquisa se baseia em uma teoria que serve como ponto de partida para a investigação (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 43).

Seguindo as análises sobre o desenvolvimento para a construção e elucidação de uma pesquisa científica e suas técnicas de elaboração e orientação, na seguinte citação.

Conforme Prodanov e Freitas:

Pesquisar cientificamente significa realizarmos essa busca de conhecimentos, apoiando-nos em procedimentos capazes de dar confiabilidade aos resultados. A natureza da questão que dá origem ao processo de pesquisa varia. O processo pode ser desencadeado por uma dificuldade, sentida na prática profissional, por um fato para o qual não conseguimos explicações, pela consciência de que conhecemos mal alguma situação ou, ainda, pelo interesse em criarmos condições de prever a ocorrência de determinados fenômenos (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 44).

A partir de que se tenham as decisões tomadas em se realizar a pesquisa, deve se pensar construção de um esquema que poderá ser ou não modificado ao qual facilite a sua viabilidade. O esquema ajuda e auxilia o pesquisador a conseguir uma abordagem mais objetiva, imprimindo uma ordem lógica de trabalho. Para que as fases da pesquisa se processam naturalmente, deve ser tudo bem estudado e planejado, inclusive a obtenção de recursos materiais, humanos e de tempo (LAKATOS e MARCONI, 2003).

As análises das paisagens²⁴ naturais ou aquelas pelas quais os seres humanos constroem e habitam, ou seja, a ação antrópica, pois essas áreas estão em constantes transformações, seja por motivos políticos, econômicos, sociais e culturais, ou no que se refere ao constante trabalho realizado no espaço geográfico, para o qual o modifica em seu benefício próprio e para a sua contínua atividade expansiva sobre o meio natural.

De acordo com Milton Santos:

A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudanças. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. Por isso, ela própria é parcialmente trabalho morto, porque formada por elementos naturais e artificiais. A natureza natural não é trabalho. Já o seu oposto, a natureza artificial, resulta de trabalho vivo sobre o trabalho morto (SANTOS, 2014, p. 74).

Através das análises da paisagem pode se perceber os momentos históricos ali presente, tais como, artístico, arquitetônico, cultural, político, econômico e o atual momento que nele vai sendo alterado constantemente por essas ações humanas. Com isso, a leitura da paisagem ela sendo propriamente crítica pode se adquirir todas essas percepções que involucram as transformações que se dão na paisagem, o que é próprio do sistema econômico vigente, o capitalismo, que dessa forma move se, desloca se, conforme a sua produção e reprodução sobre o espaço geográfico, conseqüentemente alterando a paisagem.

A elaboração de um questionário tem por finalidade há realizar o levantamento de informações sobre a idade, renda, atividade, escolaridade e o posicionamento demográfico. Já o estilo de vida, descrito sob os aspectos de atitudes, interesses e opiniões dos entrevistados (NOGUEIRA, 2002).

Para a construção de um questionário pode ser em diferentes tipos, de caráter direto, onde o pesquisador consegue obter a resposta desejada, no modelo aberto, conta com a vantagem de explorar todas as possíveis respostas de um item. Já no questionário aberto apesar de que se apresente com uma forma mais rígida dos que os demais tipos ele permite o tratamento estatístico com o auxílio de computadores, no caso do questionário indireto é por via mais difícil de obter dados mais precisos devido a assuntos mais delicados como renda familiar e idade (NOGUEIRA, 2002).

²⁴ SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*, 2014. Nessa obra o autor descreve os principais conceitos da geografia dentre eles o de Paisagem.

O questionário aplicado nessa presente pesquisa foi o indireto, por se tratar de casos propriamente particulares dos entrevistados, o questionário indireto foi o melhor a ser adotado para esse trabalho científico. Por se tratar de perguntas que foram realizadas sobre o grau de escolaridade e renda familiar, os entrevistados em alguns casos se sentiram constrangidos, entretanto, os entrevistados foram de ambos os sexos e de distintas idades, pois, assim foi possível obter informações e distintas percepções sobre o tema da pesquisa explorada.

Segundo Lakatos e Marconi:

O questionário deve ser limitado em extensão e em finalidade. Se for muito longo, causa fadiga e desinteresse; se curto demais, corre o risco de não oferecer suficientes informações. Deve conter de 20 a 30 perguntas e demorar cerca de 30 minutos para ser respondido. É claro que esse número não é fixo: varia de acordo com o tipo de pesquisa e dos informantes (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 203).

As fotografias foram tomadas em áreas estratégicas de concentração econômica e populacional do bairro Nova Contagemna Rua Via Principal dois (2) e Rua Via Principal um (1) onde na Via Principal dois (2) encontra se a maior parte das residências e está o limite municipal entre as cidades de Contagem e Esmeraldas ambas na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).

Já na Via Principal um (1) destaca se pela forte presença comercial de varejo e a presença de serviços públicos de saúde, correios e segurança, onde também ocorrem as relações e interações entre os moradores do bairro e região.

Nas fotografias pode se perceber que no bairro de Nova Contagemna cidade de Contagem, as infra-estruturas e serviços públicos estão mais presentes do que nos outros bairros em seu entorno, tais como, a coleta de lixo, resíduos sólidos e orgânicos, o acesso a água tratada e coleta de esgoto, linhas de ônibus coletivos, ruas asfaltadas, praças arborizadas, posto de saúde e escolas municipais da rede pública, comércios de varejo e redes de supermercados.

De acordo com Henri Lefebvre:

A corporação não regulamente apenas uma profissão. Cada organização corporativa entra num conjunto orgânico; o sistema corporativo regulamenta a divisão dos atos e das atividades no espaço urbano (ruas e bairros) e no tempo urbano (honorárias festas). Este conjunto tende a se fixar numa estrutura imóvel. Disso resulta que a industrialização pressupõe a ruptura desse sistema urbano preexistente; ela implica a desestruturação das estruturas estabelecidas (LEFEBVRE, 2011, p. 14).

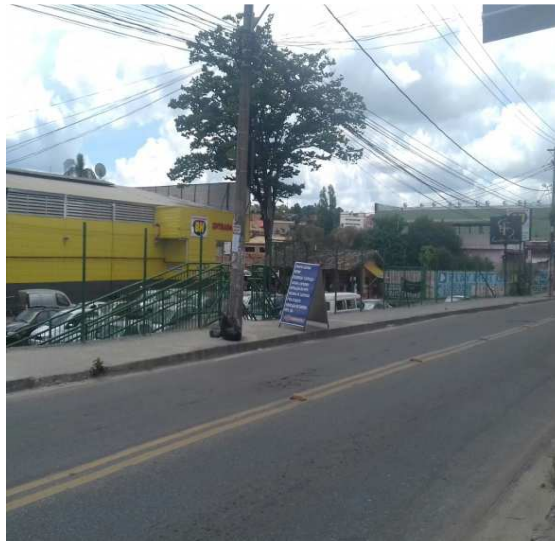
As fotografias abaixo (1) e (2) pertence à Rua Via Principal um (1) que concentra se os diversos comércios varejistas e os serviços públicos de saúde, correios, segurança pública e por onde circula as principais linhas de ônibus coletivos que dão acesso ao interior do bairro e a região de Nova Contagem, ou seja, onde se concentra toda dinâmica de relações comerciais de consumo, trocas, serviços e de amizades entre os moradores, portanto, é onde as pessoas se encontram e reencontram nas suas diversas atividades.

FOTO 1 – Unid. de Pronto Atendimento (UPA)



Fonte: Heron de Souza Rodrigues, 2017

FOTO 2 – Rede de comércio



Fonte: Heron de Souza Rodrigues, 2017

Para Sílvia Aparecida Guarnieri Ortigoza:

O comércio, em geral, e a venda a varejo, em especial, constituem atividades essencialmente urbanas e que exigem centralidade. As ligações do comércio com o espaço urbano fazem parte de um longo processo, porque o comércio varejista faz parte da própria razão de ser das cidades, justifica uma boa parte da sua organização interna, explica inúmeros movimentos que se desenvolvem no seu interior. Essas relações entre a cidade e o comércio são dinâmicas e a cidade vai se tornando produto das decisões e das práticas de diversos atores, entre eles os comerciantes, os consumidores, os promotores imobiliários e os produtores/fabricantes (ORTIGOZA, 2010, p. 89).

Nas fotos (3) e (4) está a Rua Via Principal dois (2) que circula o bairro e faz a divisa com a cidade de Esmeraldas (RMBH), a rua tem sua característica residencial organizada em sua parte mais elevada e em seu ponto de menor elevação há maior desorganização, a rua se estreita e suas casas são mais precárias.

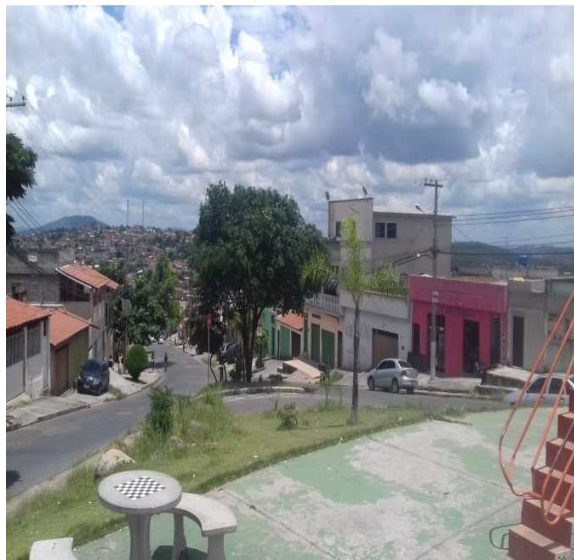
Na foto (4) ao fundo há direita está o bairro Recanto Verde pertencente ao município de Esmeraldas, que apesar de conter maior área verde apresenta maiores atrasos sociais e estruturais do que no bairro e região de Nova Contagem que a esquerda da foto pertencente à cidade de Contagem, com maior urbanização e estruturas e serviços públicos.

FOTO 3 – R. Via Principal 2 – VP2



Fonte: Heron de Souza Rodrigues, 2017

FOTO 4 – R. Via Principal 2 – VP2



Fonte: Heron de Souza Rodrigues, 2017

Nas fotos (5) e (6) mostram as poucas áreas de lazeres que contam no bairro e região de Nova Contagem, que geralmente são quadras para se praticar e jogar futebol e contam com mesas, bancos e são arborizadas. Porém, apresenta um relativo abandono já que estão com capins e pastos altos e em processo de deterioração, devido a não manutenção desses locais que a comunidade utiliza para

o entretenimento para suas crianças e jovens, pois, o bairro é carente no que se refere à cultura e lazer.

FOTO 5 – Praça de Lazer



Fonte: Heron de Souza Rodrigues, 2017

FOTO 6 – Praça de Lazer



Fonte: Heron de Souza Rodrigues, 2017

Como afirma Milton Santos:

Nas condições atuais, o cidadão do lugar pretende instalar-se também como cidadão do mundo. A verdade, porém, é que o “mundo” não tem como regular os lugares. Em consequência, a expressão cidadão do mundo torna-se um voto, uma promessa, uma possibilidade distante. Como os atores globais eficazes são, em última análise, anti-homem e anticidadão, a possibilidade de existência de um cidadão do mundo é condicionada pelas realidades nacionais (SANTOS, 2012, p.113).

Com isso, o papel do lugar é determinante. Não é apenas um quadro da vida, mas um espaço vivido, ou seja, de experiência sempre renovada, o que dispõe, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e o questionamento sobre o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (SANTOS, 2012).

A fotografia (7) apresenta a vista parcial das casas do bairro Nova Contagem, como pode se vê as residências estão em local com pouca organização urbana, aglomeradas e com risco de deslizamento em períodos chuvosos, apesar de conter barreiras de contenção e redes de drenagens, tanto na parte superior e inferior do bairro. Na foto (8) outra vista parcial do bairro Nova Contagem pode se observar com melhor organização e distribuição das ruas asfaltadas, redes de drenagens e canalização para a rede de esgoto e com moradias planejadas.

FOTO 7 – Nova Contagem



Fonte: Philip de Almeida Santana, 2017

FOTO 8 – Nova Contagem

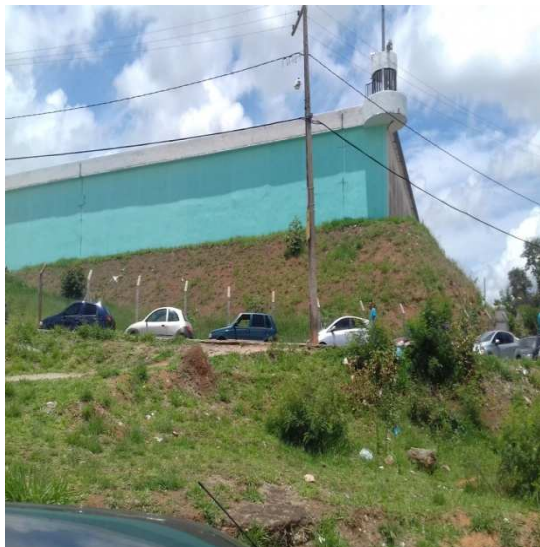
Fonte: Philip de Almeida Santana, 2017

Abaixo na imagem (1) e a foto (9) está a Penitenciária Nelson Hungria (PNH) que foi inaugurada no ano de 1998. Apesar da crescente valorização dos imóveis, outros fatores que geram alterações nos valores dos estabelecimentos e residências que ocorre no bairro de Nova Contagem é a existência da (PNH).

Os moradores em sua maioria não se queixam da presença da Penitenciária Nelson Hungria, alguns relatam que trouxe até mais segurança devido ao patrulhamento ostensivo exercido pela Polícia Militar do Estado de Minas Gerais (PMMG) o que aparentemente beneficia a segurança dos moradores residentes do bairro.

IMAGEM 1 – Penitenciária Nelson Hungria

Fonte: Google imagens, 2017

FOTO 9 – Penitenciária Nelson Hungria

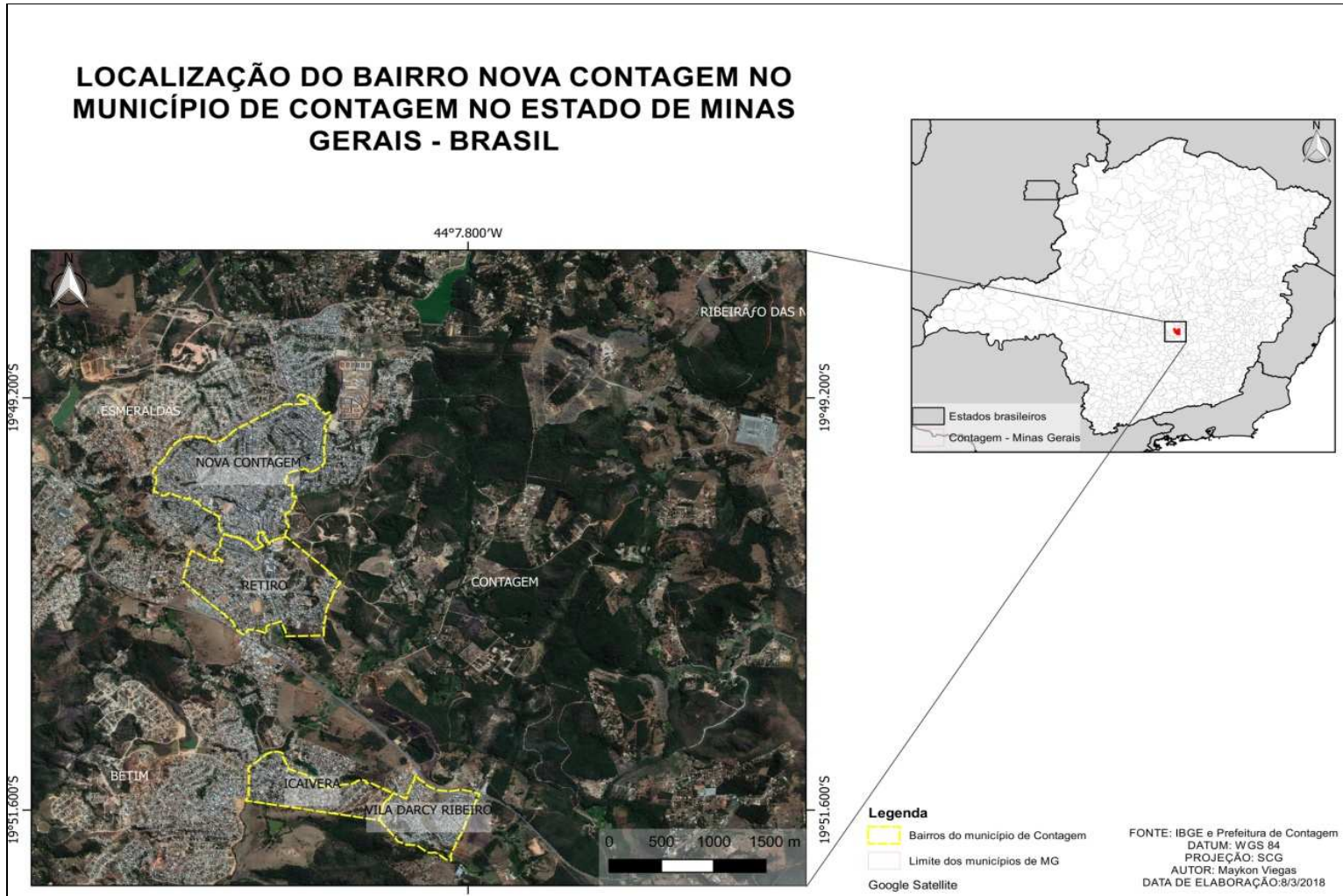
Fonte: Heron de Souza Rodrigues, 2017

No sistema urbano que buscamos analisar se exerce nos efeitos desses conflitos específicos, entre valor de uso e valor de troca, entre a mobilização da riqueza em espécie e o investimento improdutivo na cidade na acumulação do capital e sua dilapidação nas festas, entre a extensão do território dominado e as

exigências e as organizações totalitárias desse território em torno da cidade dominadora (LEFEBVRE, 2011).

No seguinte mapa (01) apresenta-se o Estado de Minas Gerais, o que torna a percepção ampliada sobre o área de estudo da pesquisa, o bairro e a região de Nova Contagem, podendo perceber em um ângulo com as distintas áreas urbanas de maior concentração populacional e as áreas verdes que sofrem pressões da especulação imobiliária a serem exploradas é o que apresenta um nítido contraste nesse limite entre as cidades de Contagem e Esmeraldas ambas na (RMBH) Estado de Minas Gerais.

MAPA 1 – Localização do bairro Nova Contagem no município de Contagem no Estado de Minas Gerais – Brasil



4.3 Métodos de interpretação da paisagem

O que nos remete a compreender as interpretações das paisagens parte do princípio em entendê-las como fenômenos de contínuas mudanças, seja por alterações naturais e humanas conforme suas ambições e necessidades. Ao processo de construção, mudanças, evoluções e alterações culturais por meio do desenvolvimento tecnológico e científico o homem apropria-se da natureza de forma que passa a modificá-la com distintos fins e conseqüentemente o seu modo e estilo de conviver em sociedade modificam-se.

Para Milton Santos:

Há uma adequação da sociedade sempre em movimento à paisagem. A sociedade se encaixa na paisagem, supõe lugares onde se instalam, em cada momento, suas diferentes frações. Há, dessa maneira, uma relação entre sociedade e um conjunto de formas materiais e culturais. Quando há uma mudança social há também mudança dos lugares (...) (SANTOS, 2014, p. 79).

Tudo que é possível de se ver, sentir e relacionar-se com o meio natural e artificial é devido à construção de um processo de mutação historiográfico da evolução do ser humano com a natureza o ser humano um ser natural dotado de capacidades de transformar a si e seu meio. Expresso na seguinte citação.

Segundo Ortigoza:

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação e dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpetua evolução (ORTIGOZA, 2010, p. 83, apud BERTRAND, 1971, p. 2).

A paisagem²⁵ por se tratar de estar em constantes movimentos em sintonia dialética com as ações e alterações humanas sobre tudo na cidade, onde esses fenômenos são mais perceptíveis e sensitivos do que no campo, que pode se perceber as paisagens mais homogêneas, como as de plantações e criações, pois na cidade as mudanças se dão de maneira na qual há necessidade do ser humano

²⁵ SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*, 2014. Nesta obra o autor descreve os principais conceitos da geografia, dentre eles os das distintas formas de Paisagens.

em estar modificando o seu habitat em reprodução e expansão de seus interesses econômicos, culturais e políticos.

Segundo Milton Santos:

A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de ações e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca de história do trabalho, das técnicas. Por isso, ela própria é parcialmente trabalho morto, porque formada por elementos naturais e artificiais. A natureza natural não é trabalho. Já o seu oposto, a natureza artificial, resulta de técnica é grande sobre a natureza, o trabalho se dá sobre o trabalho. É o caso das cidades, sobretudo as grandes. As casas, a rua, os rios canalizados, o metrô, etc. são resultados do trabalho corporificado em objetos culturais. Não faz mal repetir: suscetível a mudanças irregulares ao longo do tempo, a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço (SANTOS, 2014, p. 75).

Pode se interpretar e examinar as paisagens em distintas categorias e suas diferentes formações e criações, ou seja, de origem natural ou cultural, sendo a primeira, todavia intocada pelo ser humano e a outra transformada. Portanto, partindo dessa premissa as paisagens ganham diferentes estudos de análise, há categorizando por suas funções a qual serão transformadas, podendo assim realizar escalas de estudos para as suas diversas funcionalidades e também os sistemas que a integram essas paisagens.

Nessa perspectiva, Milton Santos cita:

O que se poderia, também sugerir é a óptica abrangente, a óptica da produção das coisas, ou, melhor, dos fenômenos tanto naturais como sociais. Isso levaria a uma outra forma de pensar o estudo regional, vendo a região como o lugar onde a ação se passa. É o espaço da ação, do impacto da ação; esta tanto é natural quanto humana, pode ter origem local ou distante, mas sempre resulta em um impacto sobre um espaço de território. Esta ação se exerce sobre objetos naturais e criados. A verdade, porém, é que, com o avanço da técnica, os objetos criados substituem cada vez mais os objetos naturais, mas aparecem também como objetos naturais aos olhos das novas gerações. É uma história de sua produção que distingue a natureza herdeira do natural e aquela que provém do artifício (SANTOS, 2014, p. 102).

Notadamente, o estudo da paisagem foi ganhando relevância para as pesquisas geográficas, tendo atualmente o significado de um sistema de objetos reais e concretos. Hoje se observa a paisagem como um reconhecimento de que ela não é um simples amontoado de elementos geográficos desordenados, mas, sim, um resultado de uma combinação de dinâmicas em movimentos, em constantes

transformações de elementos físicos, químicos, biológicos e humanos (ORTIGOZA, 2010).

De acordo com Ortigoza:

A conformação da experiência humana está condicionada à vida social e ao espaço geográfico. A paisagem é a materialização mais imediata e momentânea da vida social, e, portanto, precisa ser analisada no contexto do cotidiano, das representações da natureza e dos seus significados. Nesse sentido, tanto as representações da paisagem como a cultura são constituintes da identidade socioespacial. Diante desses pressupostos, a paisagem como categoria de análise, pode, então, ser historicamente contextualizada (ORTIGOZA, 2010, p. 81).

Para a geografia, o estudo da paisagem, desde sua origem de seu pensamento, sempre representou um desafio provocador e central, e desse modo, em todo o desenvolvimento do conhecimento acumulado o que muito vem se produzindo sobre essa categoria de análise (ORTIGOZA, 2010).

Como ciência social a geografia, entretanto, valoriza a ação social sobre a paisagem, e, nesse sentido, a observação e a interpretação da paisagem são os pontos de partida para o entendimento entre as relações da sociedade e a natureza, o que nos ajuda a compreender melhor o mundo em que estamos inseridos (ORTIGOZA, 2010).

A abordagem das paisagens nos dias de hoje, tem um aporte com características multidisciplinar, o que vem contribuindo para o enriquecimento de sua compreensão. Portanto, assim, outra pressão que tem sido apontada sobre a paisagem urbana, se refere à *city Marketing*²⁶, que consiste na divulgação dos pontos positivos da cidade, e sua incorporação vem provocando enormes transformações, cidade-mercadoria, cidade-empresa, cidade-espetáculo e cidade-competitiva (ORTIGOZA, 2010).

As relações sociais que conseqüentemente aplicadas sobre o espaço geográfico modifica a paisagem, a qual os seres humanos a tornou em seu habitat, esse processo de construções e modificações sobre a natureza é registrado sobre a paisagem, pois, essas alterações marcam também o tempo e período dessas forças no espaço.

Conforme Ortigoza:

²⁶ ORTIGOZA, Sílvia Aparecida Guarnieri. Paisagens do consumo, 2010. A autora realizou seu trabalho descrevendo as relações de consumo junto às paisagens abordadas nos centros urbanos.

Com base no acúmulo do conhecimento geográfico e nas colocações dos autores citados, podemos dizer que a paisagem é a produção do espaço que consubstancia os valores, as idéias, as culturas, sistemas de produção, modos de vida de uma sociedade, num determinado momento histórico, e desse modo é uma categoria de análise geográfica que permite analisar e decodificar a realidade em diferentes escalas (ORTIGOZA, 2010, p. 86).

4.4 Métodos de interpretação de questionários e entrevistas

Os métodos de interpretações de questionários e entrevistas passa pelo processo em compreender o campo da pesquisa, ou seja, as habilidades que o pesquisador desenvolveu durante a pesquisa de campo, tratado no estudo de caso. Com isso exercer seus conhecimentos sobre o tema, tendo domínio geral e específico, quando chegar às fazes práticas de entrevistas e questionário esteja preparado, atento e tendo imparcialidade e ética.

Quando inicia se uma pesquisa deve se preparar de forma objetiva e necessária em buscar entender e compreender o objeto de pesquisa para se ter o domínio do estudo de caso que beneficiará o pesquisador e possibilitando maior independência, pois, com o conhecimento prévio lhe será importante na aplicação das entrevistas e coleta de dados.

Para Yin:

A chave para compreender o treinamento necessário à coleta de dados para o estudo de caso é compreender que cada pesquisador deve ser capaz de trabalhar como um pesquisador “sênior”. Uma vez no campo de pesquisa, todo pesquisador de campo é um pesquisador independente e não pode confiar em fórmulas rígidas para orientar seu comportamento. O pesquisador deve sempre ser capaz de tomar decisões inteligentes sobre os dados que estão sendo coletados (YIN, 2003, p. 85).

O levantamento dos dados foi o de pesquisa mista que baseou se em ambas as metodologias quantitativas e qualitativas, iniciando se pelo método quantitativo e posterior o qualitativo. As perguntas foram realizadas em questionário, tais, como; O tempo de residência do morador no bairro, renda familiar mensal, custo de vida no bairro, e a idade dos entrevistados.

Conforme Lakatos e Marconi:

A elaboração de um questionário requer a observância de normas precisas, a fim de aumentar sua eficácia e validade. Em sua organização, devem-se levar em conta os tipos, a ordem, os grupos de perguntas a formulação das mesmas e também “tudo aquilo que se sabe sobre percepção, estereótipos,

mecanismos de defesa, liderança etc” (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 202 apud AUGRAS, 1974, p.143).

Já o método qualitativo foi feitas as perguntas relacionadas à qualidade de vida e o acesso aos aparelhos públicos do bairro, as perguntas foram; O motivo para ir viver no bairro, a profissão do entrevistado, a satisfação com o serviço de transporte público que atende a região, serviços básicos como a segurança, acesso a saúde, escolas de ensino fundamental e médio, escolaridade do entrevistado e se o fato de existir o presídio na região afeta as percepções sobre os moradores.

Definir um problema significa especificá-lo em detalhes precisos e exatos. Na formulação de um problema deve haver clareza, concisão e objetividade. A colocação clara do problema indagado pode facilitar a construção da hipótese central (LAKATOS e MARCONI, 2003).

Segundo Lakatos e Marconi:

Os métodos e as técnicas a serem empregados na pesquisa científica podem ser selecionados desde a proposição do problema, da formulação das hipóteses e da delimitação do universo ou da amostra. A seleção do instrumental metodológico está, portanto, diretamente relacionada com o problema a ser estudado, dependerá da escolha dos vários fatores relacionados com a pesquisa, ou seja, na natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa, os recursos financeiros, a equipe humana e os outros elementos que possam surgir no campo da investigação (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 163).

A pesquisa escolhida pelos pesquisadores foi à mista, pois, por se tratar de um estudo de caso, que é de fatores históricos e geográficos. Portanto, a região norte do município de Contagem concentra se a área rural da cidade, entretanto, as pessoas que viviam em áreas de risco em outras regiões da cidade foram deslocadas para esta atual região administrativa, criando a região de Nova Contagem. Portanto, o bairro e a região de Nova Contagem apresentam todas as características do crescimento urbano periférico, impulsionado pela especulação imobiliária, a relação entre capital público e privado, os serviços e as infraestruturas públicas e a desigualdade social.

Para que o estudo ofereça boas perspectiva científica, deve se ter certas exigências levadas em consideração, fidelidade de aparelhagem, precisão e consciência dos testes, objetividade e validade das entrevistas e dos questionários ou formulários e os critérios de seleção de amostra (LAKATOS e MARCONI, 2003).

As indagações e os questionamentos sobre o estudo de caso criou-se as hipóteses para a elaboração da pesquisa científica que foi motivada pela busca na compreensão dos fatos que envolvem a especulação imobiliária e a desigualdade na região de Nova Contagem, uma confluência de bairros que surgiram a menos de cinquenta anos, que passou de zona rural para área urbana periférica da cidade em expansão imobiliária e demográfica. Com isso há uma maior necessidade em criar-se os aparelhos e infraestruturas de serviços públicos para o atendimento dos moradores, e compreender de forma que possa abarcar toda a região sem privilégios e distinção do poder público.

Como afirma Lakatos e Marconi:

Hipótese é uma proposição que se faz na tentativa de verificar a validade de resposta existente para um problema. É uma suposição que antecede a constatação dos fatos e que tem como característica uma formulação provisória: deve ser testada para determinar sua validade. Correta ou errada, de acordo ou contrária ao senso comum, a hipótese sempre conduz a uma verificação empírica (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 161).

Os resultados foram obtidos com a execução do trabalho em campo, juntamente com as entrevistas, questionários e os levantamentos de dados expressos no capítulo 5.4. Com isso, possa prever que há existência nas indagações propostas pelos pesquisadores referentes às desigualdades sociais no bairro e região de Nova Contagem.

5 ÁREA DE ESTUDO

A pesquisa de campo e suas fases requerem, em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica, buscando o maior número possível de documentos reconhecidos sobre o tema em questão. Este material servirá, como primeiro passo, para saber se em que estado se encontra atualmente o objeto de pesquisa, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões divergentes e reinantes sobre o campo de estudo.

De acordo com Lakatos e Marconi:

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida para a investigação social (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 191).

Com o levantamento bibliográfico em fontes confiáveis e responsáveis e revendo minuciosamente as obras de autores que trabalham sobre o tema da pesquisa o que proporciona maior contribuição e domínio para a elaboração e construção do objeto de pesquisa. Com isso, elevará um maior nível de confiança para a definição de um modelo referencial do tema proposto, na qual irá trazer credibilidade para a pesquisa e confiabilidade para o pesquisador, pois, a busca por meio legal, confiável e responsável para a criação do trabalho de pesquisa, embasado tanto em pesquisas bibliográficas quando em campo.

Contagem é um dos 34 municípios que integram a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) que está situada na região central do Estado de Minas Gerais, no Campo das Vertentes, sua extensão territorial é de 194, 586 km², sua população é de 608, 650 000 habitantes (projeção do IBGE, 2007). Contagem era conhecida como, O arraial de São Gonçalo do Ribeirão dos Abóboras, a cidade é relativamente jovem, sua história como município autônomo começa após a emancipação da cidade que era distrito da cidade de Betim (RMBH) até meados do século XX, especificamente em 27 de Dezembro de 1948 com a Lei n° 336 concedeu a autonomia administrativa ao município.

No ano de 1701, a coroa portuguesa mandou instalar um posto fiscal nas margens do Ribeirão Abóboras para o controle e contagem de gados, que vinham da região do Rio São Francisco com o destino para a região das minas, às atuais cidades de Ouro Preto e Mariana. Com a instalação deste posto fiscal, com a demanda de alimentos, trabalhadores, comerciantes e religiosos criou-se um arraial em torno da Casa do Registro e a capela de São Gonçalo, santo português, patrono dos viajantes (CONTAGEM, 2018).

Após a quebra da bolsa de Nova York e a crise de 1929, o Estado de Minas Gerais sentiu as consequências, com isso, o governador junto com os tecnocratas elaborou um plano para um Estado forte, pois esse, conta com grandes riquezas naturais. Então foram criados parques industriais em Minas Gerais dentre eles o Parque industrial de Contagem, que mais tarde passa a se chamar Cidade industrial de contagem (CONTAGEM, 2018).

A região foi escolhida devido ao relevo suave, por ser vizinha da capital Belo Horizonte, boa localização geográfica, estradas que ligam aos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, região pouco habitada, extensas terras de fazendeiros que poderiam ser adquiridas devidas as dívidas e por manter e poupar a capital que era até então conhecida como “Cidade Jardim” (CONTAGEM, 2018).

A partir da industrialização do município, Contagem passou a receber imigrantes em busca de trabalho, e com isso a cidade organizou seu projeto de urbanização, criando-se novas sedes administrativas, loteamentos, chácaras, bairros residências e industrial o que demandou fortes investimentos em infraestruturas como rede de esgoto, água potável, ruas asfaltadas e serviços públicos, tais como, escolas, centros técnicos e centros de saúde, conforme a expansão urbana, apesar de todo o investimento a cidade conta com grandes áreas precárias e de riscos sociais para a convivência urbana (CONTAGEM, 2018).

O campo de estudo foi à região e o bairro Nova Contagem, que para os pesquisadores apresenta as características que as buscavam em detrimento de tudo que oferece de pesquisa bibliográfica e de campo essa região do município de Contagem, cidade que pertence a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Portanto, a região e o bairro Nova Contagem que além de apresentar fenômenos como o de crescimento demográfico, especulação imobiliária, expansão do comércio, conta com problemas infraestruturais e a degradação ambiental em seu entorno, pois, já que a região encontra-se na maior área verde do município.

Como declara Ortigoza:

A intensificação da divisão espacial do trabalho, a mundialização do comércio, o aprofundamento das trocas de mercadorias a abstração das fronteiras entre os Estados, entre outros, são processos em constituição, os quais exercem influência direta na sociedade urbana, alterando os fluxos de informações e, conseqüentemente, os hábitos de consumo. Nesse processo, o espaço urbano, pela pressão da técnica global, vai se tornando fluido e passa, gradualmente, a atender à velocidade imposta pelas novas relações sociais de produção. Esses fluxos de informações e as funções urbanas cada vez mais centradas no terciário reproduzem o espaço continuamente (ORTIGOZA, 2010, p. 18).

A região de Nova Contagem conta com suas principais vias de acesso a LMG 808 que é uma rodovia de ligação que passa pelo interior do município de Contagem e a MG 432 que passa pela cidade de Ribeirão das Neves, municípios que integram a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Essas rodovias são as responsáveis pela circulação norte da cidade de Contagem e que faz limites com os municípios de Ribeirão das Neves e Esmeraldas por onde transita os fluxos de pessoas, mercadorias, capitais e a movimentação do interior do Estado de Minas Gerais e de outras cidades da (RMBH) para o município de Contagem e a capital Belo Horizonte.

Portanto, esses corredores no setor norte da cidade de Contagem geram toda uma dinâmica econômica, cultural, política, social e logística entre esse entroncamento de municípios da grande Belo Horizonte (RMBH). Com isso, contribuindo para o crescimento demográfico, comercial e residencial o que implica uma demanda para a região em infraestruturas sociais e prevenções para a conservação ambiental, o que deve ser de interesse governamental, tanto do capital público e privado.

Com a dinâmica e organização do espaço urbano tem por finalidade a um propósito, não ingênuo, mas que direciona se o melhor meio de localização vista como fonte de lucros, mediante ao rápido e melhor acesso, com isso, as cidades são repartidas fragmentadas em distintas partes não só simbólicas, mas, com funções e objetivos condizentes com seus propósitos.

Conforme Ortigoza:

Com a interpretação do global no local, e vice-versa, as cidades vão se fragmentando, num mosaico composto por áreas comerciais com distintas características de centralidade, acessibilidades, funcionalidade e simbolismo. E assim a antiga ordem hierárquica, que organizava a cidade e

ditava as decisões espaciais da compra é significativamente abalada, dando lugar a novos nexos e fluxos, muito mais complexos, onde as contradições entre o centro e a periferia, o tradicional e o moderno, a centralidade e acessibilidade apresentam nova roupagem e adquirem novos conteúdos (ORTIGOZA, 2010, p. 79).

Com as relações políticas e privadas de setores corporativos que gerenciam as formas de organização e distribuição entre as cidades e o mundo, Milton Santos descreve abaixo:

De acordo com Santos:

A multiplicidade de situações municipais e regionais, inseridas com a globalização²⁷, instala uma enorme variedade de quadros de vida, cuja realidade preside o cotidiano das pessoas e deve ser a base para uma vida civilizada em comum. Assim, a possibilidade de cidadania plena das pessoas depende de soluções a serem buscadas localmente, desde que, dentro da nação, seja instituída uma federação de lugares, uma nova estruturação político-territorial, com a indispensável redistribuição de recursos, prerrogativas e obrigações (SANTOS, 2012, p. 113).

Com o mundo globalizado, ganha-se novos contornos no espaço geográfico, características novas e novas definições. A edificação e eficácia de novas ações e relações estão estreitamente relacionadas com sua valorização localizada. Os autores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros (SANTOS, 2012).

Segundo Milton Santos:

Mas o território não é um dado neutro nem um ator passivo. Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante, mas também permitem a emergência de outras formas de vida. Essa esquizofrenia do território e do lugar tem um papel ativo na formação da consciência. O espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente (SANTOS, 2012, p. 80).

Com isso, pode-se entender que o local está em constante interação com o global, exercendo mútuas relações que viabilizam este contato por meios culturais, políticos e econômicos, ou seja, é o que mantém essa interdependência exercida pela produção e reprodução do espaço geográfico, que esta em constantes mudanças sócio espaciais, que marcam não só o tempo, mas a paisagem e a vida social o que pode ser interpretado e observado no campo de estudo.

²⁷ SANTOS, Milton. Por uma outra globalização; do pensamento único à consciência universal, 2012. Nesta obra o autor descreva as distintas atuações do capitalismo contemporâneo e dos efeitos da globalização.

Como declara Milton Santos:

Nessas circunstâncias, a cidade ganha uma nova dimensão e um novo papel, mediante uma vida de relações também renovada, cuja densidade inclui as tarefas ligadas à produção globalizada. Por isso, a cidade se torna o lugar onde melhor se esclarecem as relações das pessoas, das empresas, das atividades e dos “fragmentos” do território com o país e com o “mundo” (SANTOS, 2012, p. 95).

5.1 Caracterização geral

As caracterizações gerais do campo de estudo podem ser vistos e estão representados nos mapas e imagens satélites que indicam e auxiliam na melhor compreensão e entendimento para a localização do bairro e a região de Nova Contagem no município de Contagem que se encontra na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), Estado de Minas Gerais.

A cidade de Contagem teve destaques e interesses políticos e econômicos após a crise de 1929, tendo sua posição estratégica privilegiada na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Portanto, o que levou a classe política e empresarial do Estado de Minas Gerais naquele momento fomentarem a industrialização, criando-se a indústria de base e parques industriais, pois, assim ganharia maior independência do mercado externo e contribuindo para o crescimento econômico nacional (CONTAGEM, 2018).

Conforme Milton Santos:

O Estado altera suas regras e feições num jogo combinado de influências externas e realidades internas. Mas não há apenas um caminho e este não é obrigatoriamente o da passividade. Por conseguinte, não é verdade que a globalização impeça a constituição de um projeto nacional. Sem isso, os governos ficam a mercê de exigências externas, por mais descabidas que sejam. Este parece ser o caso do Brasil atual. Cremos, todavia, que sempre é tempo de corrigir os rumos equivocados e, mesmo num mundo globalizado, fazer triunfar os interesses da nação (SANTOS, 2012, p. 78).

A sociedade moderna caracterizada pela industrialização. O que não há consequência, inevitavelmente, o termo “sociedade industrial²⁸”, se quisermos compreender. Ainda que a urbanização e a problemática do urbano figurem entre os efeitos induzidos e não entre as causas ou razões indutoras, as inquietudes que

²⁸ LEFEBVRE, Henri. O Direito à cidade. Nessa obra o autor descreve a relação entre o surgimento da cidade e a industrialização, com efeito, a urbanização e as relações sociais nesse contexto.

essas palavras indicam se acentuam de tal modo que pode se definir como sociedade urbana, ou seja, à realidade a nossa volta. Essa definição tem uma característica de capital importância (LEFEBVRE, 2011).

Como se pode ver no mapa (02), observar-se o município de Contagem e seus limites intermunicipais com as demais cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Com a imagem satélite pode se observar com maior nitidez as áreas de concentração urbana e áreas de vegetações. A região centro-sul e leste do município encontram-se a mancha urbana, ou seja, áreas de maior concentração populacional da cidade de Contagem, onde destaca-se toda concentração industrial, comercial, cultural e imobiliária.

MAPA 2 – Município de Contagem



Município de Contagem
Imagem de Satélite 2014- Sirgas 2000



FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CONTAGEM - MG	
Secretaria de Educação, 2018	
ELABORAÇÃO/COORDENADORIA	DATA
Secretaria de Educação/ SEDUC	Febrero, 2018
RESPONSÁVEL TÉCNICO	MÚLTIPLO
Thais Lima	01495204

Legenda

Limite de Contagem

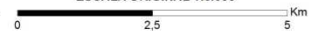
Divisas

Nome Município Divisa

- Belo Horizonte
- Betim
- Esmeraldas
- Ibitinga
- Ribeirão das Neves



ESCALA ORIGINAL 1:5.000



Com os elementos que agrupam se formando configurações espaciais de um lugar têm de passar por um estudo sistematizado, desde o homem até as

instituições que irão dirigir, juntamente com as firmas, e as formas de materialização da sociedade. Destrinchar as relações existentes nesses elementos, tornando os conceitos em realidades empíricas, favorecerá que se contemplem, no tempo e no espaço, as transformações (SANTOS, 2014).

No próximo mapa (03) está à Sede Administrativa de Vargem das Flores, onde está o bairro e a região de Nova Contagem, percebe se com maior nitidez as redes hidrográficas e a faixa verde da vegetação de Cerrado, que está entre a região central da cidade e o bairro e a região de Nova Contagem. Percebe se que a região e o bairro Nova Contagem encontra se distante da região sede administrativa da cidade, onde está os poderes municipais, centros de consumo, lazeres, esportes e trabalho.

MAPA 3 – Vargem das Flores



Município de Contagem
Vargem das Flores Hidrografia- Rede Urbana

FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CONTAGEM - MG	
Secretaria de Educação, 2018	
ELABORAÇÃO/SECRETARIA	DATA
Secretaria de Educação/ SEDUC	Febrero, 2018
RESPONSÁVEL TÉCNICO	MATRÍCULA
Thais Lima	01495204

- Legenda**
- Curso d'água
 - Lagoa
 - Limite de Contagem



Segundo Henri Lefebvre:

A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro) (LEFEBVRE, 2011, p. 12).

O mapa (04) apresenta o mapa político da cidade de Contagem, indicando as sedes administrativas da cidade em distintas cores, e os municípios que fazem divisas, são os de Betim localizado a oeste, Ribeirão das Neves ao norte, Ibirité ao sul, Esmeraldas a noroeste, Belo Horizonte a leste, e o limite municipal com as demais cidades da (RMBH) e a rede urbana do município de Contagem.

MAPA 4 – Município de Contagem: limites municipais



Município de Contagem - Limites Municipais



Conforme o seguinte mapa (05) demonstra as redes hidrográficas da cidade de Contagem que pertence a Bacia do Rio São Francisco formado por dois

de seus afluentes, o Rio Paraopeba e o Rio das Velhas. O município conta com quatro sub-bacias hidrográficas distribuídas, são elas bacia do Imbiruçu, bacia do Arrudas, bacia da Pampulha e a bacia de Vargem das Flores, sendo esta a maior bacia hidrográfica que está a barragem Vargem das Flores, pois, é de grande importância para a sobrevivência da fauna, flora e o abastecimento de água potável para o município e a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).

MAPA 5 – Município de Contagem: rede hidrográfica

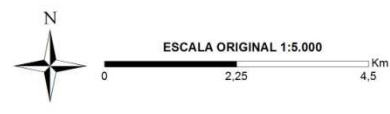


Município de Contagem - Rede Hidrográfica



FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CONTAGEM - MG	
Secretaria de Educação, 2018	
ELABORAÇÃO/COORDENADORIA	DATA
Secretaria de Educação/ SEDUC	Fevereiro, 2018
RESPONSÁVEL TÉCNICO	MATRÍCULA
Thais Lima	01495294

- Limite de Contagem
- Divisas**
- Nome Município Divisa**
- Belo Horizonte
- Betim
- Esmeraldas
- Ibirité
- Ribeirão das Neves
- Bacia Hidrográfica
- Curso d'água
- Lagoa

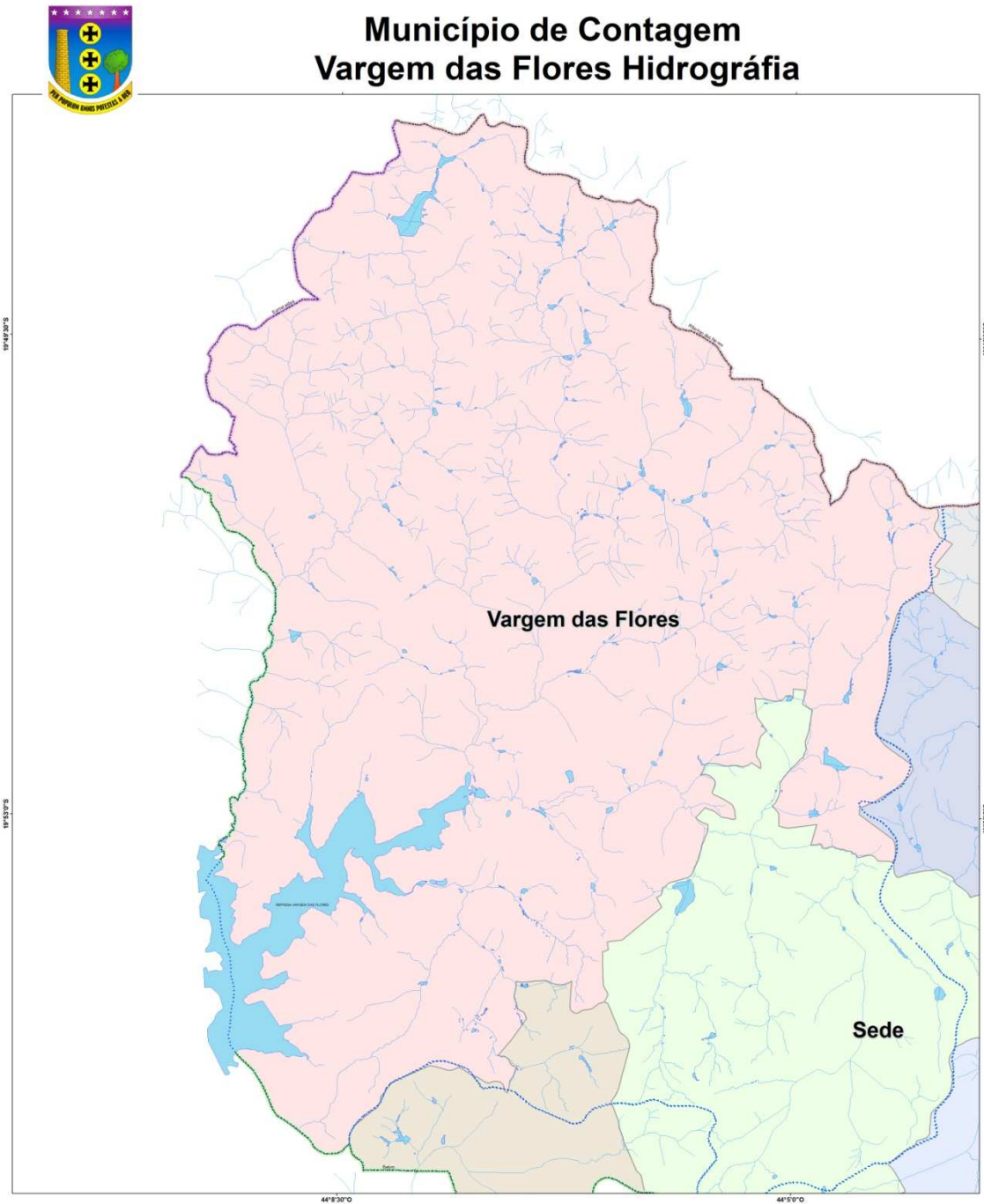


5.2 Sítio de estudo e pesquisa e área de estudo

O sítio de estudo foi na cidade de Contagem, pertencente à Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), Estado de Minas Gerais, Brasil. O estudo de caso foi o bairro e região de Nova Contagem que encontra-se na sede administrativa de Vargem das Flores, área que concentra a maior área verde do município. Segundo o Boletim de Informações e Dados Urbanos (BIDU) órgão da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano da cidade de Contagem realizado em agosto de 2014, consta no censo de 2010 o bairro e região de Nova Contagem contam com uma população de 46.463 pessoas residentes.

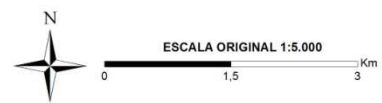
Conforme pode ser visto no mapa (06), na região noroeste do município de Contagem, pertence à sede administrativa da Vargem das Flores, a região está constituída por grande área verde de origem de Cerrado e importantes redes hidrográficas, o que a torna importantíssima para o abastecimento da cidade e da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), com isso, a importância de políticas públicas e a construção educacional para a conscientização da sociedade contagense para a preservação e o uso consciente desse recurso natural e estratégico para a cidade.

MAPA 6 – Município de Contagem: Vargem das Flores – hidrografia



FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CONTAGEM - MG	
Secretaria de Educação, 2018	
ELABORAÇÃO/COORDENADORIA	DATA
Secretaria de Educação/ SEDUC	Fevereiro, 2018
RESPONSÁVEL TÉCNICO	MATRÍCULA
Thais Lima	01495294

- Bacia Hidrográfica
- Curso d'água
- Lagoa
- Limite de Contagem



A Represa Vargem das Flores ficou pronta em 1974, formando um reservatório de água com a finalidade para o abastecimento público. A obra foi

realizada em convênio entre os municípios de Contagem e Betim. O sistema da Vargem das Flores abastece cerca de 15%, da demanda de água potável para a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), aproximadamente 700 mil habitantes, cerca de 87% da bacia Vargem das Flores situa se no município de Contagem e o restante na cidade vizinha de Betim (PIRONI, 2011).

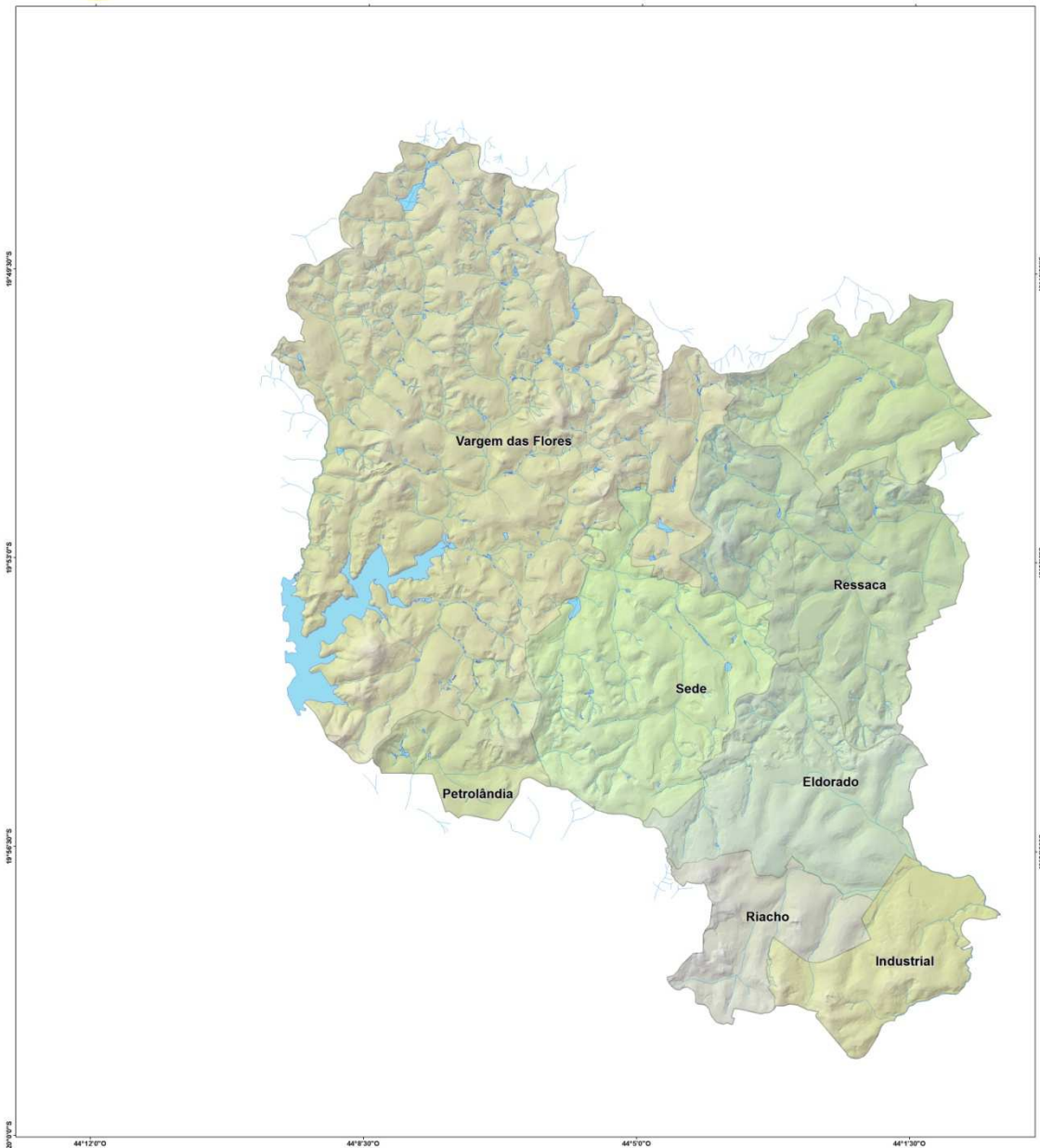
Como pode ser visto no próximo mapa, A República Federativa do Brasil, seus Estados federados com a Região metropolitana de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais. O município de Contagem encontra se a oeste da capital mineira, contando com um significativo parque industrial e com fortes setores de comércio varejista e imobiliário, o que beneficia o município por sua localização estratégica, nesse cinturão urbano. Contagem articula se com três rodovias federais, são elas a BR-262, BR-040, BR-381 e duas estaduais, MG-050 e a MG-060, além de ter a Rede Ferroviária Centro Atlântica, que integram a cidade com os grandes centros do país e com interior do Estado.

com altitude máxima de 1.047 metros, o ponto mais baixo é 879 metros, local próximo ao ribeirão Betim (PIRONI, 2011).

MAPA 8 – Município de Contagem: relevo



Município de Contagem Hidrográfia- Relevo



FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CONTAGEM - MG	
Secretaria de Educação, 2018	
ELABORAÇÃO/REVISÃO:	DATA:
Secretaria de Educação/SEDUC	Febrero, 2018
RESPONSÁVEL TÉCNICO:	MATRÍCULA:
Thais Lima	01490204

Legenda

- Curso d'água
- Lagoa



O clima da cidade de Contagem é marcado por sazonalidade térmica e pluviosidade, clima denominado tropical de altitude, com temperatura mínima no inverno de 16,70°C em julho, no verão a média é de 27,10°C que podem ser registradas no período chuvoso, onde índice médio e de pluviosidade é 1.497,3 mm anual. A vegetação predominante é a do Cerrado, que encontra-se bastante devastada, o que há de vegetação do Cerrado é restrita, onde pode-se encontrar apenas nas matas de galerias e ciliares nos fundos de vales (PIRONI, 2011).

A realização da pesquisa iniciou-se do princípio na busca de fenômenos urbanos em conseqüências das desigualdades socioespaciais geradas pelas más distribuições de recursos econômicos, socioestruturais e infraestruturais para o planejamento e a construção de áreas urbanas que possam atender as mínimas exigências para uma melhor qualidade de vida nas comunidades urbanas, tais, como habitação, saúde, emprego e lazer. Para melhor realização e orientação da pesquisa foi realizado o método²⁹ histórico que orienta-se pelas ações e fatos do passado em busca de relações que possam demonstrar seus efeitos no presente.

Conforme Lakatos e Marconi

Partindo do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, é importante pesquisar suas raízes, para compreender sua natureza e função. Assim, o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que atualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 106-107).

Para construção do trabalho científico que possui como ponto central o estudo de caso com foco nos estudos sociais e as relações que a conduzem, alteram e a compõem, o método histórico pode orientar e ser aplicado, pois, ele recompõe as lacunas na análise do comportamento da sociedade atual, portanto, baseando-se nas estruturas institucionais do passado levará a identificar com maior clareza e percepção seus efeitos na atual conjuntura social urbana.

²⁹ LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Maria de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica, 2003. As autoras descrevem distintos métodos que podem ser aplicados em um trabalho científico, dentre eles o método histórico.

A área de estudo esta situada na região central do Estado de Minas Gerais, na cidade de Contagem, com a extensão territorial de 194, 586 km², pertencente à mesorregião metropolitana da capital mineira. A sede do município encontra se a 902 metros acima do nível do mar. A área do estudo foi à região e bairro de Nova Contagem, que encontra se a noroeste do município de Contagem, cidade pertencente à Região Metropolitana de Belo Horizonte(PIRONI, 2011).

Na área de estudo pode teve se todos os requisitos indagados pelos pesquisadores, ou seja, o estudo de caso, que pode ser interpretado através das observações em campo, como as relações dos moradores com o bairro, relações entre vizinhanças, perspectivas sobre o lugar de convivência e revisões bibliográficas que possibilitou o entendimento esclarecedor, confluindo aspectos sócio-espaciais, econômicos, políticos e cultural, abrangendo todas as relações mutáveis de tempo e espaço sobre a área de estudo.

Como declara Ana Fani Alessandri Carlos:

O lugar, portanto, liga-se de modo inexorável à realização da vida como condição e produto do estabelecimento das relações reais indispensável a ela, mas a produção da vida e do lugar revela necessidade de sua produção continuada. Deste modo a noção de produção (e conseqüentemente a de reprodução) é fundamental para o entendimento desse processo, como já foi apontado. Trata-se da elucidação de um movimento que envolve a produção e suas relações mais gerais, o que significa, neste contexto, que as relações sociais ocorrem fora dos limites estreitos da produção de mercadorias e do processo de trabalho (sem, todavia, negá-la) para enfocar a vida em todas as suas dimensões (aquela que se desenvolve ligando momentos e lugares, como a casa, a rua, o bairro) criando uma trama de relações como trama dos lugares onde se destaca uma rede articulada que liga as práticas sócio-espaciais e é assim que a produção do espaço se realiza enquanto produção ininterrupta da vida (CARLOS, 2007, p. 41).

5.3 Entrevistas

A entrevista e o encontro dialogado entre duas pessoas, onde uma delas tenha o interesse de obter informações sobre um determinado assunto, através de conversações de natureza profissional. A entrevista é um procedimento para a utilização de investigação social, para ajudar no diagnóstico, na coleta de dados ou num tratamento de problemas sociais (LAKATOS e MARCONI, 2003).

O encontro gerado pela entrevista tem como objetivo direto buscar opiniões e informações através de conversação metódica que é proporcionada ao entrevistado para obter resultados da indagação durante a entrevista, pois, o

entrevistado ele é um importante fornecedor, atuante e participante nas relações próximas ao caso de estudo daquele contexto, por isso, a entrevista é um importante instrumento de trabalho para as buscas em campo, que é uma fonte primordial para o embasamento na construção dos dados levantados ao final da pesquisa e estudo de caso.

Conforme Ana Fani Alessandri Carlos:

Portanto, o plano do lugar pode ser entendido como a base da reprodução da vida e espaço constituição da identidade criada na relação entre os usos, pois é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro, criando uma relação de alteridade, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida conferindo-lhe sentido. É assim, por exemplo, que a cidade enquanto articulação de lugares produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo e cria identificações (CARLOS, 2007, p. 43).

A entrevista tem como objetivo buscar as relações que ocasionam os fatos na busca de informações e acontecimentos que possibilitam um acesso direto com a testemunha do objeto de pesquisa. Pois, o entrevistado é a porta voz, observador, participante, mediador e colaborador são os atributos que o favorece para se compreender determinado assunto ou problema existente naquele contexto vivenciado por ele. Portanto, a importância do entrevistado deve ser conforme a sua disposição em receber e dialogar com o entrevistador, não seguir o horário e desejo deste, mas sim a conformidade e desejo do entrevistado para que possa relacionar-se de forma confiável, segura e amistosa.

Como afirma Yin:

Uma mente indagadora é um importante pré-requisito durante a coleta de dados, não apenas antes ou após a atividade. (...). Uma percepção que se deve ter ao fazer boas perguntas é compreender que a pesquisa baseia-se em perguntas e não necessariamente em respostas. Se você é do tipo de pessoa para quem uma resposta tentadora já leva a uma quantidade enorme de novas questões, e se essas questões eventualmente se juntam a algum estudo significativo sobre como e por que o mundo funciona desta maneira, é provável que você seja um bom entrevistador (YIN, 2003, p. 82).

Para a realização das entrevistas dessa pesquisa utilizou-se a entrevista estruturada³⁰. Portanto, é aquela que em que o entrevistador utiliza um roteiro previamente estabelecido, onde as perguntas feitas ao entrevistado são

³⁰LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Maria de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica, 2003. As autoras nesta obra descrevem as possíveis bases conceituais e sistematizadas para a elaboração metodológica de um trabalho científico.

determinadas. Segue um formulário elaborado de acordo com a preferência e indivíduos selecionados conforme o plano executado. Mas o pesquisador não tem a liberdade de alterar a ordem dos tópicos ou realizar outras perguntas e não adaptar perguntas a determinadas situações (LAKATOS e MARCONI, 2003).

Portanto, as entrevistas não devem ser apenas realizadas com perguntas previamente estabelecidas, entretanto, esse é o primeiro requisito básico para a construção das entrevistas estruturadas, e não a espera de respostas pré-condicionadas pelo entrevistador, ou seja, não se baseia apenas em perguntas e respostas esperadas, mas na aproximação do pesquisador passada para o entrevistado concedendo-lhe maior tranquilidade, confiança e liberdade nas suas respostas e opiniões.

Com isso, ao entrar em primeiro contato do pesquisador com o informante deve-se demonstrar uma aproximação, amigável, amistosa, confiável e explicar o objetivo da pesquisa, desde o primeiro momento, seu propósito, importância, relevância, finalidade e acrescentando o caráter confidencial nas suas respostas e informações do entrevistado e ressaltar a necessidade de sua colaboração para a construção da pesquisa.

Para o melhor ato de compreensão e entendimento para a reflexão da resposta externada pelo entrevistado é o saber ouvir com clareza, responsabilidade e ética, e o teor da resposta, pois assim, pode-se chegar ao propósito fundamental do objetivo da pesquisa, e poder-se chegar à realização dos tratamentos de dados com maior segurança e confiabilidade perante o objeto do estudo construído, seguindo rigorosamente padrões éticos e profissionais pelos pesquisadores.

De acordo com Yin:

O ato de ouvir envolve observar e perceber de uma maneira mais genérica e não se limita a uma modalidade meramente auricular. Ser um bom ouvinte significa ser capaz de assimilar um número enorme de novas informações sem pontos de vista tendenciosos. À medida que um entrevistado relata um incidente, o bom ouvinte escuta as palavras exatas utilizadas (algumas vezes, a terminologia reflete uma importante orientação), captura o humor e os componentes efetivos e compreende o contexto a partir do qual o entrevistado está percebendo o mundo (YIN, 2003, p. 82).

5.4 Tratamento dos dados

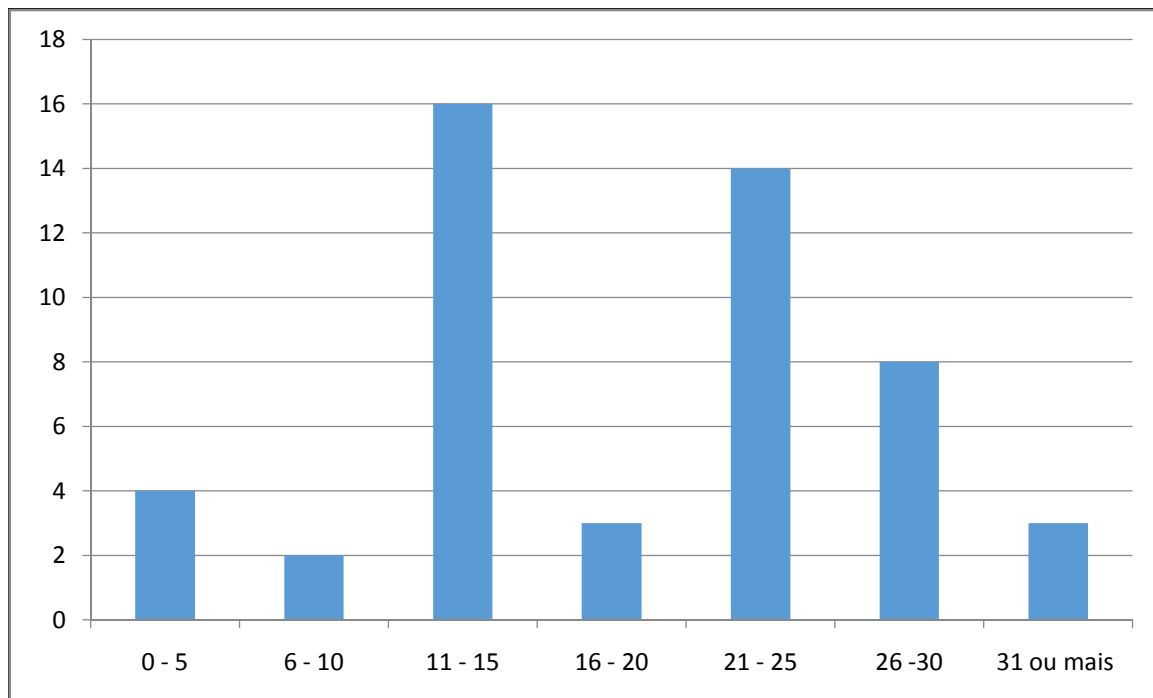
O questionário³¹ a seguir foi elaborado de acordo com os pontos que indagaram os autores do trabalho no que se refere aos itens básicos e serviços prestados da parte do governo e empresas privadas que prestam serviços para a população, serviços esses como telefonia, internet, redes bancárias e distribuição e vendas de alimentos, e por parte do governo serviços como transporte público, saneamento básico, distribuição de energia elétrica, saúde básica, segurança pública e educação, além de querer saber se a implantação de um aparelho do estado no caso a Penitenciária Nelson Hungria, e qual é a influencia que esse aparelho tem na comunidade.

Baseado nas leituras utilizadas para elaboração do presente trabalho considerou que as perguntas escolhidas foram importantes para podermos tirar as conclusões sobre as questões que indagará ainda no início do projeto da pesquisa, sendo que o questionamento da dupla era sobre se as condições básicas para a população eram prestadas e se atendiam com qualidade tornando o assentamento viável para ali se instalarem e estabelecerem família dando continuidade à rede que interliga todo o funcionamento de uma sociedade.

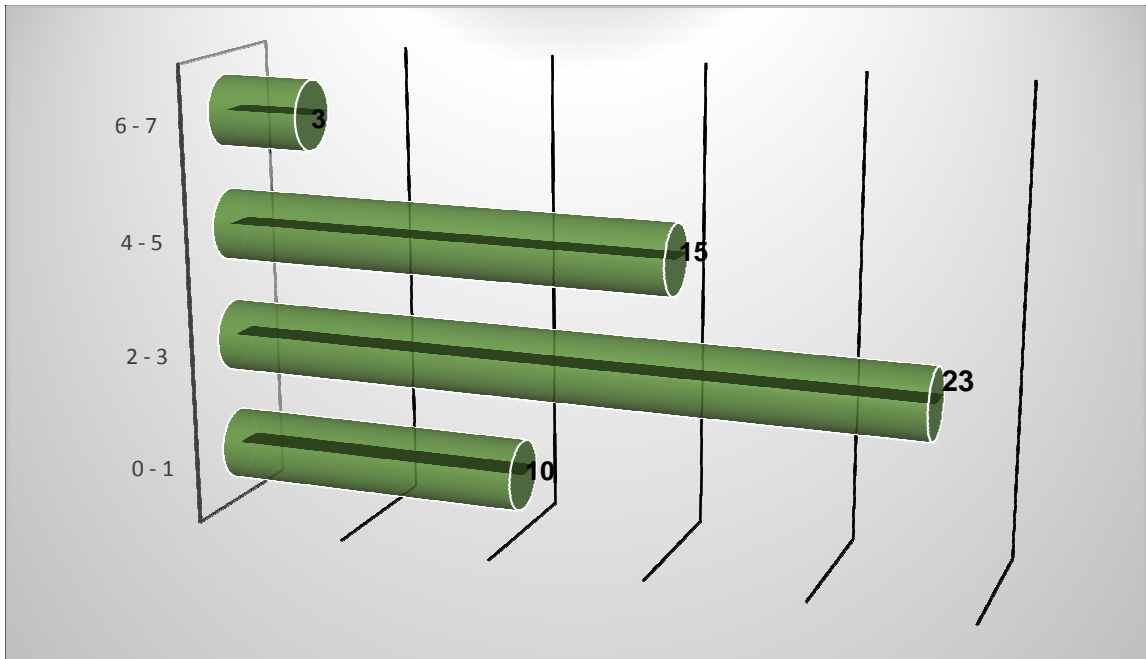
Num todo, ainda que mesmo com a distância entre a sede do município de Contagem com a localidade escolhida para realizar a pesquisa, o bairro e região de Nova Contagem, na regional vargem das flores, traz a dúvida se o município fornece com qualidade os serviços básicos para toda à comunidade, tornando o acesso aos aparelhos públicos facilitado e a prestação de serviços por parte das entidades privadas com o intuito de gerar comodidade e uma boa condição de viver na região.

³¹LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Maria de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica, 2003. Foi discutido e explorado especificamente no capítulo 3.4 os conceitos de questionário e entrevista.

GRÁFICO 1 – Tem quanto tempo de residência (em anos) no bairro de Nova Contagem?



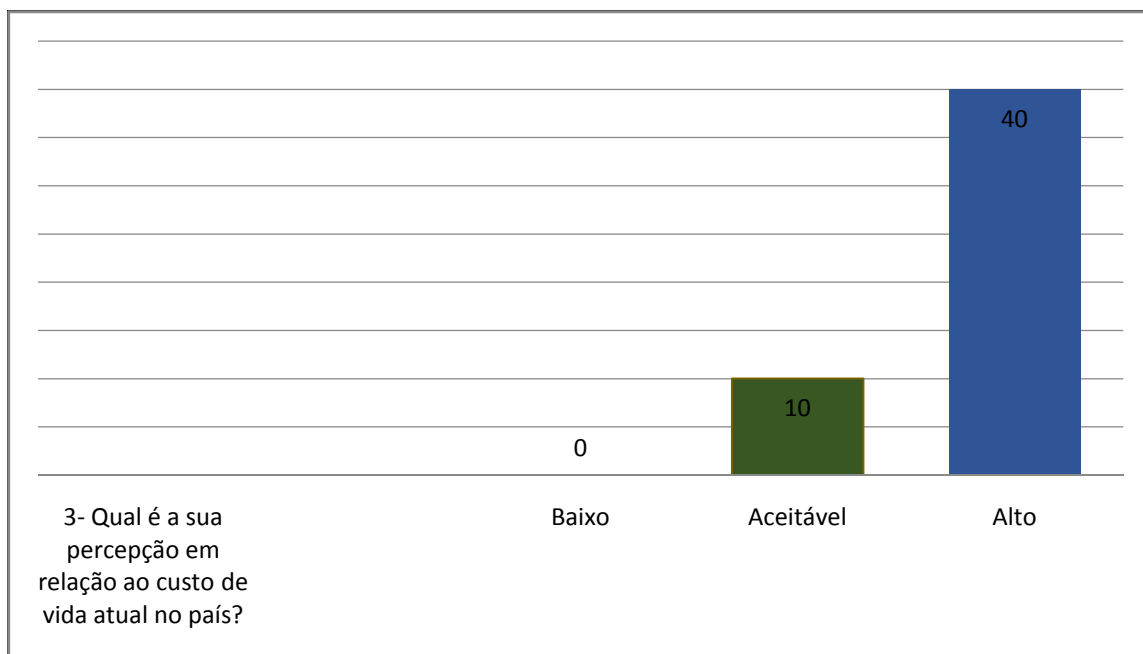
Para os autores foi de suma importância primeiramente saber a quanto tempo o entrevistado reside no bairro de Nova Contagem, local da pesquisa, para assim dar sequência no questionário. No gráfico percebe-se que os moradores em sua maioria são residentes antigos, que chegaram juntamente com a criação do bairro, a também um grande fluxo de novos moradores que chegaram a partir da década de 2.000 onde se ampliou as políticas públicas de infraestruturas, saneamento básico e o crescente comércio na região de Nova Contagem.

GRÁFICO 2 – Qual é a sua renda familiar, em salários mínimos?

A renda familiar baseada na quantidade de salários mínimos que compõe a receita da família engloba nessa pergunta todos os indivíduos que moram na mesma casa e juntam suas receitas individuais para um bem em comum que é a qualidade de vida e bem estar da família.

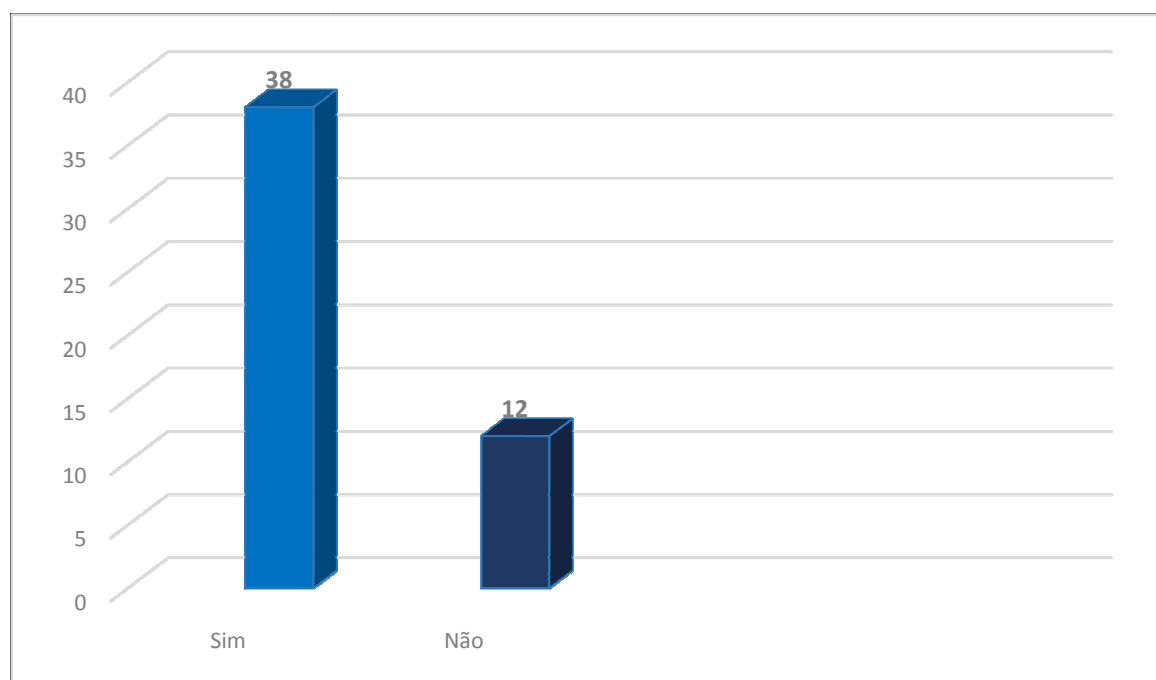
Tendo em respeito pelos entrevistados não foi perguntado quantas pessoas moram na casa e desses totais quantos contribuem para as despesas da família em geral, pois, se trata de maneira respeitosa e amigável um assunto que pode constrangir os entrevistados se ultrapassar os limites do planejamento³² e estrutura do questionário.

³² YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos, 2003. Exemplificado no capítulo 3.1 Estudo de Caso.

GRÁFICO 3 – Qual é a sua percepção em relação ao custo de vida atual no país?

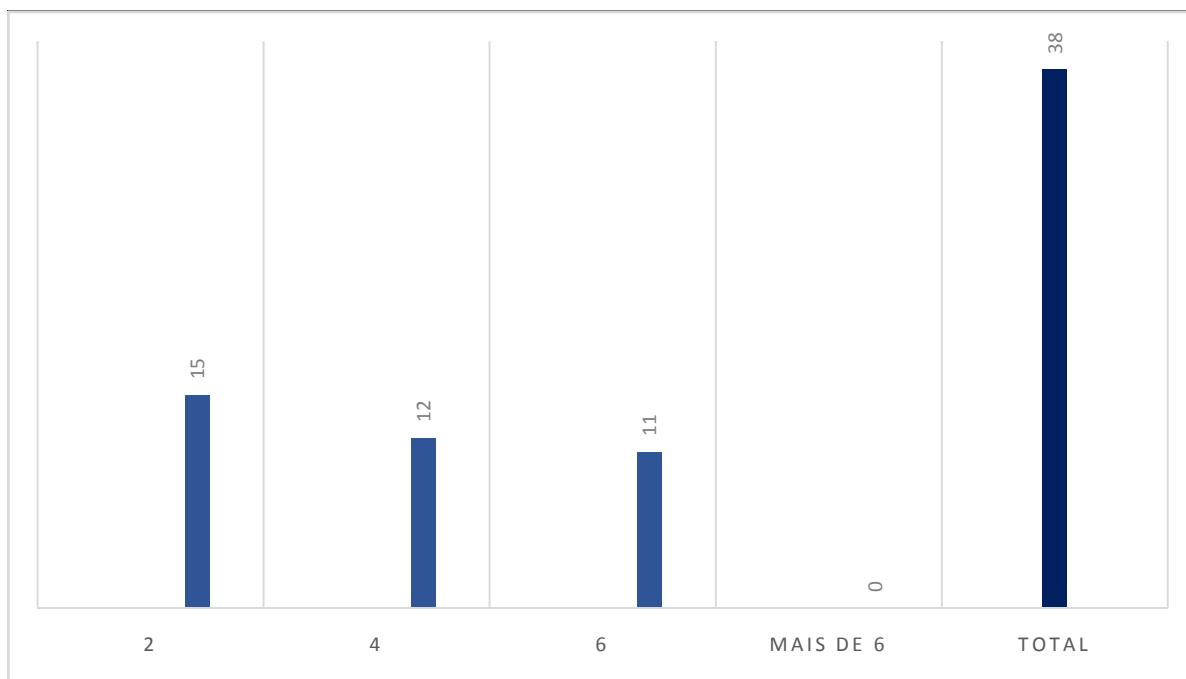
Levando em consideração a renda e a despesas muitas das famílias dizem que o custo de vida é alto por que quando se soma os valores gastos com alimentação, transporte público, preço de combustível para veículos e o do gás de cozinha, mesmo em famílias onde a receita é em torno de 6 – 7 salários mínimos entendem que se for pra colocar na ponta da caneta as contas acabam a recorrer ao uso do cartão de crédito em certas épocas do mês para complementar as compras de itens básicos de alimentação ou combustível de acordo com a necessidade.

Por outro lado tem uma parte dos entrevistados que somam 10% do total, dizem ser aceitável ser for levar em consideração a qualidade de vida da família há alguns anos anteriores onde os principais mantenedores da casa encontravam-se desempregados e ainda tinham filhos menores que não eram inseridos no mercado de trabalho.

GRÁFICO 4 – Você usa o transporte público como meio de transporte principal?

Foi de muita importância saber se os entrevistados utilizam o transporte público para poder dar sequência na pesquisa, e como é um item básico e de responsabilidade do estado ainda que gerido por empresas privadas é essencial para a promoção do local para o mercado no que se refere como atrativos de um futuro empreendimento imobiliário e para a população que é a maior beneficiada com a prestação desse serviço.

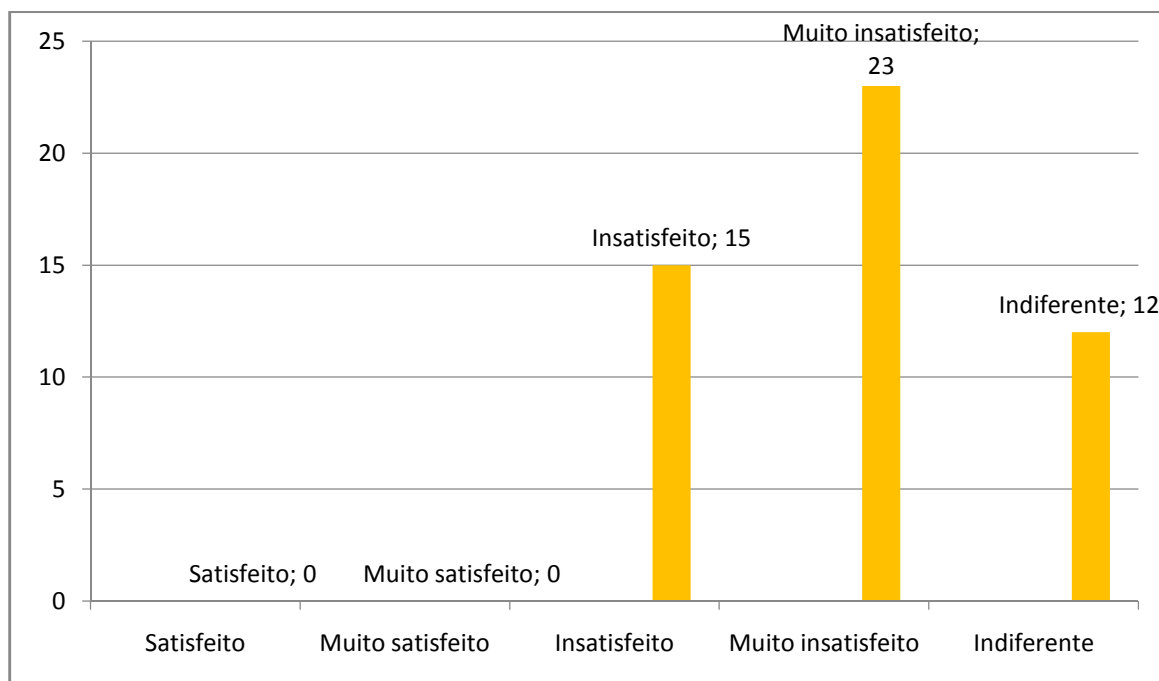
O que pode ser averiguado é que o serviço não atende a todos os moradores do bairro e região, de maneira homogênea, com certos horários de coletivos reduzidos e o alto valor cobrado pelas passagens, que limita os moradores para poderem conhecer e desfrutar de outras regiões da cidade, já que o município conta com centros culturais, artísticos e comerciais concentrados na região leste, com maior concentração urbana e próxima a capital, e o outro descontentamento é a má qualidade dos ônibus, antigos e mal conservados.

GRÁFICO 5 – Se sim, quantas passagens você utiliza por dia?

Foi perguntado sobre quantidade de passagens utilizadas por dia pelo os entrevistados para ter uma noção de quanto o serviço é importante para cada um de acordo com suas necessidades de deslocamento para trabalho, escola, faculdade e retorno ao lar. O gráfico refere a quantidade de passagens gastas pelo usuario na sua jornada diaria.

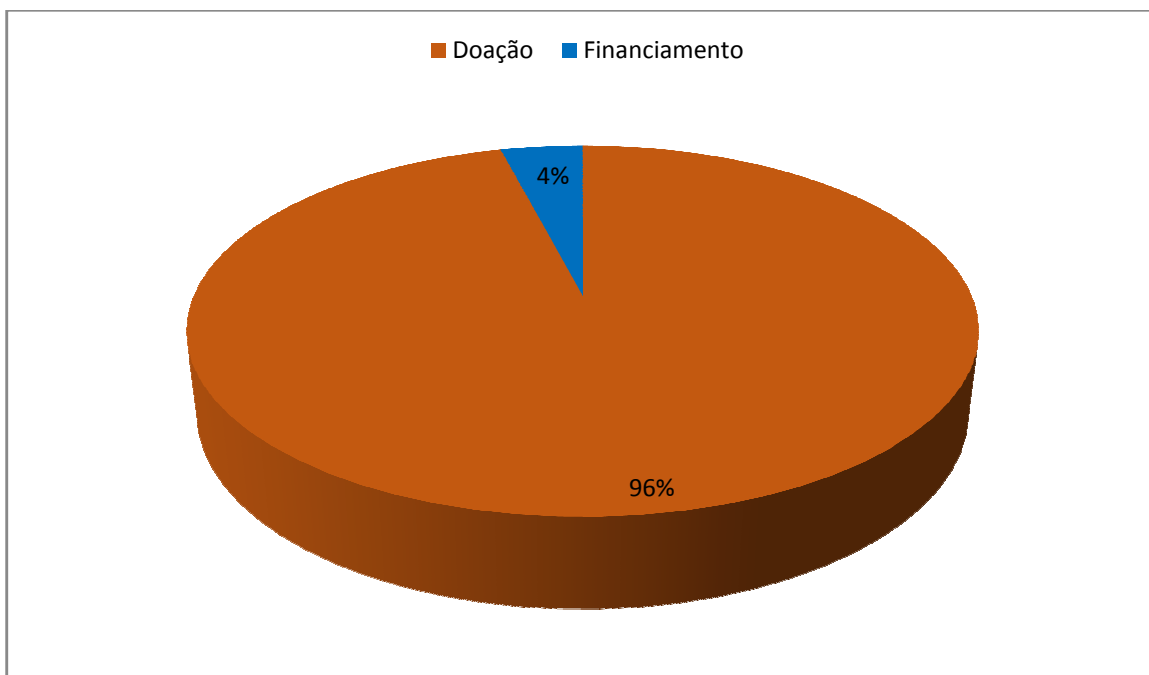
O grupo que corresponde à 2(duas) passagens por dia dentro dos 38 entrevistados somam 15 (quinze) pessoas, e o grupo que utiliza 4 (quatro) passagens somam 12 (doze) usuarios, já o grupo que faz o uso de 6 (seis) tarifas diárias representam 11 (onze) individuos, somando 38 que de forma percentual transformam em 19% de 50 pessoas entrevistadas.

GRÁFICO 6 – Em relação à qualidade do transporte público qual é o seu nível de satisfação?



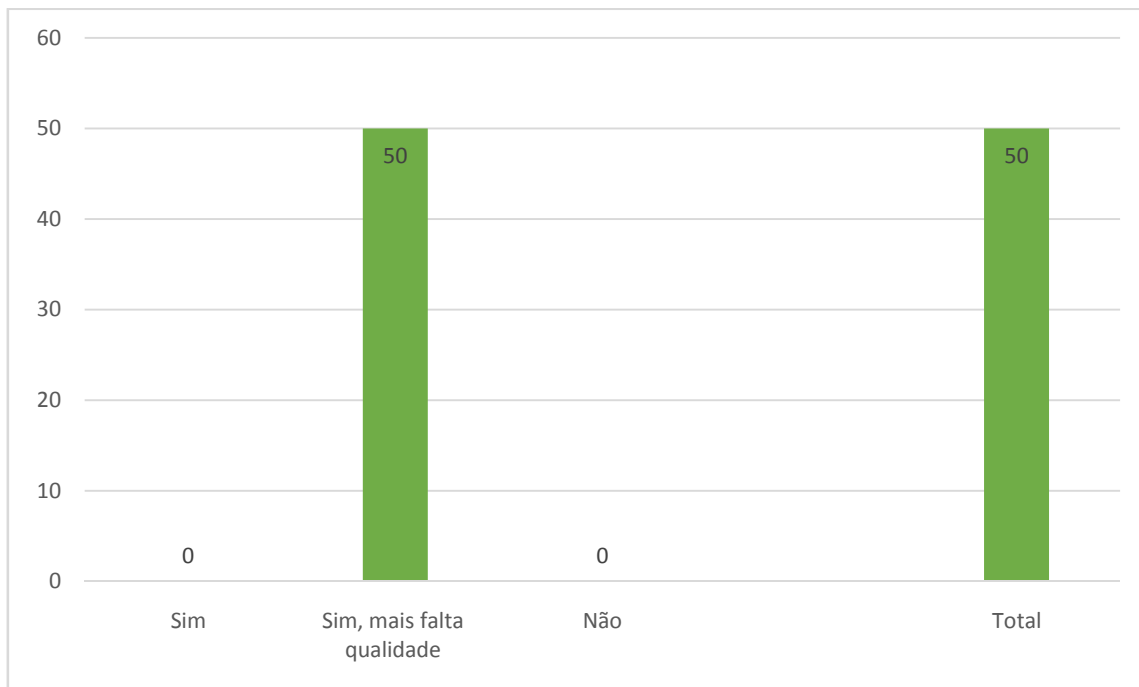
Os entrevistados ao ser questionados sobre a qualidade dos serviços prestados a população o gráfico mostra a total realidade enfrentada pelos moradores do bairro de Nova Contagem dentro dos coletivos que os transporta, sendo que os 12 (doze) que responderam como indiferente é por que não utiliza os serviços de transporte público como o principal meio de transporte.

E segundo aos 38 (trinta e oito) entrevistados que fazem o uso de tal serviço se revelam insatisfeito ou muito insatisfeito com a real situação dentro dos ônibus que circulam em serviço no bairro, relatando das péssimas condições dos coletivos e do quadro de horário dos ônibus que não atende a todos conforme suas necessidades.

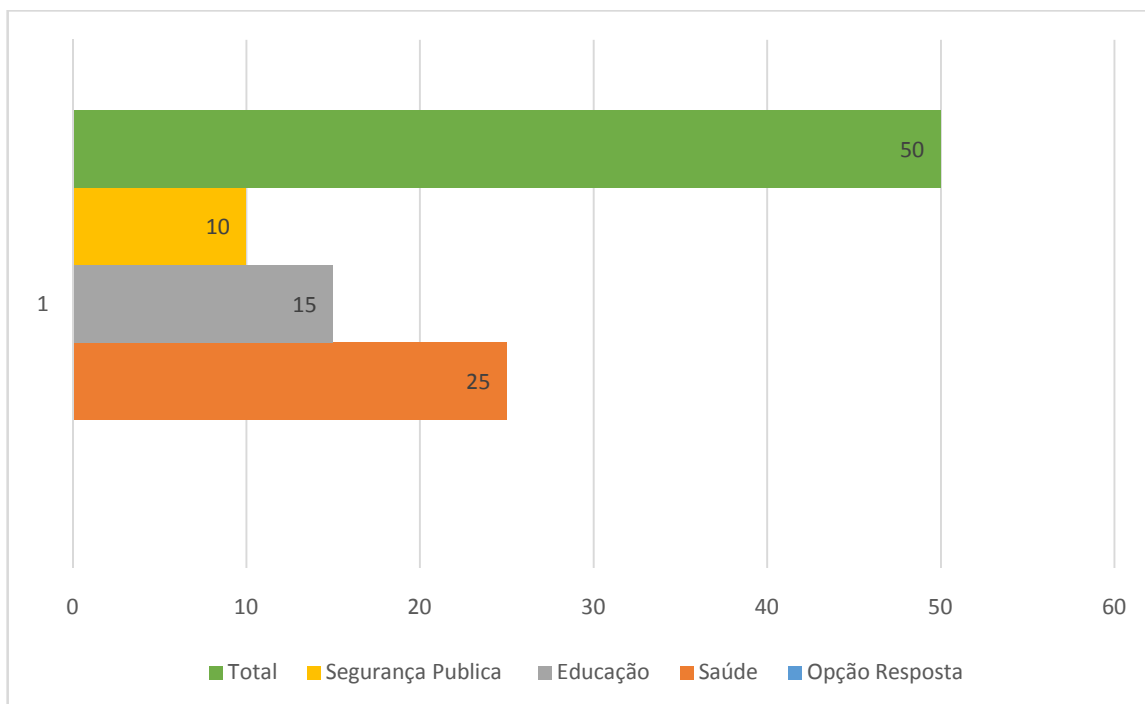
GRÁFICO 7 – Forma de aquisição do imóvel?

De todos os 48 entrevistados responderam que a aquisição do imóvel foi de forma de doação pela prefeitura do município de Contagem, e os dois (2) restantes, compraram seu imóvel financiados, pertencente a um programa habitacional de banco público, totalizando 50 entrevistados.

GRÁFICO 8 – Os serviços básicos como saúde, educação e segurança pública são prestados para a comunidade?



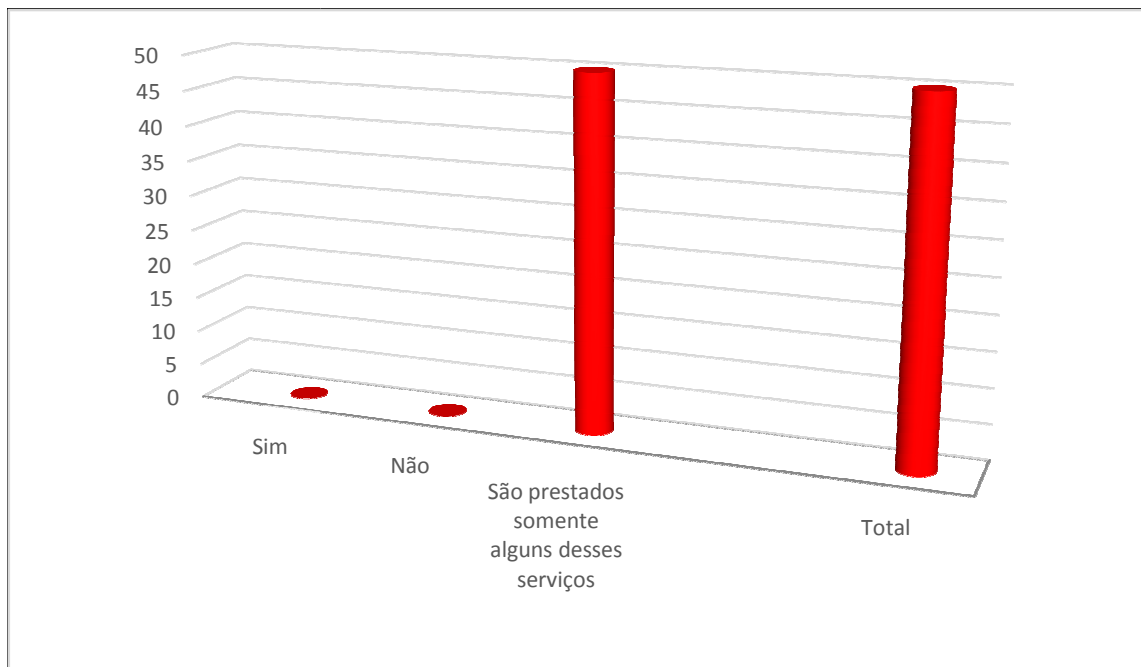
De acordo com os moradores, são prestados serviços básicos para a população sim, mais falta na qualidade do serviço e no atendimento, que geralmente falta medicamentos, servidores e a demora no atendimento. Entendem se que essa é uma realidade do sistema de saúde nacional, mais o objetivo da pesquisa era de fato saber se tais serviços são prestados adequadamente a população de Nova Contagem.

GRÁFICO 9 – Se sim, qual serviço apresenta a maior insatisfação?

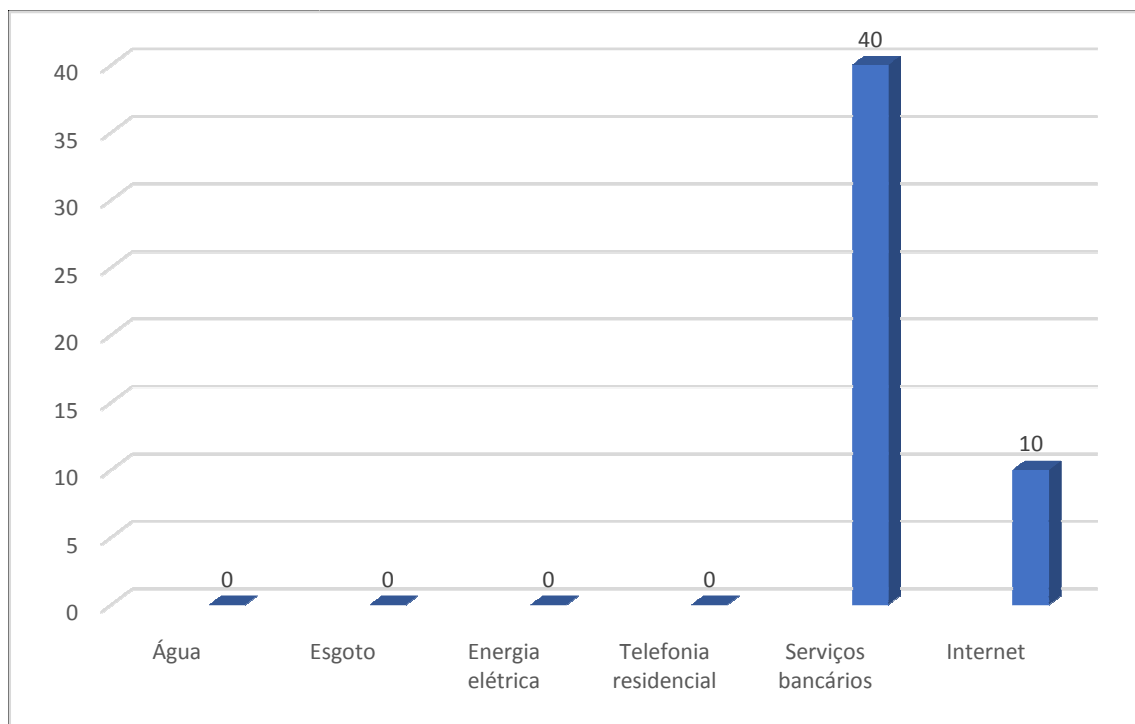
Segundo os moradores falta qualidade em saúde, segurança pública e educação sendo que a população local apresenta uma carência na área de saúde segundo os mesmos, ainda que tenha uma UPA (Unidade de Pronto Atendimento) no bairro esse serviço deixa a desejar por falta de médicos especializados. E nas UBS (Unidade Básica de Saúde) nos bairros a queixa é a mesma, segundo algumas mulheres entrevistadas faltam o médico ginecologista na UBS no bairro a mais de seis (6) meses.

Relataram que nas escolas já não tem o funcionamento noturno atribuem a situação devido à violência e a evasão escolar fato esse que já ocorre em muitas escolas no Estado de Minas Gerais e no Brasil. E ainda no quesito segurança pública os moradores reclamam pela demora no atendimento às ocorrências policiais que são feitas no bairro, embora fosse possível perceber que há um sentimento de descaso entre os mesmos, da polícia para com eles, porque o fato passado da região apresentar um alto índice de violência faz com que haja um preconceito velado aos moradores do bairro.

GRÁFICO 10 – Serviços como água, saneamento básico, energia elétrica, internet, telefonia residencial e serviços bancários são prestados na região?



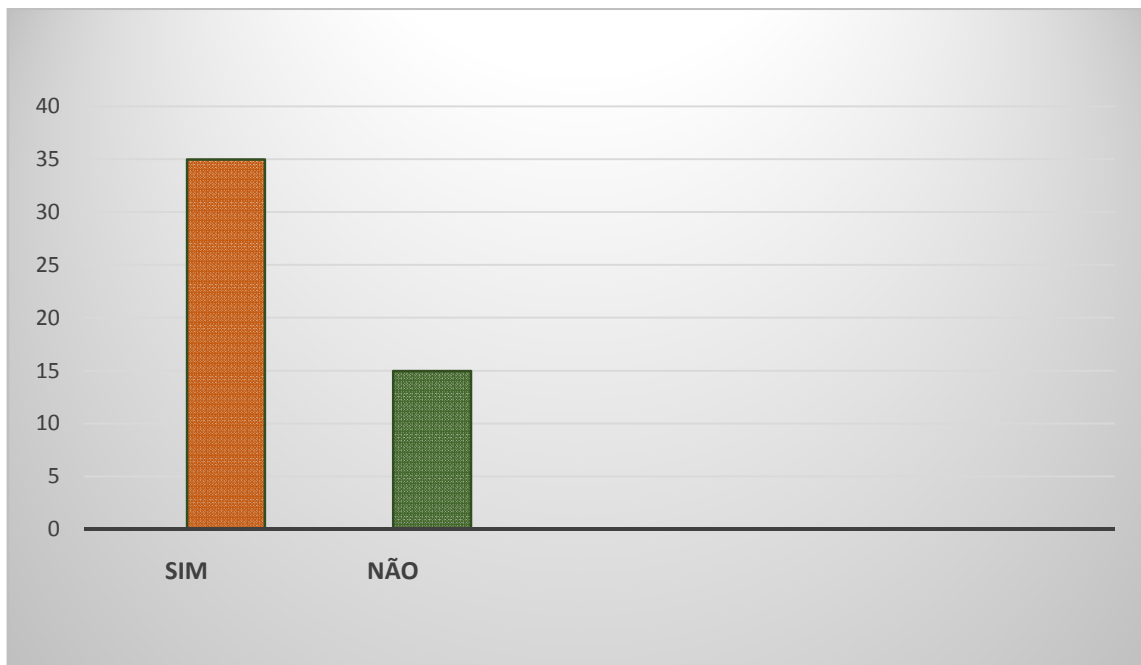
São prestados somente alguns dos serviços citados na pergunta e as próximas perguntas relatarão melhor e especificamente sobre e quais são os serviços que faltam, pois, o descontentamento de tais serviços descritos pelos moradores deixa se muito a desejar em um bairro e região estratégica e em expansão demográfica, comercial e infraestrutural.

GRÁFICO 11 – Quais são os serviços que faltam?

Os moradores do bairro de Nova Contagem queixam a falta de serviços bancários para a região e de fato não tem nenhuma agência bancaria nem terminais 24horas. Existe uma lotérica na Rua Principal um (1) que atende ao bairro de Nova Contagem e a mais três (3) agências nos bairros circunvizinhos e somente.

Sobre serviços de internet os moradores se dizem presos á um monopólio de uma determinada empresa que leva internet via rádio para a região e que só em dezembro do ano de 2017 foi última visita dos pesquisadores ao local para o questionário e que uma empresa nacional do ramo estava colocando cabeamento para oferecer o serviço de internet de melhor qualidade e no preço mais acessível à população.

GRÁFICO 12 – O fato de existir um presídio na região atrapalha na promoção da mesma para investimentos empresariais ou empreendimentos imobiliários?



Quanto ao fato de ter um presídio³³ na região os moradores consideram como um fator negativo que enfraquece a promoção do local como atrativo de empreendimentos empresariais imobiliários a partir disso faz com que os órgãos de planejamento urbano deixem a região e a população à margem, ou seja, nos últimos planos de investimentos na cidade e que tal situação implica na atual realidade em que se encontra o bairro de Nova Contagem e região.

³³ Descrito e apresentado no capítulo 3.2 com imagem e foto.

6 CONSIDERAÇÕES

O propósito deste Trabalho de Conclusão de Curso é apresentar a necessidade de políticas públicas que envolvam a participação da sociedade revedo que cada localidade envolve seus bens materiais e imaterias na construção do seu habitat, não contando somente com os grupos corporativistas públicos e empresariais, que condicionam a acessibilidade, produção e reprodução do capital que ocorre via exploração do espaço geográfico.

Foram utilizados diversos meios para a construção da parte teórica do trabalho ede pesquisa estatística, tais como bibliográficas reconhecidas de livros, artigos, revistas e sites que contribuíram para o estudo de caso, pois, é uma questão estudada, pesquisada, desenvolvida e discutida metodologicamente por diversas áreas das ciências sociais aplicadas, é um fato que vem ocorrendo na contemporâneidade, devido aos efeitos do desenvolvimento desigual do capitalismo social urbano.

Demonstrar que o fato das desigualdades não é homogêneo, mas sim, construído por diversos agentes que atuam sobre a expansão e construção das cidades e que o capital privado tornou se unicamente o agente de transformação, construção e desconstrução de estruturas e infraestruturas nas áreas urbanas, onde esse poder é realizado mediante a especulção e apropriação do espaço social urbano.

Após o levantamento do material bibliográfico iniciou-se o trabalho investigativo in loco, onde é possível empiricamente fazer as relações e as hipoteses existentes dos efeitos da especulação imobiliária, na demanda por serviços públicos e privados nas áreas estruturais e infraestruturais do estudo de caso. Durante o trabalho em campo foram realizadas observações que pudessem ser aplicadas diretamente para os objetos estruturantes para a busca de confirmações do estudo de caso através das hipoteses de investigação a priori.

As especulações de grupos políticos e empresariais corporativistas apresentam se como a única forma de desenvolvimento social urbano, tais como; o acesso a moradia digna, saúde, educação, lazer, trabalho que são ações socioestruturantes e infraestruturantes para as cidades e o que passaram a ser os mecanismos da engenharia de estratificação e padronização social em que o

beneficiário desse ordenamento territorial termina sendo o capital especulativo e por último a sociedade como um todo.

Para a solidificação do estudo de caso foram realizados, levantamentos bibliográficos, observações empíricas, fotos, entrevistas e dados estatísticos, com o intuito da objetividade e dando liberdade aos entrevistados o que possibilitou abarcar com maior veracidade a inexistência e existência de demandas para a região e o bairro pesquisado. Com o fechamento levantados através do questionário e entrevistas pode se obter os dados estatísticos, organizados metodologicamente o que poderam ser mensurados e tratados, os resultados foram além do que os pesquisadores pressupunham diantedos antagonismos sociais urbanos existentes.

Com isso, a busca da presente pesquisa é para a reflexão social do local ao global sobre os processos que ocorrem sobre os nossos olhares dispersos ou por muitas das vezes condicionados pela alienação sobre o espaço urbano. A realizaçãoe da pesquisa e em especial para com os moradores do bairro e região de Nova Contagem, que amistosamente colaboraram com o projeto de pesquisa com informações pertinentes, construtivas e valiosas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. São Paulo: Zahar, 2007.

CABRAL, Helimar Souza. **Gerentes x líderes: Quem Faz a Diferença na Organização?** Belo Horizonte: FEAD-Minas, 2006.

CAMPOS FILHO, Cândido Malta. **Cidades brasileiras: seu controle ou o caos**. São Paulo: Estudio Nobel, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

DEBOR, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 13. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio**; O dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2012.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 27. ed. São Paulo: Nacional, 2000.

GOMES, Iara Rafaela, **Breve reflexão sobre o processo de metropolização no Brasil e hierarquias urbanas**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. O direito a cidade. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, n. 29, p. 79-89, jul/dez. 2012. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod_resource/content/1/david-harvey%20direito%20a%20cidade%20.pdf> Acesso em: 15 jan. 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEFF, Henrique. **Ecologia capital e cultura**. A territorialização da racionalidade ambiental. Petropolis, RJ: Vozes, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2011.

MAPAS APP. **Mapa de Nova Contagem, Contagem – MG**. Disponível em: <<https://mapasapp.com/mapa/minas-gerais/contagem-mg/2980-nova-contagem/>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **A valorização do espaço**. São Paulo. HUCITEC, 1987.

NOGUEIRA, Roberto. **Elaboração e análise de questionários**: uma revisão da literatura básica e aplicação dos conceitos a um caso real. Rio de Janeiro: Instituto de Pós-graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. **Paisagens do consumo**: São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2010.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Metropolização"; **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/metropolizacao.htm>>. Acesso em: 16 out. 2017.

PIRONI, Roberto. **Atlas Escolar**: histórico, geográfico e cultural. Prefeitura Municipal de Contagem: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONTAGEM. **História de Contagem**: de pequeno povoado a cidade referência para Minas e o país. Disponível em: <www.contagem.mg.gov.br/?es=historia_contagem&artigo=107194>. Acesso em: 15 fev. 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Produção e consumo do e no espaço**: problemática ambiental urbana. São Paulo: HUCITEC, 1998.

SANTOS, Milton. **A cidade como centro de região**: definições e métodos de avaliação da centralidade. Salvador: Ed. da Universidade de São Paulo, 1959.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SOARES, Luiz Antônio Alves. **Ordenamento territorial**: Coletânea de textos com diferentes abordagens no contexto brasileiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Semântica urbana e segregação: disputa simbólica e embates políticos na cidade “empresarialista”. In: VASCONCELOS, Pedro *etal.*(Orgs.) **A cidade contemporânea**: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**: núcleos urbanos na história, revolução industrial e urbanização, a cidade moderna - para onde? São Paulo. Contexto, 2012.

ULTRAMARI, Clovis; DUARTE, Fábio. **Desenvolvimento local e regional**. 2. ed. Curitiba. Ed, IBPEX, 2011.

VASCONCELOS, Pedro Almeida. **Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades**: A cidade contemporânea - segregação Espacial. São Paulo: Contexto. 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed: Porto Alegre: Bookman, 2003.